

Obras completas

de A. F. de Castilho

VII

A Primavera

VOLUME II



LISBOA
EMPRESA DA HISTÓRIA DE PORTUGAL
95, Rua Augusta, 95
1908

OBRAS COMPLETAS
DE
ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

VOLUME 7.º

VOLUMES PUBLICADOS:

- I — AMOR E MELANCOLIA.
- II — A CHAVE DO ENIGMA.
- III — CARTAS DE ECCO E NARCISO.
- IV — FELICIDADE PELA AGRICULTURA (1.^o vol.)
- V — FELICIDADE PELA AGRICULTURA (2.^o vol.)
- VI — A PRIMAVERA (1.^o vol.)
- VII — A PRIMAVERA (2.^o vol.)

NO PRÉLO :

- VIII — VIVOS E MORTOS — Apreciações moraes,
litterarias e artisticas.

OBRAS COMPLETAS DE A. F. DE CASTILHO

Revistas, annotadas, e prefaciadas por um de seus filhos

VII

A PRIMAVERA

TERCEIRA EDIÇÃO

VOLUME II



LISBOA

EMPRESA DA HISTORIA DE PORTUGAL

Sociedade editora

LIVRARIA MODERNA || TYPOGRAPHIA
R. Augusta, 95 || 45, R. Ivens, 47

1903

OS CANTOS DE ABRIL

IDYLLIO

O mais deslavado e insôso poemeto na primeira edição, eram *Os Cantos de Abril*. Só a invenção fôra boa; na execução e estylo revia um tão continuo desprimor, que me foi necessario demolir e reedificar. Portanto, com o mesmo titulo é obra diversa, muito melhor, mas não perfeita, porque já para a emenda da emenda não chegou a paciencia.

DEDICATORIA

A MEU PAE

É a educação o maior presente que de homem se pôde haver.

Vós, meu Pae, fizestes mais do que educar-me: superior a uma preocupação tão geral quão perniciosa, viste nascer o meu engenho poetico e não o destruistes; viste-o crescer e não o contrastastes; se não que antes lhe destes amparo, bafo e desvelos.

Eis aqui portanto um reconhecimento da minha gratidão.

Oxalá possam estes versos, que me afoito a vos oferecer, agradar-vos tanto como os CANTOS DE ABRIL, no silencio da noite e debaixo do parreiral da cabana, agradaram ao bom Menalca.

ADVERTENCIA

Notar-se-ha que por todos os poemetos d'este livro se dão sempre versos á infancia; e n'este Idyllio tem ella não uma parte, nem a principal, senão o todo. Se o *porque*, pode importar a alguém, agora lh'o direi brevemente.

*

Parece-me um menino, de todas as coisas graciosas que Deus fez a graciosissima.

Aquelle ajuntamento e consonancia de tantos dotes; formosura, d'elle proprio nem buscada nem sabida; graças que lhe ninguem ensinou; singeleza e candura; alegria, fraqueza, innocencia; e muito affecto, e muito mostral-o; e total descuido do porvir; e não o temer nada; e a poesia particular do seu dizer; e a sua grammaticazinha natural que a nós nos faz rir, coisas são estas que apoz si me levam esquecido e encantado.

No trato d'estes botões da humanidade, que veem abrindo, parece-me, e já pareceu a muitos, poderem-se lucrar boas vantagens: já não falo em seu bondoso contentamento, que talvez se pega, e na felicidade de recobramos horas de meninice, imitando-os, sem saber, a elles, como elles nos imitam a nós: falo porém no muito que o nosso espirito se acostuma então, a estremar o bom do máu, e a joeirar cá dentro o puro do impuro, para

nem por sonhos profanar o que das mãos da Natureza sahiu e se conserva santo. E demais: um menino não sabe nada, quer saber tudo, e por tudo nos pergunta. ¿Não é isto estar-nos pondo a caminho de muitos descobrimentos de verdades, e relações das coisas, que nunca aliás por nossa perguça ou descuido fariamos?

Muitas pessoas vejo, e faz-me pena, desamarem as creanças, desprezal-as, havê-las por menos de gente, tolher-lhes as falas, as obras de sua idade, e Deus sabe se também o entendimento. Eu por mim, quero-lhes muito, porque entendo que excedem em valia aos seus desprezadores, e sinto que a mim me levam grande vantagem em bondade e ventura.

De um ajuntamento esplendido mil vezes tenho fugido para elles; no campo, melhor que em nenhuma outra parte, saboreio esta doçura a meu contento. Todos os pequenos das aldeias em que tenho estado me conhecem, e sei que são meus amigos: apinham-se-me ao redor em me vendo; invento jogos, historias ou conversas para elles; divirto-os, divertem-me; uns com outros, e uns de outros, aprendemos.

*

Eram horas bem doiradas essas de minha vida, como as já tivera João Jacques, como as terão tido muitos, e como as poderão ter quantos as desejarem.

Lisboa 7 de Janeiro de 1837

OS CANTOS DE ABRIL

IDYLLIO

I

Por um serão de Abril suave e ameno,
Menalca, a bella Daphne, e seus tres filhos,
estava-n-se a folgar ante a cabana.
Por entre as parras do sonoro alpendre
a mansa lua cheia se enlevava,
espreitando esta rústica familia.

Menalca era já velho. Os justos deuses,
querendo premiar-lhe a larga vida
passada em os amar e amar aos homens,
de Cytheréa ao Filho haviam dito:

—«Filho de Cytheréa, entrega Daphne
por esposa a Menalca, a fim que o velho
remoce, vendo ao lar a mocidade,
e a virtude que tem o alegre em outrem.»

Amor nem sempre aos deuses obedece;
porém amava a Daphne; entrançou logo
a florente cadeia, e vendo-os prezos,
tanto a si mesmo do que fez se aprouve,
que ficou sempre entre elles na cabana.

—«Filho de Cytheréa,—acrescentaram
depois os deuses—dá-lhe o teu retrato
em filhos, e uma filha irman das Graças,
a fim que em seu crepúsculo da tarde
o velho inda se alegre, e abraçe esp'ranças:
dá-lhe próle; o fadal-a a nós pertence.»

E Amor lhe déra próle: dois meninos
seu retrato, e uma filha irman das Graças.
Já rosas de Abril decimo florescem
no semblante de Silvia; um anno a vence
Tytiro; e vence a este um anno Alexis.

II

Menalca, em juncos molles estendido,
tem da esposa no candido regaço
como em ninho amoroso a branca fronte.
Pelas feições transpira-lhe bondade;
o mysticó luar o diviniza.
Daphne o contempla muda, e niveos dedos
de afagar umas cans sentem vaidade.
Elle a querida mão colhe entre as suas,
beijada a achêga ao rosto, os fracos olhos
derrama pelos céos alumiados,
e fitando-os na lua:

—«Olhae, meus filhos,

! olhae,—disse elle—como brilha a lua!
! Que suavidade e paz não cõa ao largo
o astro das noites! ! como attrái da terra
nosso espirito humilde a pensamentos
de outro mundo melhor, mansão de deuses!
! Que esp'ranças, de saudades misturadas,
não traz a pura noite ás almas puras!
! Dias que em vão suspiro, amenos dias
da minha mocidade!... agora jazo
como arvore das folhas despedida,
que mais não florirá, porque o machado
já lhe abriu marca para se ir ao fogo.
Então era eu cantor chamado ás festas,
e afamado por longe entre os cantores
na frauta e no rabil, porque os meus cantos
eram sempre á Virtude e á Natureza.
! Por uns serões assim, como acudiam
todos a ouvir-me! As Nymphas era fama
que desciam do bosque, e pelas sarças
vinham pôr mais de perto o ouvido á escuta;
e os ventos se detinham, recostados
aos duros troncos, sem bulir co'os ramos.
Té diziam que a frauta, em que eu tangia,
o benevolo Pan m'a déra em sonhos.

! E ora jaz, annos ha, de pó coberta!
Em tórno ao meu fogão já não se apinham
os pegureiros a aprender-me os cantos,
meu cabello nevou, nevou minha alma.
! Ah! se não fosseis vós, Daphne, meus filhos,
vivido tenho assaz, pedíra aos numes
tornar a ver meus paes n'outras cabanas,
onde é perpetua a luz, e a eternidade
uma estação de musicas e flores.
Quando eu lá renascer á vossa espera,
á tua espera ó Daphne, á vossa, ó filhos,
resurgirá comigo a minha frauta;
e com ella enganando aquella ausencia,
penosa até no Elysio, em versos novos
louvando os Immortaes, e eterno eu mesmo,
pedir-lhes-hei comtudo que só tarde
vos levem para mim; que vos derramem
de virtudes e bens copiosas benções
sempre n'esta cabana, onde hei nascido;
e que no meu sepulcro o passageiro
diga parando:—Oh bom pastor Menalca,
leve te seja a terra, e tu contente
porque os teus filhos te excedêram todos.»

Aqui sentiu cahir na fronte calva
uma calada lagrima, e doêu-lhe
ter nublado o prazer de seus Penates.
Senta-se, alegre o rosto, enchuga os olhos,
e unindo ao seio a esposa:

—«Ouvi meus filhos;
o cantar diz co'a noite, agrada á lua,
contenta á vossa mãe. Cantae louvores
d'este suave Abril; nunca em meus versos
deixei de o celebrar, quando era moço.
Os pastores de outr'ora Abril sagraram
a Venus, graciosa mãe de tudo.
Vêde-a n'aquella estrella estar sorrindo;
as glorias do seu mez são glorias d'ella.
Alexis, principia, eu te acompanho
co'a tua mesma frauta; os sons da frauta
dão como vida ás solidões da noite.
Seja a toada a que inventei (! quão lédo!)
no dia que nasceste, e a nossos olhos
se doirou de alegria esta cabana.
Bem a sabes; começa, e Pan te ajude.

III

ALEXIS.

Eu amo o verde Abril, porque é formoso,
todo está cheio de arvores vestidas.

TYTIRO

Eu amo o alegre Abril, porque é sonoro,
vem cantado por bandos de avesinhas.

SILVIA.

Eu amo o rico Abril porque é cheiroso,
espalha em cada prado um mar de flores.

ALEXIS.

A folhagem traz sombra, as sombra trazem
seus folgaes da sésta á gente grande,
e a nós para brincar franca licença.

TYTIRO.

As aves são dos ares alegria;
chamam na madrugada os perguiçosos,
e divertem na lide aos lavradores.

SILVIA.

Flores dão côr á terra, e cheiro ás auras;
flores são mães da fruta; os deuses rindo
as crearam, e rindo acceitam flores.

ALEXIS.

O Pan que está na gruta do arvoredos
não pára senão lá, por mais que o mudem;
signal que um bosque e a sombra apraz aos deuses
! Tudo ali é formoso á maravilha!
Por baixo a fresquidão, por cima o verde;
a terra de reflexos variada;
o tecto sonoro e movediço;
mais alto, o ceo azul, dado ás amostras.
? E que direis do rio entre arvoredos?
? Como se pintam na agua aquellas folhas,
e o vento que as revolve, e as pombas alvas
pelos ramos, e um sol desfeito em muitos!
Parece que no fundo do remanso
tem Pan outro arvoredos, igual em tudo.

Quando hoje eu lá passava, a Pan dei graças,
porque achei que um tal sitio encantaria
o meu Pae, teus passeios solitarios.

TYTIRO.

Fonte como a das Náíades nenhuma.
Cantam-lhe em volta passaros sem conto;
signal que o bando alado apraz ás Nymphas.
Por ali me regala ir espreitando
tantos ninhos por entre tantas folhas.
Admiro a perfeição d'aquelles berços,
e o tino com que os pobres de uns brutinhos
os souberam livrar a soes e a chuvas.
Aqui uma avesinha inda sem pennas;
outra a romper da casca; além uns ovos
branquejam d'entre o musgo, e já palpitam;
se os tóco, sinto dentro o passarinho,
e fujo com temor que a mãe o enjeite.
Ver as mães vir do pasto alvoroçadas,
darem o almoço aos filhos que pipilam,
e co'as azas e peito agazalhal-os!
E ver logo os maridos tão contentes
a gorgear-lhe á roda! o porque o fazem
mal sabeis vós; e cuidais que é divertil-as?
Oh! que não: é já dar lições e exemplos
de canto aos filhos seus: não de outra sorte
o nosso pae nos ensinou seus versos.

SILVIA.

C'roas frescas de rosas cada dia
de Cytheréa ás portas amanhecem;
signal que a Cytheréa aprazem flores.
Todo o anno era Abril se eu fôra a deusa!
Nunca no meu altar e ás minhas portas
faltariam montões de flores frescas.
Todas só para ti as cubicava,
ó minha mãe; com ellas te enfeitára
cada hora do dia; cada noite
as renovára ao leito onde tu dormes;
não porias teus pés senão em flores.
Se o passageiro ás vezes me pergunta,
quando me encontra á borda do caminho,
«Quem é a tua mãe?» eu lhe respondo
cheia de gloria: a minha mãe é Daphne.»
Hontem de tarde o gracioso Amyntas,

o pobre guardador das duas cabras,
quando o meu pão lhe dei, pediu-me um beijo,
chamou-me bella, e disse que o meu rosto
era como o de Daphne, ou como as rosas.
Sendo assim, bella sou, que outra pastora
igual a minha mãe não ha na aldeia,
nem flor em todo o mundo irman da rosa.

ALEXIS.

O visinho Milão, que hoje é tão rico,
não tinha mais que uma arvore, e de terra
só quanto aquella sombra lhe cobria.
«Corta-a, Milão,—diziam-lhe os pastores,—
alegras teu campinho, e terás lenha
para aquecer a choça um meio inverno.»
«? Eu ?»—respondia o triste,—? eu pôr machado
na boa da minha arvore ? primeiro
me falte lume alheio o inverno todo,
que eu mate a que a meu pae já dava séstas ;
a que de meu avô me foi mandada,
que a não poz para si ; e a que nos braços
me embalou tanta vez sendo menino.
Os deuses a existencia lhe dilatam,
que assim lhe quero eu muito, e o meu campinho
produza o que poder, que eu sou contente.»
Sorriam-se os pastores ; o carvalho
cada vez mais as sombras estendia,
e Milão de anno em anno ia a mais pobre.
Lembrou-lhe um dia, em bem, que uma videira
plantada a par com o tronco, o enfeitaria,
e os cachos pendurados pela cópa
lhe dariam tambem sua vindima.
? E eis que ao abrir a cova, acha um thesoiro !
Desde então ficou rico, e diz-me sempre,
que os deuses immortaes lh'o hão dado em prémio
por amar suas arvores. É elle
quem m'as ensina a amar, são d'elle os versos,
com que ao bosque de Pan cantei louvores.

TYTIRO.

Deuses, tocae o peito de Mirtyllo
por que não sáia mau quando fôr grande.
Hoje, entrando na matta, o vi lá dentro
andar armando aos passaros. ? Que pena,
disse em mim, não ser passaro um momento !

Não poder ir correndo o bosque aos pios,
e dizendo em cada arvore «Cautella
meus irmãozinhos do ar; vejo inimigo;
não saiais; o inimigo anda no bosque!»
Paciencia, assim mesmo hei-de acudir-lhes.
Vou-me por entre as moitas rastejando
até ao ouco e immenso castanheiro,
que abre em seu tronco uma portada de heras,
e se nomeia a casa de Silvano.
Trepo, e dentro me escondo; os meus vizinhos
lá por cima na cópa papeavam,
cuido que adivinhando o que eu faria.
Encosto a bocca á fresta carcomida,
que está fronteira ao portico da entrada,
e clamo em rouca voz «Pára, Myrtillo.»
Parou, ergueu-se, e poz-se a olhar em roda.
Vendo tudo em socego ás redes torna.
Com voz mais estrondosa e mais horrenda,
torno-lhe eu a bradar «Myrtillo, pára.»
Não esperou terceira: arroja tudo,
salta, vóa; oh que riso! uns eccos feios
lhe iam gritando apoz «Myrtillo, pára.»
Sumiu-se; á terra pulo, espreiro o matto,
acho as redes, os prezos solto, os mortos
levo-os onde ôlho de ave os não descubra.
Encho-as de pedras, na torrente as lanço,
e corro a procural-o—«Oh! tu não sabes,
lhe digo, de que morte escapo agora.
Não te engano, era um deus, vi-o eu, rangia
os dentes, bracejava uma alta foice,
vinha a sahir das sombras do arvoredado;
viu-me e gritou-me: «Pára». Eu páro e choro.
«És tu que andas armando ás minhas aves?
Pois eu vou dar-te o ensino; as tuas redes
já te lá vão por esse rio abaixo,
e agora has-de ir tu morto á caça d'elles.»
E então vem para mim, co'a foice aos lanços
cortando pelo ar—«Bom deus, perdôa,
lhe grito a soluçar co'as mãos erguidas,
eu sou Tytiro, o filho de Menalca,
as tuas aves amo, e temo os deuses.
Eu redes! eu caçar!»—«Estou perdido!
Disseste que eu...» Myrtillo me interrompe.
—«Não, Myrtillo, socega, eu não lh'o disse,
nem sabia que tu... falemos baixo

que nos não ouça o deus. Olha, este p'rito
passou, mas outra vez não te aventuras,
que eu bem sei como o vi, não te perdôa.
Deixa ás pobres das aves innocentes
divertir-te e cantar; nada mais querem;
não tens razão, não tens, de as perseguires.
Quanto ás redes, eu quero consolar-te:
ouve Myrtillo, acceita este cestinho
de cana entretecida em juncos verdes,
e este meu cajadinho em boa altura,
lizo, airoso, e sem nós. — Assim dizendo,
enfiei-lhe no braço o meu cestinho
de cana entretecida em verdes juncos,
e entreguei-lhe o cajado. Então Myrtillo
me abraçou, e saltando de contente,
jurou-me nunca mais armar ás aves.

SILVIA.

Glycéra por vaidosa é que ama as flores:
apanha-as para si, não para os deuses,
não lh'as merece a mãe, e alcança-as Mopso.
Quando em nosso jardim vejo Glycéra,
já me eu p'ponho a tremer: corta as melhores,
é seu costume; enfado-me, sorri-se;
choro, ri-se; e enfeixando-as, me repete:
Que te servem por ora estas floritas?
Deixa passar mais cinco primaveras,
e então sim, nem mais uma hei-de furtar-te,
pois sei te hão-de servir quaes me hoje servem.»
Coitada de quem é como eu menina,
que se manda esperar por primaveras!
Que podia eu fazer? queixei-me ás Nymphas.
Hontem, já pôsto o sol, quando eram horas
de logo vir Glycéra, a presumida,
que furta e vai cantando, ajoelhei-me
co'as mãos p'ostas por entre as minhas flôres,
e disse: «Como as arvores teem Nymphas,
que lhes moram lá dentro e as aviventam,
ha Nymphasinhas a velar nas flôres.
Nymphasinhas das flôres, escutae-me.
Se a rega, com que as folhas aquecidas
vos refresquei ha pouco, vos foi grata,
olhae por vós, fazei com que Glycéra,
como eu vos vi e ouvi, vos veja e oiça;
apparecei-lhe como a mim, por sonhos,

vestidas de mil côres, perfumadas,
pequenas, mui mimosas, e só outras
em não mostrar-lhe a ella um ar festivo.
Dizei-lhe como os deuses vos crearam
para amores de zéphiros, recreio
de borboletas e olhos, e formosas
copeiras do formoso mel doirado.
Dizei-lhe que tão bella e curta vida
não se deve encurtar, que as deshumanas
teem máu fim, que apesar de passageiras,
nymphas sois, e o Destino ha-de vingar-vos;
que, se tornar sacrílega a colher-vos,
vossos fragrantés ultimos suspiros
serão de queixa aos Ceos, e antes de tempo
as rosas no seu rôsto hão-de murchar-se.»
Como eu isto dizia, entrou Glycéra:
murchas trazia as rosas de seu rôsto,
não riu, nem colheu nada, e suspirava.
Penada de a assim ver, beijei-a, e disse:
«Se alguma d'estas flores te contenta,
eu mesma a vou cortar.» — «Não (me responde)
já não quero mais flôres; Mopso ingrato
as que últimas lhe dei deu-as a outrem:
como as flôres me enjeita hei-de enjeital o.» —
Ao que eu logo acudi:—«Vês tu, Glycéra,
falei verdade ou não? nascem as flôres
só para as nossas mães, e para os deuses;
dá-lh'as tu, e verás se hão-de enjeitar-t'as.

IV

MENALCA.

Basta meus filhos, basta; não ha sombras
tão gratas no verão, cheiro de flôres
tão suave, ou tão ledô canto de aves,
que me recreiem como os vossos versos.
Vinde, vinde, abracemo-nos, ó filhos.
Dei-vos eu a doutrina; ingenho os Fados;
mas os deuses virtude: alcatifae-me
de bem viçosa esp'rança o meu declivio:
dais-me o que nem pedir ousava aos deuses.
Antevejo a florir-me a sepultura...

DAPHNE

Entremos na cabana: aquella nuvem
quer encobrir a lua; ergueu-se o vento,
não tarda muito algum ljeiro orvalho.

NOTA AO IDYLLIO

Na muita rama que ao Idyllio decotei para esta segunda edição, ninguém, por mais que a cate, poderá achar fruto, nem sequer uma triste flôr, se a não é o passo que para aqui traslado, da fala de Alexis pag. 96 na primeira edição; ácerca do qual, e de tudo o mais quanto supprimi ou accrescentei, releva reclamar pela maior indulgencia dos leitores.

Não m'a negará quem já alguma vez houver experimentado, como de todas as coisas, que, parecendo tenues, são agras e laboriosas, a mais agra, laboriosa, e não sei se diga impossível, é poetar e metrificar as falas da infancia; caminho é esse que estreitissimo corre por entre precipícios, sendo maravilha que ahi os maiores engenhos se tenham e sigam sem cahir ou para a direita ou para a esquerda.

O primeiro e melhor juiz do homem candido é a sua consciencia; a minha me diz que os tres filhos de Menalca nem sempre, antes poucas vezes, falam como conviria. De sobejo são poetas para meninos e rusticos; e tanto, que se não fôra a resalva, que logo do comêço lhes vai lançada, de serem filhos de improvisador, e por elle doutrinados no canto, não haveria perdão que de ridiculos os salvasse.

Segue-se o excerpto, com todos seus defeitos e aleijões de nascença:

O MENINO ALEXIS

Ver-me no bosque de prazer me enchia;
quando Amyntas, chamando-me da gruta,
aonde estão de musgo revestidas
as imagens das Náyades da fonte,
assim me disse, dando-me uma rosa:
— «Eu te darei uma pequena ovelha,
toda branca, na testa só malhada,
se fôres ter com Egle, e lhe entregares
a rosa, que te dou, se lhe disseres:
«Egle, Amyntas por ti morre de amores.»
Beija-a depois na face, e continua:
«Egle, este beijo é do extremoso Amyntas.»
; Não a vês lá ao longe entre os salgueiros,
apascentando as candidas novilhas?
Corre; e não tardes a buscar a ovelha.»
Eu fui correndo a ella, dei-lhe a rosa,
beijeilhe a face, e disse-lhe: «Este beijo,
Egle, este beijo é do extremoso Amyntas.»
Nada me respondeu, sorriu-se, e as faces
como a rosa encarnadas lhe ficaram.
Abraçando-a depois, lhe disse alegre:
«Egle, Amyntas por ti morre de amores.»
Riu-se outra vez, e dando-me na face,
«¡Oh como tu és mau! vae-te», me-disse,
«não posso... não, não quero acreditar-te.»
Nada lhe respondi, voltei á gruta,
onde o Pastor contente e alvoroçado
me deu sem custo uma pequena ovelha
toda branca, na testa só malhada.
; Como a minha ovelhinha é bella, e mansa!
andei com ella todo o dia ao pasto
pela relva do bosque, etc.

A FESTA DE MAIO

POEMETO EM DOIS CANTOS

Se nos tres poemetos precedentes pude fazer muito mais do promettido no pròlogo, n'este último fica a minha palavra empenhada.

Pouquissimos de seus defeitos mais palpaveis cheguei a apagar, e esses quasi só de Linguagem.

Receoso de me vir a faltar o tempo ou o animo, se desde a primeira pagina do livro me começasse a esmerar seguidamente, fôra minha primeira occupação ir por todo elle despontando, á ventura e sem ordem, o que me apparecia pessimo, justamente como no prologo deixára promettido. Conheci logo que este trabalho era insufficiente: entrei no outro mais miudo e ordenado; refundi a oito a *Epistola*, o *Dia da Primavera*, os *Cantos de Abril*, nenhuma das quaes obras cheguei comtudo a lustrar. *A Festa de Maio*, por ser a derradeira, quasi ficou, e até nova edição (se algum dia se fizer) ficará, como era.

O maior bem que lhe pude fazer, foi abril-a em dois Cantos, para que o leitor achasse marco onde descansar em tão enfadonha e comprida estrada.

DEDICATORIA

AS SENHORAS DA LAPA DOS ESTEIROS

SENHORAS:

A segunda tarde, que passámos em festa na vossa Lapa, não tem jámais de nos esquecer.

O vosso gracioso e cortez descer a ouvir-nos, as caricias com que amimastes o nosso Maiosinho, dando-lhe entre vós assento, detendo-o nos regaços, beijando-o, ; como é que nos não haviam de captivar, a nós, que o cingiramos de suas galas, o sentáramos em throno, pôsto que menos para apetercer, e o levantáramos por divindade em nossos cantos?

Finalmente: aquelle vosso generoso trocar de nome á Lapa, querendo que por nosso respeito se ficasse chamando *dos Poetas*, em tamanhas obrigações nos pozeram, que as Musas nos acudirão para um dia vos provarmos que nós, sacerdotes seus, não somos ingratos.

A minha, de mais atrevida que é, me envia adiante, a tributar-vos este poema, que, pois o approvastes, já não é de vós indigno. E' presente de uma deusa do Parnaso; não podem as tres Graças rejeital-o.

HISTORIA

DA

FESTA DE MAIO

Pelas 3 horas da tarde do primeiro dia de Maio de 1822, já nós, a Sociedade dos poetas *Amigos da Primavera*, nos estávamos á sombra das arvores, pelo Encanamento do Mondego, esperando anciosamente o batel, que nos havia de tornar á Lapa dos Esteios, para celebrarmos a festa de Maio. De tantos que lá fôramos no dia da Primavera, só faltava *Anfriso*, em cuja vez recebêramos *Antiono*, mancebo mui dado a bons estudos, versado na lingua e poesia alleman, e autor já então de *Anacreonticas* e *Idyllios* de muito preço.

*

O suspirado batel acudiu cedo á nossa anciancia: todo toldado, alcatifado e cingido com mui curiosas invenções de verdes e flores, vinha parecendo o naviosinho do *Primeiro Navegante*.

Abica; saltamos-lhe dentro todos juntos; larga; vogamos contentes e cantando. Quem bem quizer pintar com a penna affectos do coração, não achára bastante um volume para historiar esta só tarde.

Desejára eu muito convidar cortezmente meus leitores a nos acompanharem, tomando seu quinhão em nosso folgar; mas não o posso; e ainda mal, que o de maior valia ficál-o-hão perdendo.

Iamos todos tão unidos em vontade, conformes em gôsto, feriadoss de cuidados, crentes naventura, cheios e cercados de poesia, e namorados da Natureza, que os todos só pareciam um, um só moço, transportado em bemaventurança.

*

Ora cantando, ora encarecendo, quasi adorando as varias gentilezas que a perto e a longe, e por toda a parte, se presentavam e renovavam de continuo, aportámos apoz uma hora, na formosa Lapa dos Esteios.

Erguemo-nos, vozeámos, voam do barco para o ceo foguetes que todo o ar estrugem, e para a margem os hymnos de uma orchestra que comnosco ia.

Diz a musica muito com todos os affectos da alma; mas do contentamento, onde o ha, faz alvoroço, que muitas vezes prorompe em lagrimas. D'esta maneira triumphal saltámos para o caes, voámos ao alto da Lapa.

Conhecia-nos o sitio pelos mesmos, desconheciamol-o nós por melhorado: obrados eram sobre a Natureza milagres de Maio.

Já as arvores alardeavam ás virações

montes de folhagem, que pelo ar se embalavam ao sol; era agora o rio ainda mais puro; os ares mais temperados e benignos. ¿Quereis haver alguma ideia da habitação das almas felizes? ¿quereis pintar os logares onde as nymphas, os faunos e Pan appareciam aos pastores innocentes na edade de oiro? entrae a Lapa dos Esteios pelos graciosos dias de Maio.

E' a Primavera nos principios uma linda menina; mas não sabe firmar o passo, balbucia, tudo teme, não se decide em nada; suas graças já se annunciam claramente, mas ainda se não desenvolveram; em Maio é moça toda viçosa de mocidade, a quem ledos cortejam Amores e Prazeres, cujo sorrir endoidece o pensamento, e vai entender com os corações.

Tinha a Natureza dado a segunda mão, e ultima, ao logar; mas a arte quizera entrar com ella á competencia, sem comtudo lhe desacatar a primazia: tudo estava varrido, e puro, e concertado de um sem numero de vasos de muitas, e finissimas flores.

*

No alto assentámos o altar do deusinho Maio. Todo elle era verdura; duas columnas artificiosamente fabricadas de flores, e rematadas em umas maçanetas de igual marmore, se alevantavam dos dois cantos da frente, e communicando-se no cimo por um semicirculo. que na materia e primor não desdizia do resto, ajudavam a formar um genero de portico bem vistoso e engraçado; os lados,

fundo, e abobada do recinto, eram de ramos verdes de todas as qualidades, bem entrelaçados, bordados de frescas e vermelhas rosas; no meio estava um assento pequeno, á feição de poial rustico, tecido de lustrosas heras, onde se via recostado o Maio em acto mui gentil, e com um geito todo seu.

Era um Menino de cinco annos, loiro como o sol, e alvo como a neve, cabellos crespos e annelados, cahidos por um e outro hombro. De roupagem, não tinha outra de seu que um aventalinho, que debaixo dos peitos lhe descia aos joelhos; o qual, assim como os listões que de cima dos hombros lhe vinham tomar encruzando-se por diante e pelas costas, estava reamado de cedro e buxo, com sua orla mui accessa de flores de romeira, cravos, e rosas. Calçava cothurnos de seda escarlata; ostentáva corôa de verdura; e do braço esquerdo como que acenava ás vontades com um cabazinho, farto dos frutos do seu tempo; e tudo por modo tal, que a bôcca se não sabia determinar se o diria nú ou vestido, nem a phantasia dos poetas se o queria simples menino, ou verdadeira divindade.

*

Mandámos por dois dos nossos visitar e convidar para a festa as amaveis senhoras, cuja é a Lapa, as quaes na quinta que por cima fica teem seu perpétuo domicilio.

Não tardaram. Recebemol-as como convinha, nós com a festa dos nossos musicos, e com muitos seus abraços as senhoras, que

abaladas dos annuncios de tão boa tarde, nos tinham feito a honra de acudir ao sítio.

Já era crescido o auditorio, e muito para contentar e accender engenhos. Fomo-nos uns a outros seguindo com os poemas que levavamos, os quaes, em fórma de rito religioso, se recitavam em pé diante do altar, fazendo a nossa orchestra uma harmoniosa ráia de poema a poema, que para tudo as tardes de Maio deixam tempo.

Poz-se-lhe remate com os vinhos e saudes de uma saborosa merenda, como á primeira tarde da Primavera se havia feito. Passou-se o serão parte pelas salas, outra parte pelo jardim das nossas hospedeiras.

*

A noite era uma das mais bellas de tal mez. A lua brilhantissima despedia até os horizontes um clarão quasi diurno, não se enxergando nuvem por todo o descampado do seu ceo; reflectia-se, e desenrolava sua alcatifa de movediça prata ao longo d'esse Mondego tão digno de seus amores. O ar era tão manso e quêdo, que as luzes, curiosamente distribuidas por entre os vasos de flores, nem de leve estremeciam; suave era de ver sahirem por toda a parte d'entre planta e planta uns reflexos verdejantes mui amigos dos olhos, muito mais da phantasia de poetas.

*

Prazeres que o coração estreou por uma noite assim enfeitada, não são para se poderem pintar.

Pouco tardou que a sociedade, como acontece, se não soltasse e dispartisse em ranchos pequenos. A musica, errante e fóra dos olhos, umas vezes folgando, suspirando outras, e outras como quem scismava algumas amorosas mágoas, ia-se já pelos arvoredos da quinta, já ribeiras do rio acima e abaixo, tão grata, que ainda não sei coisa que mais quizesse.

Muitos e muitas bailavam arcadicamente sob a abobada do ceo, em quanto nós outros, os que das Musas só fôramos fadados para versos, os estudavamos e repetiamos á porfia. Algumas semelhantes horas devia ter passado o primeiro que escreveu Elysios.

Era a noite crescida para muito alem do meio, quando nos despedimos; e lá foi cahir na eternidade um dia, que ainda agora me persegue saudoso, e apoz o qual nenhum outro veio semelhante.

A FESTA DE MAIO

POEMETO

CANTO I

I

¡Eia, amigos, ao campo! ha já tres horas,
que os Tyndáreos Irmãos no aéreo espaço
viram do meiodia o rosto ardente.

¡Eia, amigos, ao campo! as horas vôam,
e o Maio alegré ás festas nos convida.
Os zéphyros ligeiros, embalando
do parreiral a trémula folhagem,
ao rio, ao barco, estão chamando a turba.

O deus menino, o gracioso Maio
¿ não vamos celebrar na fresca Lapa?
¿ Pois que se tarda? os numes não consentem
no culto seu ministros perguçosos.
Chamae á pressa as pastoris Camenas,
tomae as flautas, coroe as fronte
co'as grinaldas, que em premio vos cingiram
da Primavera na primeira tarde.

¡ Como! o tempo... (¡ ai da flor da mocidade!)
¡ o tempo as destruiu! de graças tantas
¿ que existe pois? um pó. ¡ Jazem desfeitas,
sem perfume, sem côr as lindas flores!
¡ e as verdes folhas se enroláram murchas!
¡ Ah! corramos; o pezo, que as esmaga,
róla tambem sobre a existencia nossa.
Nossas grinaldas nos festíns viveram,
morreram no prazer; e nós, como ellas,
devemos esperar, brincando, a morte.

Cedo nos hombros do nervoso Atlante
o eixo voluvel em perpétuo giro
ha-de erguer ante o sol novas espheras.
O Toiro já fugiu; Castor, e Pollux
succederam-lhe agora; hão-de apoz elles
os astros scintillar, que nos conduzam
da estiva calma os importunos tempos.
Então fenecem pelo campo as flores,
tépidas correm na planície as fontes,
calam-se as aves nos cavados troncos,
e fallece a frescura ás proprias noites.
Vamos, em quanto as flores não perecem,
em quanto sopram lisongeiras auras,
em quanto um doce frio as ondas levam,
em quanto as aves pelos ares cantam,
e as claras noites co'a frescura aprazem,
vamos correndo; de vergonha cõre
quem ultimo chegar do rio á margem.

II

Graças aos ceos, que a suspirada areia
já pizâmos emfim. Mas pelas faces
abrazado suor me está cahindo.
Inda o barco não chega; eia, sentae-vos.

D'esta aura carinhosa ao fresco sôpro
; quanto é doce voltar o rosto ardente,
e ora uma face, ora outra offerecer-lhe!
Ella as beija brincando, e espalha em ondas
os escuros anneis, que lh'as roubavam.

! Verde canavial, salve trez vezes!
Co'as buliçosas, arqueadas folhas
nos escondes a ris de Phebo aos olhos.
Nympha adorada pelo deus da Arcadia,
deus dos pastores, inventor da flauta,
sacrilego furor não nos incita.
Não te offendas se agora as nossas dextas
de tuas canas adornadas vires.
Sua altiveza airosa nos agrada;
vates somos; os trémulos seus cumes
ondulando, os lascivos seus abraços
a cada viração que vai fugindo,

tudo isso nos namora, e diz poesia.
Não te offendas ó Nympha, eil-as colhidas.
Gravae com ellas n'esta areia os nomes
das vossas bellas, imprimi-lhe um beijo,
e partamos, que o barco ahí fere a margem.
Bem : eu lancei da Primavera o nome
em caractéres taes, que ao longe possa
lêl-os o pescador no fim da tarde.

III

| Eis-nos emfim nas transparentes ondas !
Agora cumpre diligencia, esforço,
para vencer as fugitivas aguas.
Ferva o trabalho, as varas não descancem ;
no fundo leito redobrae os golpes,
e suavisae com musica a fadiga.
Eu deitado na pôpa, eu dito os versos ;
cantae, e o écco em baixa voz aprenda.

Ouvi, nymphas do placido Mondego,
ouvi com ledó rosto as preces nossas.

Sahi correndo das limosas grutas ;
occultas no crystal do patrio rio,
vós podeis impellir co'as mãos de neve,
e fazer que o batel, qual aguia, võe.
Bellas filhas do lucido Mondego,
vamos passar a tarde á grata sombra,
das lindas Graças na famosa Lapa.
Ali, se acaso não me illude o estro,
vós, nymphas, vós com ellas muitas vezes
as noites do luar passais em danças.
Sobre um tronco musgoso Amor sentado,
para acertar as rápidas choréas
com saudosa flauta a Noite acorda,
e Venus compassiva lhe desata
dos olhos entretanto a escura venda.
Mil amorinhos sem farpões, sem facho,
(nem onde vós estais carecem d'elles)
vôam aqui e ali por entre os ramos.

Ouvi, nymphas do placido Mondego,
ouvi com ledó rosto as preces nossas.

Dae-nos breve chegar; sereis cantadas;
e iremos outro dia erguer altares
de cada vosso chôpo á sombra amiga,
pondo-lhe em roda uma vistosa grade
d'aureas canas com murtas revestidas.
Em vossas ondas lançaremos rosas,
e puro leite, e saboroso vinho.
; Por que tardais, ó Nayades esquivas?
Turba innocente de mancebos rindo
bem merece o favor dos sacros numes.
Nós não vamos em lenhos alterosos,
roçando as nuvens com soberbas vellas,
c'o ferro a lampear nas bravas dextas,
levar da guerra a furia aos outros povos,
lançar em fogo os bosques, e as cidades,
para voltar aos mares tormentosos
com um pouco do metal, que gera os crimes;
nós vamos procurar vizinha praia,
para rir, e beber de Maio em honra;
vamos coroar-nos de verdura, e lirios,
cantar ao som da flauta a Natureza,
dançar no meio de innocentes gostos,
e longe dos mortaes viver ditos sos,
poucas horas sequer, na paz dos campos.

Ouvi, nymphas do placido Mondego,
ouvi com ledô rôsto as preces nossas.

Terra, terra; éstas árvores das margens,
que ora nos vão passando sobre as fronteas,
convidam a colher sua folhagem;
saltae, colhei os mais viçosos ramos,
teça-se um tôlido, que nos roube á calma.

;Avante! adeus, o Dryades, ficae vos
em doce paz; o orvalho vos fecunde;
ache vossa raiz no estio as aguas
tão abundantes, como as tendes hoje.
Nós vamos celebrar o mez das flores;
quando voltarmos vos daremos graças.
;Avante! não cesseis, alegres nautas.
Cantae: eu vos ensino um canto novo.

IV

Das Filhas de Nereu a mais formosa
foi Galatéa candida, e rosada.
Por seus olhos azues morreu de inveja
Aglaiá, irman de Amor; a curta bocca
ciumes acendeu no peito d'Egle,
bem que da bocca d'Egle um doce beijo
o sceptro pagaria ao rei dos numes;
e Eufrosina, entre os deuses celebrada
pelos aureos anneis da longa trança,
de Galatéa a trança cubiçava.
¡E o seio! O seio túrgido e nevado,
mais nevado que a espuma em que se tornam
na frente de um cachopo as crespas vagas,
o seio era melhor que o teu, ó Cypria.

Treze vezes florira a primavera,
depois que aura vital gozava a Nympha,
e ja no mar, no ceo, no mundo inteiro,
das bellas todas triumphava a bella,
e ais e louvores a seguiam sempre.
Nereu, chamando-a á funda gruta um dia,
assentou-a nos trémulos joelhos,
ao hombro lhe lançou paterna dextra,
e beijando-a lhe diz.:

—«Assaz é tempo,

«filha, de rematar da infancia os brincos.

«Tu conheces teu rôsto, e não conheces

«que é preciso fugir á turba insana,

«que te rodeia, que te chama bella?

«Crê tu nas cans de um pae, de um pae no affecto;

«quanto mais suas falas te agradarem,

«é mais seus modos lisongeiros vires,

«mais pérfidos serão. Cabe a meus annos

«dar prudente conselho á tenra idade;

«perdoa-me, acautele-te a innocencia.

«De meus delfins o lúbrico rebanho,

«desde hoje apascentar é teu cuidado.

«não convem á belleza ociosa vida.»

Disse, e poz-lhe na mão, como a pastora,
cajado de coral com ponta d'oiro;
entregou-lhe o rebanho, e conduzindo-a
de seus mares a um placido retiro,

—«Fica, pastora, aqui (lhe disse o Velho)
«vir-te-hei vêr muita vez.»

Riu-se, e deixou-a.

Alguns dias ali viveu contente
com seu rebanho a equórea pegureira.
Ora entre as moitas dos coraes ramosos
o levava a pascer os brandos limos,
ora ao marinho cão deixando-o entregue,
ia colher das perolas as conchas.

Uma tarde de Maio, quando aos braços
de Thetis viu que o sol ia descendo,
ousou sahir do fundo, e foi sentar-se
a gozar do espectáculo dos bosques
na alegre entrada de uma verde gruta.

Nas ondas por acaso então nadava
Acis, gentil de encantadores olhos;
viu-o, e visto, calou seu canto alegre.
Sólta um suspiro, e se perturba, e córa.
Do paternal preceito inda lembrada,
quer na gruta esconder-se, até que parta
das ondas o mancebo; eis se arrepende,
já não quer occultar-se, e quer que a veja.
D'entre o verde do mar o niveo corpo,
que os olhos cega, e o coração cáptiva,
as proporções, a ligeireza, a graça,
com que agora se occulta, agora assoma,
e em modos mil as posições varía,
tudo, tudo a detem. De quando em quando,
sem conhecer que o faz, se lhe aproxima;
as tranças, que trazia ao vento sólta,
sem saber o porquê, reparte e lança
sobre os hombros de neve, e cobre o seio;
consulta no mar lizo a propria imagem;
quer mais bella tornar-se, e mais não póde.

Cançado de banhar-se o moço emtanto
vinha á praia ganhando: ella assustada
corre á gruta; ali cora, ali desmaia,
quando o mancebo, quando o pae lhe lembra
O bello nadador não tarda muito,
entra na gruta, onde largára as vestes ..

Amigos, ¿vós parais como esquecidos?
¿Deixais que o lenho na corrente desça?
¡Ah! voltae ao trabalho; e por castigo
não ouvireis do alegre canto o resto.

V

Novo me inspira agora esse murmúrio,
com que a Fonte das Lagrimas se lança
da serpeada varzea ao rio aberto.

Junto á fresca matriz d'este ribeiro,
onde gozou em seculo remoto
o mais ditoso par de amor os mimos,
meu estro agora placido volteia
por entre os cedros, e os feraes ciprestes;
e ora ao lago pacifico se arroja,
ora da fonte nos penedos poisa.
Comvosco não existe o vosso amigo;
gira fóra d'aquí no sítio umbroso,
lá conversa co'a Musa, aprende, e canta
gratas historias dos passados tempos.

Uma noite de Maio Ignez formosa,
ao pallido clarão da argentea lua,
com seu Pedro fiel aqui vagava.

De seu candido amor primeiro fruto,
lindo, qual dos Amores o mais lindo,
um tenro filho, que a falar começa,
co'a pequenina mão á mãe seguro,
a passos deseguaes a acompanhava.
No dextro braço do gentil consorte
o alvo braço despido entrelaçando,
languidamente a bella se apoiava.
Traja da côr da neve; ornam-lhe as tranças
rúbidas rosas que reveste o musgo:
sob um veo raro e sôlto arfam dois peitos,
que estrema, que matiza, e que perfuma
a flor, que é d'entre mil só digna d'elles,
o amor perfeito em fresco ramalhete.

Pelo silencio e paz da noite amiga,
nos extasis de amor arrebatados,

ebrios ambos do nectar da ternura,
vagueando em seu ermo, respiravam
todo quanto prazer nas almas cabe.
— « Ignez (dizia Pedro) olha estes cedros,
«que doce murmurando agita o vento;
«olha as aguas do tanque, onde tão clara
«se está dos ceos a lua retratando;
«ouve o rumor das ondas transparentes,
«que veem brotando da cavada penha.
«Cara Ignez... ¡ah! calemo-nos; escuta
«¡o amante rouxinol como gorgeia!
«¿Não o sentes mui proximo? ¡quem sabe!
«talvez que em teu jardim celebre agora
«ao lado de uma esposa os seus prazeres:
«se assm é, refinae per fume, ó flôres,
«e vós levae-lh'o, zephros da noite,
«no instante em que hymeneu tem de ajuntal-qs.
«O' minha Ignez, ¡não ser inda possivel
«confiarmos á luz nossa ventura,
«e eu dizer, sou de Ignez!.. »

N'isto o mancebo,
apertando a seu peito o braço d'ella,
de beijos lhe inundava a mão mimosa.
Em silencio e cuidosa a linda Castro
parava contemplando os ceos, o esposo,
e unindo a regia dextra ao seio oppresso,
dava a resposta n'um fiel suspiro.

— «¡Oh! (dizia depois) ¡que deus contrário
«ao terno amor, á candida innocencia,
«poz peito, ó doce encanto, a separar-nos?
«¡Quão melhor fôra haver nascido em choças!
«Lá, tendo por imperio um só rebanho,
«lans por purpura, e flôres por diadema,
«Pedro fôra pastor e Ignez pastora.
«¡Teu solio quantas lagrimas nos custa!
«Mas se fosse teu solio um manso oiteiro,
«docel um parreiral firme em columnas
«das que dão fruto e flôr, saude e agradados,
«não curtira em meus sonhos o remorso,
«teu coração ninguem m'o disputára,
«não se encobrira o meu amor... »

— ¡Oh! cessa,
«cessa (Pedro lhe diz interrompendo-a):
«de que servem, querida, essas lembranças?

«Se te adoro, ¿que temes? ¿se me adoras,
«que posso eu mais querer? Virtudes tantas,
«raros dons quaes os ceos em ti resumem,
«não são para jazer na escuridade;
«dos Reis, de teus avós te põem na estrada,
«para luzires nos corruptos dias,
«como astro de bondade entre os humanos.
«Gozemos do prazer. Olha esta noite
«como é formosa, minha Ignez; não tornes,
«eu t'o peço por mim, por ti, por esse
«fruto do nosso amor que te é tão caro,
«não tornes a acordar taes pensamentos.
• ¿Queres tu, minha amada, á curta noite
«dar emprego melhor, mais proprio d'ella?
«O assento ao pé da fonte nos convida;
«vem-me outra vez cantar os magos versos,
«onde quasi exprimiste o enlevo d'ambos,
«quando a primeira vez nos vimos juntos,
«tambem de noite e n'este sitio mesmo »

Disse; e Ignez imprimindo-lhe nos labios
co'a meiga curta bocca um longo beijo,

— «Vamos (responde) apraz-me esse meu canto;
«e agradecer-te, inda mais; partamos logo.»

Diz, e já leva ao collo o seu filhinho.
Forceja o pae furtar-lhe o doce pezo;
ella a ninguem o cede:

— «O meu menino
«é meu (lhe diz); quando eu tiver meninas,
«dar t'as-hei; desde já chama-lhe tuas;
«pertence o filho á mãe, e ao pae a filha.»

Sorrindo com ternura o ledó amante,

— «¿Ser-me-ha dado (lhe diz) que de teu filho
«ao menos colha uns beijos que me deve,
«¿ou hei-de só com os teus ficar contente?»

— «Se t'os deve meu filho, eu vou pagar-t'os»
Ignez responde; e lhe pagou mil beijos.

Chegados são aos bancos do rochedo.
— «Já do sol o calor morreu na pedra;

«para assento, é mister ser estofada;
 «não rias; o brocado hão-de ser ramos;
 «para a pastora Ignez, nenhum mais proprio»

Vôa ao proximo cedro, os ramos corta,
 alastra-os sobre o marmore, reclina
 o infantinho, que, pôsta a loira fronte
 no maternal joelho, eis adormece.

Absôrto no painel delicioso,
 não podendo parar nem desviar-se,
 como homem, que formosa feiticeira
 prende e agita no circulo encantado,
 vaga o Principe á luz voluptuosa
 de lua por entre arvores. Desponta
 no ermo silencio o canto namorado.
 O suave da voz, o doce estylo,
 a musica tocante, a phrase meiga,
 alheiam-n-o de si, todo elle é fogo;
 não conhece onde está, quem é não sabe;
 no cahos do prazer, em que se abysma,
 só vê brilhar Ignez; Ignez só ouve;
 e, qual se nunca em braços a apertára,
 e virgem melindrosa o ceo benigna
 lhe houvera ali chovido aquella noite,
 arde e delira em sôfregos desejos.
 Já não sabe conter-se; o fim do canto
 já não póde esperar.

—«O' minha (exclama)

«o' minha...» e sem findar, pois não encontra
 nome que exprima o que lhe ferve n'alma,
 vôa a abraça-a sem poder falar lhe;
 a voz com loucos beijos lhe interrompe,
 quer dos labios sorver-lhe os sons divinos.
 Mas ella rindo, e a bocca desviando,
 que a deixe terminar lhe pede a custo.

—«Sim, acaba (responde), Ignez, acaba.»

E emtanto ia beijando o collo, o seio.
 Depois, como ante nume, ajoelhando,
 suspenso a contemplava espaço longo;
 e depois no regaço o rôsto accezo
 lhe punha, como em ninho de delicias,
 e no certo esperar crescia o fogo.

Só vós, caladas arvores, no entanto
a canção namorada ouvindo estaveis
da mui dítosa Ignez. Como expirava
a derradeira nota, estremecendo
acorda o moço, alvoroçado surge,
e tomando á cantora a mão submissa,

—«Vamos (lhe diz); a lua vai descendo;
«o tácito poente a chama ao somno;
«joh! quão leve entre nós foge esta noite!
«as auras pela relva estão dormindo;
«pendem com somno as arvores seus cumes;
«do largo tanque as aguas nem se encrespam.
«O rouxinol que ha pouco gorgeava
«já tambem se calou: ¿sabes a causa?»

—«Talvez lhe empeça a voz (responde a bella)
«teimoso furto de continuos beijos.»

—«Não,, não (responde o amante); agora occulto
«co'a docil companheira em quente abrigo,
«aperta o rouxinol de amor os laços.
«¿t' nós Ignez? ;Ahl toma o teu menino;
«talvez não tarde a aurora; ao leito vamos,
«e do fresco da noite ali zombemos.»

VI

Emfim chegámos! C'o ligeiro impulso
bate a proa no cáes; o lenho treme;
tremem com elle de seu tôlido as folhas.
;Salve, ameno lugar que as Graças pizam!
;Glória ao sacro arvored, que diffunde
sôbre a calma do vate a sombra fria!
;Glória ás auras, que prêzas n'este sítio,
das dryades por mão aos troncos d'ellas,
agitam com sussurro a massa enorme
da folhagem suspensa! ;Honra aos que brincam
puros raios do sol sôbre o terreno,
mal que um favonio lhes descobre a entrada!
;Eterno amor ás aves, que em seus ramos
a vinda nossa a gorgear celebram!
;Paz ao deserto, onde comnosco as Musas,
esquecidas de Pimpla, se contentam
de encher de alegres canticos os ares!

A' festa, á festa ! Reuni-vos todos.
Vinde colhêr as fugitivas horas;
como vaga que passa, ou flôr que murcha,
para mais não voltar se escoa o tempo.
¡A' festa amigos! ¡Oh ! n'esta eminencia
eis já pronto um altar ; eil-o cingido
com largas fitas de pintadas flores.
Ante elle o rosmaninho, a murta, as rosas,
té não curta distancia o chão tapizam ;
heras, e lírios candidos o toldam.
De heras e lírios adornaê as fronte.
Ajoelhae : ¡ lá sobe a divindade !
¡ Silencio ! ¡ paz... Retumbe pelos eccos,
sem mistura de voz, o som das flautas.
No coração, no espirito me chovem
de estro divino eléctricas scentelhas.
¡ Já me sinto mudado em branco cisne !
cercae-me ; eu vou cantar ; ¡ calem-se os ventos !

Vôa invisivel das Hemonias serras,
tu que no Xantho as aureas tranças lavas ;
e se é tua, qual Roma suppozera,
esta a melhor porção da florea quadra,
do cantor do teu mez protege a audacia.

VII

D'entre os filhos da immensa eternidade,
d'entre esses doze Irmãos, que repartido
teem por sua influencia o anno inteiro,
Maio foi sempre o mais gentil de todos.
Qual dos cachos o deus, e o deus das settas,
goza brincando eterna mocidade.
As Graças infantis, e a formosura
o creáram nos céos com o proprio leite.
Mal que o mundo surgiu do horrendo cáhos,
veio formar-lhe os seus primeiros dias,
e Maio foi da terra a fresca aurora.
Em mimos escondendo a majestade,
é Maio o pae, e o rei da Natureza.
Qual em soberbo paço, anda nos bosques ;
ou, qual em solio, nos oiteiros verdes
se assenta, ao lado da risonha Flora.
Compõe-lhe o seu cortejo auras, favonios,

que das plumas azues fragrancia espargem
furtada ha pouco ás pudibundas rosas.
Em seu reinado insolita doçura
exhala o canto dos volateis bandos,
e canoro parece o bosque inteiro.
Em seu reinado os prados fluorescentes
só curam de ostentar perfume e cores ;
e a Nympha ás vezes longas horas fica
a meditar na escolha dos ornatos.

Co'a folhagem densissima sussurra
o bosque annoso a celebrar-te, ó Maio ;
sussurra a celebrar-te o rio, a fonte.
Com serena alegria o sol derrama
vasto oceano de luz no aéreo espaço.

A pompa da manhan, da tarde o brilho,
teem não visto matiz d'oiro e de rosas,
e côr de fogo sobre um céu de leite.

Toda patente a abobada de estrellas,
toda brilhante a prateada lua,
te dão, como as do Elysio, alegres noites,
de importuno calor desafrontadas,
cheias de encanto, da saudade amigas,
gratas a um tempo ao coração, e ao estro.

Aqui, e ali os rouxinoes se escutam
longas horas c'os eccos porfiando.

Gira, vagueia pelas fracas trevas
dos pirilampos o lustroso bando.
Ressoa em cada aldeia alguma frauta,
e em torno d'ella as camponezas dançam.
Bala no aprisco impaciente o gado
as poucas horas, que á manhan precedem.

! Como é doce o teu mez, benigno Maio !
Alegra-se o viandante ao ver nos campos
do verde trigo as trémulas searas,
eguaes a um vasto lago, onde os favonios,
nascidos inda ha pouco entre as florestas,
aprendem a encrespar as verdes aguas.

Aqui, a par de um campo, onde começa
o milho a despontar, desprega aos ares
com vaidosa soberba altas bandeiras
de outros milhos o exército infinito.

Ostentando riqueza alem meneiam,
entre a argentea folhagem pendurados
cachos de flor, os olivæes fecundos.

Os pomares de frutos se carregam,
que já sem medo aos furacões, e ás chuvas,
com ancia a côr, e a madureza esperam.

As aves da manhan, quando revôam
com longo canto pela immensa altura,
se aprazem de os olhar; e ás vezes descem,
e veem poisar nos encurvados ramos;
o futuro sustento ali festejam.

Tal de annos onze uma pequena virgem
de adoradores mil se vê cercada;
bem que á sua belleza inda lhe faltem
terno expressivo olhar, globos de neve,
voluptuoso desejo entre suspiros,
buscado enfeite, graciosas falas,
rodeiam-n-a comtudo, adivinhando
pelo botão fechado a flor aberta.

Mas, ó Maio, o teu mez não brilha esteril.
Lá se ergue o laranjal c'os frutos d'oiro;
doces limões, e saborosas limas,
d'entre a larga folhagem descobrindo
a amarellada tez e o forte aroma,
prendem sentidos convidando ao furto;
ri-se entre as mais a alegre cerejeira,
que ainda que no gosto a muitas cede,
mais que todas seduz co'as vivas bagas;
a ginjeira com ella aposta encantos,
mas apenas gostada, a palma é sua;
eguaes a um coração em côr, em fórma,
os suaves morangos já maduros,
contentes da humildade, estão dormindo
no fresco seio da materna planta;
d'ali, se vem um zephyro acordal-os;
olham em roda as pampinosas vinhas;

e vendo como os pequeninos cachos,
que a fronte cingem do celeste Bromio,
e um dia gratos brilharão nas mezas
mudados no licor que gera os risos,
do nativo terreno apenas se erguem,
zombando riem da vaidosa audácia,
com que somem no ceo pomposo cume
arvores tantas menos uteis que elles.

Por toda a parte as desveladas hortas
c'ó verde alegre das crescidas plantas
o suor do colono estão pagando ;
seu terreno sulcado está coberto
de immensas producções, que vão nas mezas
ser preciso sustento, ou grato mimo,
e ora entrar na choupana, ora nos paços.

Em teus dias, ó Maio, as vellas sólta
sem medo o nauta pelo vasto Oceano,
e olhando puro o ceo, de leite as ondas,
a cujas furias escapou nadando,
sobre a pôpa da não regendo o leme,
pensa na esposa, nos filhinhos pensa ;
prometteu-lhes voltar ; nem já receia,
Maio, fiado em ti, ser-lhes perjuro.
Sobre a cana do leme encosta os braços,
e ou sólta em grande voz grosseiros versos,
ou costumada musica assobia
olhando a estrada de alvejante espuma,
que de um e de outro lado á prôa foge.

Brinca nas aguas, e ou se esconde, ou salta
de vagos peixes prateada turba ;
na verde superficie as nymphas dançam,
da tarda noite nas caladas horas,
das estrellas á doce claridade.

VIII

Mas eu quero soltar mais altos vôos,
trazer ao mundo incognitas verdades.
Em teus dias, ó Maio, os Páphios bosques
viram nascer os trêfegos Amores.

N'um valle opaco, onde buscando o fresco
costumavas dormir entre mil flores,
lá teve a deusa o seu fecundo parto.
Apenas sobre a attonita verdura
Cypria depunha um pequenino alado,
logo o via nos ceos voar, sumir-se ;
; tal dos Amores o soberbo genio !
Quando cançados de brincar nos ares,
um passatempo á terna Mãe pediam,
tu lhes foste ensinar pelas florestas
a formar arcos de flexiveis ramos,
e despedir, sem nunca errar, seus golpes.
Tu lhes mostraste os resinosos troncos,
de que haviam formar brilhantes fachos.
Tu mesmo entre elles companheiro e mestre,
pelos campos as flores procuravas,
com que doces prisões tecer deviam.

Tudo em teus dias no universo adora ;
o sexo, a idade, as condições não livram.
Entre o rebanho, que amoroso bala,
amoroso pastor canta ou suspira ;
ternas gorgeiam no arvoredado as aves ;
rugem ardendo de desejo as feras ;
suspiros oiço ás arvores, e aos ventos ;
abrem o seio as virgemzinhas flores,
e Venus as fecunda, e mães se tornam.

Em cada gruta, em cada bosque ás nymphas
uma emboscada os sátyros aprestam.

Em bellezas mortaes embevecido,
canta em rustica voz novos amores
coroados de pinheiro o deus da Arcadia,
e ante a nympba gentil mudada em canas
pelas canas da flauta os sons varia
com ar alegre, que perjuro o torna.

Sensivel para o Sol se volta Clicie ;
o Sol na terra outras bellezas busca,
e outras acha, que o peito lhe captivam,
e fazem que mais tarde a Thetis desça.

Entre os astros as Pléiades luzentes
com saudades seus thálamos recordam ;

Junto d'ellas o Touro inda parece
mugir lembrado da formosa Europa.
Mais placida refulge a Cypria estrella ;
dissereis que saudosa indaga os sitios,
onde comtigo, venturoso Adonis,
passava as noites do formoso Maio ;
e quando foge, a Aurora se envergonha,
e córa por voltar tão cedo ao mundo ;
¿ pois quem ha que não saiba os seus segredos ?

¿ Quem de Céphalo a historia não repete ?
Em cada tronco um disticho de amores,
ou dois nomes se lêem, como enlaçados.
Uma sombra, uma só, não ha nos campos,
onde Amor não recorde, ou não prepare,
ou não veja presente, uma victoria.

Foi, Maio, foi teu mez que ao Rei das sombras
fez que deixasse o sempiterno cáhos,
para roubar a encantadora esquiva,
do flóreo campo de Henna ornato, e deusa.
Foi, Maio, foi teu mez que ouviu primeiro
Diana a suspirar, arrepender-se
de ser das virgens tutelar deidade.

¿ Graças ao teu poder, e ao teu influxo !
És tu que a rir convidas gracioso
Minerva um pouco a abandonar seus livros. *
¿ Quem póde resistir-te ? emfim te cede,
toma-te pela mão, para que a leves
a divagar em teus vistosos campos ;
o ar de meditação troca em agraços,
e vê contente abandonar-lhe a côrte
de seus alumnos juvenil caterva,
que alvoroçada aos patrios lares vâa.

¿ Sim, Maio, eu voarei aos patrios lares !
Mas ¿ cuidas que jámais distancia ou tempo
d'este dia a memoria hão-de apagar-me ?
Não : onde quer que os fados me conduzam,
sempre te hei-de cantar, sempre coroado

* Em Maio se põe o ponto aos Estudos da Universidade, que eu n'aquelles tempos cursava. Só os que por ahi teem passado, podem entender o alvoroço com que é recebido.

de teus altares me verás ministro ;
mas d'esta sociedade, e d'estes bríncos,
em quanto a noite se adornar de estrellas,
nunca a lembrança volverei sem mágoa.

IX

De generoso vinho enchei-me o copo,
que de mırtea grinalda ornado quero.
Imitae-me tambem. Por este, ó Maio,
suavissimo licor, pae da alegria,
por este, digo, cuja taça empunho,
juro ante o ceo, de teu altar em frente,
que um anno só não deixará meu estro
de exaltar tua gloria, e a minha amada,
a deusa tua mãe, a Primavera.

Reformae-me outra vez a funda taça.
Em honra a vós, formosas moradoras
d'este ameno logar, esta se esgote.

Aguardae: cabe agora o sacrificio ;
vou-me a buscar a victima, que a trouxe
occulta e prêza do batel na pôpa.
¡ Eis-me, abri-me caminho ! eu volto ás aras.
Para a santa ablução trouxe-me um vazo.
¡ Silencio ! ¡ falo ao deus !

«Sejam-te acceitos

a vida, e leve espirito do prezo
que vem n'esta gaiola, o qual eu vate
por todos nós agora te dedico,
e dedicado entrego ás livres Parcas.
Digna é de ti, formoso, ave formosa
como esta ; pintasilgo activo em canto,
garrido em côres, no brincar experto,
mestre em tirar do crystalino poço
com o balde de avelan sua bebida ;
outro melhor nunca girou nos bosques.

D'esta estação n'um dos primeiros dias,
segundo o meu costume antes da aurora
sahi a espairecer nos campos verdes,
ouvir das aves os primeiros cantos,
e aquecer-me sentado sobre a relva

ao primeiro calor do sol nascente.
Banhei o rôsto n'um remanso puro,
colhi as flores inda ha pouco abertas;
e co'a mente serena, e possuido
do amor do campo, e dos campestres gostos,
voltei de novo ao lar. Junto á janella
por onde largo sol já vinha entrando,
fui sentar-me a pascer em vans delicias.
Eu sonhava acordado. ¡Ah! nos meus sonhos
não via mais que bosques e pastores,
rebanhos, fontes, rusticas choupanas.

Dono me cria de um torrão pequeno
mas pingue, de uma choça pequenina
mas alva, entre nogueiras, rodeada
de alvos cordeiros nédeos e alvas pombas.

Eis que afoitando um vôo, esta avezinha
me entra por casa; ao seu gorgueio acordo,
pois junto a mim poizava gorgueando.

¿Ouves, Maio, este som, com que parece
aprovar adejando o que te conto?
¿Ouves? repara bem; tal modulava
quando amoroso a vizitar-me veio.

Ganhando confiança a pouco e pouco,
saltou-me para o hombro, e de improvizo
prêzo se viu na minha mão fechado.
Quiz debater-se, em vão; piou, carpiu-se,
o bom coraçãozinho lhe batia.
Beijei-o, puz-lhe meza; o sem ventura
nada acceitava, anciando só fugir-me.

«Conheces-me bem mal, pobre innocente,
(lhe digo); essa gaiola é teu palacio,
não carcere, eu teu servo, e não tiranno.
Servo e palacio um dia de experiencia
talvez t'os faça amar: se não, prometto
abrir-te a porta e libertar-te os vôos.»

A' janella da minha a estancia d'elle
penduro; os aureos grãos e a clara lympha,
cama fôfa entre ramos florescentes,
vista de campo e céu por toda a parte,

mas livres um de açôr, outro de tiros,
manso, mansinho ás grades o affizeram ;
comeu, bebeu, cantou.

«Pois que tu cantas,
vatezinho silvestre, em nossa casa,
juntos e amigos ficaremos sempre.
Tu serás de meus dias a harmonia,
cu tua providencia ; a fonte e a messe
te virão procurar; dar-te-hei florestas
lá dentro em teus penates de cortiça,
e por que logres tudo, uma consorte
virgem, bella, fagueira, e cujos filhos
serão só teus, e como tu formosos.»

Desde então ledô vive; e tanto aos mimos
se acostumou domesticos, e tanto
a amizade entendeu, que lhe abro a grade
fronteira aos céos da aurora, aos bosques amplos,
e nem bosques nem céos lhe dizem *foge*.
Da liberdade que lhe acena á porta
se despede cantando, e empoleirado,
reizinho em casa sua, a mim e a ella
nos compara, e lhe diz: «Aquelle humano
deus foi que para mim creou taes ocios!»
É esta, ó Maio, a victima que trago
ao sacrificio teu. Perco um amigo.
Com esta mimosissima grinalda
de sensitiva lhe circumdo o collo,
para sinal da dor que me comprime.
Vamos, venha o punhal, que eu limpo o pranto.
; Oh! céos!.. ; quanto me custal É sacrilegio
qualquer demora mais: ; ânimo agora,
saudoso coração!.. Venceste, ; ó Maio!
; Venceste! ; Consumou-se o sacrificio!

O fio prêzo ao pé cortei de um golpe,
lancei-o ao ar; voou; nem já o ouvimos.
Foi rever seus antigos companheiros,
sua amada, seu bosque, e o seu alvergue.
; Oh! ; como será doce em tôrno ao sócio
que julgaram perdido, apinhoadá
papear parabens a alada tribu!
; Oh! tu lhes dize então do amigo o nome,
que vezes te beijei de madrugada
por me acordares co'o suave canto,

para trocar o leito pelo grato
passeio da manhan, d'onde trazia
para a tua gaiola hastes de flores.
Ouvirá leda a esposa a leda historia,
e a contará depois aos tenros filhos.

Talvez que em meu passeio inda algum dia,
a festejar-me, em tórno a mim se junte
cheia de gratidão toda a familia,
tu, meu amigo, a tua esposa, e prole.

X

Dispersae-vos, bebei, cantae, amigos,
ride, e dançae, porque invejoso o tempo,
co'as cans na fronte, e o coração gelado,
as horas do prazer furta aos mancebos.
Mas ai de nós, i que o perfido voando
já nos fugiu co'a encantadora tarde !

Desçamos ao batel: adeus ó Lapa,
adeus, fica-te em paz; e cedo espera
ver de novo juntar-se á sombra tua
da Natureza os candidos amigos.

Deixae as varas, gracejemos antes;
não cumpre trabalhar, para fugirmos
de um bosque sacro a Maio, e sacro ás Musas.

A FESTA DE MAIO

POEMETO

CANTO II

I

D'essa garrafa de crystal doirado
duas taças me enchei. Venha a primeira.
Esta se esgote da amizade em honra.
; O' divino licor ! se o puro nectar,
que Hebes formosa a Jove ministrava,
contigo competir podesse ao menos,
Jove lhe perdoára o seu descuido,
nem dos bosques Ideus arrebatado
Ganimédes gentil voára aos nubes.

Dae-me, dae-me a segunda. Em honra agora
do celeste prazer, que nos incende,
este liquido fogo ao peito envio.
; Graças ás mãos, que á terra afortunada
deram em hora boa estas videiras !
; Graças a Baccho, ao protector, que tanto
desvelo lhes prestou ! ; Graças á turba
de alegres raparigas, que leváram
os cachos ao lagar em largos cestos !
; A vós mancebos rusticos e alegres,
que aos pés calcastes as cheirosas uvas !
; E a ti, lenho feliz, em cnjo seio
os sagrados toneis se transportaram
desde os campos de Chypre aos campos nossos !
Do celeste perfume ébrias as nymphas
te acompanharam na veloz carreira ;
continuamente as vellas te enfunáram
com halito propício os frescos ventos,

que lá brincavam pelas ferteis vinhas,
faceis criando e colorindo as uvas;
e o mesmo Baccho (eu não vos minto, amigos:
; ah! dae-me a taça, os labios se me seccam),
Baccho em pessoa, o vencedor das Indias,
invisivel na pôpa revirava
o leme director co'a mão divina.

Dae-me á pressa outro copo; outro; mais cinco;
Mais um que eu vote a Phebo, e nova ás Musas.
; Sinto o meu coração desfeito em gosto!
; Ah! por piedade rodeae-me todos;
quando entre amigos bebo, um só não basta
para me encher atropelados copos.

A cada qual de vós uma saude
quero fazer; mais uma a cada nympha;
aos numes todos, que na terra habitam,
aos numes todos, que dos ceos nos olham,
a todos que no Elysio nos esperam;
farei uma saude a cada vaga,
que desde a Herminea Serra * aos mares corre,
á lua, a cada estrella, a quanto existe.
Do mais vivo prazer me volvo em braços;
rio, e respiro magicas delicias...

II

Gelos, que em serras coroaís as fontes,
d'onde as urnas as Náyades inclinam
para mandar-nos de tão longe as aguas,
derretei-vos em subitas correntes;
brami de roda dos Hermineos lagos,
ventos da tempestade; as átras nuvens
reuní, condensae; retumbe ao longe
o ronco do trovão pelas florestas,
e o monte enorme em seus abysmos trema.
Todo em chuveiros se desate o polo;
e cedo (joh! ;praza aos céos!) e cedo o rio
vença o leito, e com impeto revolva
tropol ruidoso de espumosas vagas.

* Antigo nome da Serra da Estrella d'onde nasce o Mondego

Sem poder contrastar-lhe a furia immensa,
perto da margem sem poder ganhá-la,
no escuro turbilhão de rôjo iremos.

Quando a aurora assomar, já muito longe
nos verá pelo Atlântico engolfados.
Do enfeitado batel voltando a prôa
contra as vagas austraes, candidas vellas
presentaremos ao ligeiro Bóreas.
Em dia bonançoso, e mar de rosas
iremos sem temor, cheios de assombro,
gozando entre as equóreas divindades
scenas de Maio no ceruleo campo.

Cedo veremos verdejando e rindo
o alto Cabo surgir na extrema ponta
da Lusitana terra. Erguendo aos astros
a nautica celeuma, alvoroçados
poremos no occidente o vago leme
para afrontarmos as Titóneas plagas.
Entre o barbaro solo, e o solo Hispano
passaremos cantando o Estreito, aonde
as Columnas ergueu famoso Alcides.
Pelos ventos Hespérios ajudados,
movendo assombro ás cérulas nereidas,
cortaremos, voando, em curtos dias,
Mediterraneo, tua longa estrada.

Nossos astros serão por entre as ondas
o astro de Venus luminoso e claro,
Ariadne, a esposa do contente Brómio,
e os Tyndáreos Irmãos, cuja concordia,
cuja amizade nos será de exemplo.
Eolo prenderá com mil cadeias
Euro, o nosso contrario; as verdes ondas,
ouvindo de tritão troar o buzio,
sem furia, sem fragor, do barco em tórno
cheias por cima de alvejante espuma,
saltarão quaes no prado os cordeirinhos.

¡ Quê, meus amigos ! ¿ receais procellas ?
¡ Procellas contra nós ! Assáz os numes
nas almas sabem ler; nós demandâmos
Chypre, votada aos candidos prazeres,
do vinho a deusa, a deusa dos amores;

os nunes da amizade, eis nossos astros;
 ¿que havemos de temer?

Não, não me importa
 que o ar, que o pégo em furias se revolva:
 por entre a cerração, por entre a morte,
 voaremos a rir de Chypre aos campos,
 quaes na barca da Estyge um dia iremos
 dos lagos avernaes ao grato Elysio.

III

Não ha que recear. Dae-me outro copo ;
 outro bebei, e ouvi-me. Amigos fados
 da Ilha encantadora ao melhor sitio
 nos hão-de conduzir: já cuido vê-la.....

Um cáes em meia lua, um caes não grande,
 já nos hospeda na conchosa areia.
 Unidas penhas de elegante aspecto
 o amphitheatro deleitoso fórnam.
 Todas se vestem de verdura, e flores,
 todas teem fria gruta, ou doce fonte.
 D'estas fontes, que em torno encham os ares
 de um desigual, suavissimo murmúrio,
 umas descem chovendo entre os penedos,
 outras em larga enchente se arremessam,
 sem o musgo occultar, de rocha em rocha,
 té que ás bacias espumosas saltam.

Aqui um mirto, alem uma roseira
 corôa a entrada das pequenas grutas,
 ou lhes fórma seu toldo, ou quasi as cobre.

Por toda a parte melindrosos ninhos
 se ouvem piar ; por toda a parte adejam
 co'o sustento no bico as ternas aves.

D'esta folhagem se levanta o melro,
 e vai poisar na proxima folhagem.
 Queixa-se n'uma gruta Philoméla
 quando Progne sentida eleva o canto.

Prezos aos troncos zéhyros murmuram ;
 auras, dos valles proximos correndo,

das invisíveis azas nos derramam
almos effluvios de cheirosas flores.

Vede assentos, que a mão da Natureza
nos rochedos abriu, que a mão do Tempo
cobriu, amaciou com verde estofo;
aqui se teem as nymphas assentado
pelas tardes de Maio muitas vezes,
para gozar os brincos dos Amores,
que ora lutam na areia, ora apostando,
se arrojam de mergulho aos verdes mares,
e apparecem depois nadando e rindo.

Vamos: por esta parte o caes nos deixa
na Ilha penetrar. Comoda entrada
nos off'rece este portico de murtas.
¡Deuses! ¡que vamos vêr! ¡Salve cem vezes,
bosque sombrio, majestoso, immenso!
Do desmedido Atlante a espadua enorme
não, não é quem sustem o eterno Olympo;
és tu, sagrado, bosque; a vista humana
chegar não póde a teus soberbos cumes.

Serras, diluvios de ondeantes folhas
sobre columnas mil, que o raio assustam,
se agitam sobre nós. ¡Longe, ó profanos!
¡Vates, erremos pelas frescas trevas!

Alem, se não me engano, o sol penetra.
Corramos. ¡Oh prazer! ¡oh maravilha!
Eis um retiro aos numes consagrado,
incognito aos mortaes, de encantos fertil.

Tu, que visitas cada dia o mundo,
¡ó Sol, que outro logar no mundo encontras,
onde com mais prazer teus raios lances?

Vêde este prado, cujo fundo escondem
de Hyblêas flores animadas nuvens.
Olhae sem guardador pingues rebanhos
livres saltando nos oiteiros verdes.
Vêde encostas de pampanos cobertas;
fontes á sombra de arvores sagradas;
jardins fechados de cheirosos muros
de altos lilazes, de azareiro e cedro;

tanques no meio, onde em repuxo aos ares
voam do bico de marmoreos cisnes
argenteas lymphas, que no ar se cruzam,
mil arcos, mil abobadas formando,
e em fresca chuva veem mover os lagos!

! Que ditoso paiz! Não sei que sinto
no meio agora d'estes sons campestres,
respirando balsamicos vapores,
em sacra habitação, entre os amigos,
longe dos homens, da innocencia ao lado.
Abracemo-nos. Sim: desde hoje unidos,
seremos d'este sitio os habitantes.

D'esse ribeiro na fecunda varzea,
ali, onde hospedagem graciosa
presta ás aves do ceo pequena selva;
ali, onde estendidos pela grama
junto ás novilhas candidas, repoisam,
co'a cornigera fronte entre as papoilas,
mansos toiros, que o jugo inda não víram,
ali, se vos apraz, se apraz aos deuses,
vamos pois construir nossas moradas.

Do Genio do lugar primeiro em honra
cumpre fazer as libações, e os votos;
venerar, depois d'isto, a turba agreste
das nymphas do paiz; e culto, e nome
dar ás fontes, aos campos, e ás collinas
d'estas gentis, incognitas paragens.

Vede faias aqui, pinheiros, choupos;
abatei-os, tecei nossas cabanas.
Formemos uma aldeia; a cada alvergue
juntemos um jardim, que ao fundo banhem
do claro rio as fugitivas aguas.

Não falte o culto ás sacras divindades.
; A' obra, á obra! O templo se levante
nobre, proprio de nós, digno dos deuses,
com paredes de cedro á luz vedadas.
Deixemos á vaidade altas columnas,
cupolas d'oiro, abobadas suspensas
em meia altura da extensão dos ares;
de trémula parreira um tecto basta.

Ponde no tampo o altar da Natureza,
de nossa adoração primeiro objecto.
Firmada sobre um globo, como o nosso,
uma estatua gentil figure a deusa,
virgem, bella, risonha, affavel, nua,
guardando-lhe o pudor sendal ligeiro;
collar de flôres lhe atavie o collo,
c'roa de frutos lhe circumde a fronte,
diversos ramos as madeixas ornem:
tenha n'uma das mãos celeste chamma;
penda da outra, e por seguro fio,
o genio do prazer, que as azas bata
para voar-lhe ao cubicado seio;
cerquem-lhe o pedestal em turba immensa
homens, feras, volateis, nadadores,
e quanto enfim por seu influxo existe;
vejam-se á volta os poderosos genios,
que a seu sabor os elementos movem,
salamandras, ondins, sylphos, e gnomes.
D'esta ára ao lado se verão pendentes
as flautas nossas, pois lhe são votadas.

Sobre outro altar a deusa de Cythéra,
não de marfim nem marmore talhada,
mas de alva cera das abelhas nossas,
feita por nossas mãos encante a vista.
Quero-a nua de todo; ao seio amime
entre os braços de neve o filho alado;
e co'a ternura languida nos olhos,
como para o beijar lhe extenda os labios,
curta tornando, como a d'elle, a bocca.
As tres irmans de Amor, pequenas, bellas,
como invejando do menino a sorte,
forcejem por trepar da mãe ao collo,
em quanto o irmão travêso a rir pretende
co'as delicadas mãos lançal-as fóra.
Duas turbas de Amores apinhados
se ergam d'aqui d'ali; tenham por terra
os arcos, e os farpões; na dextra empunhem
fachos, que hão-de brilhar nos festos dias,
por nossas mãos com sacro lume accezos.

Defronte d'esta, na parede opposta,
outro brilhe votado á Primavera.
Ali se mostre a deusa, cuja veste

um manto seja de tecidas flores;
de flores o toucado; a planta nua
sobre floreo torrão firmada alveje;
durma a seus pés o aurífero carneiro;
o Maio, filho seu, tenha em seus braços,
egual em perfeições á mãe formosa,
alado como os zéphyros e amores,
que os amores, que os zéphiros mais lindo.
Tenha na dextra um ramo florescente,
onde poisem pintadas borboletas;
no esquerdo braço um cabazinho grave,
c'os doces frutos, que em seu mez se colhem,
e a rir pareça á deusa apresental-os;
mas a deusa, estendendo a mão de neve,
como que busque o grávido cestinho
tirar de sobre o seio, onde elle o punha.
De favonios um bando se reparta
aos dois lados do altar, em cujas dextras
ponhâmos bem fingidas cornucopias
cheias d'agua, onde flores se conservem.

Atrio cercado de sombrios loiros
haja na frente do sagrado alcaçar.
Por tres frondosos porticos se passe
do templo ao atrio; em torno d'elle avultem,
d'os loíreiros á sombra, as deusas nove,
e o nume protector da equórea Delos.

Um de nós cada mez será por sorte
da sacra estancia o sacerdote, e o guarda.
Ficarão a seu cargo os festos dias,
dos altares o culto, os hymnos sacros,
e a protecção dos ninhos melindrosos,
que as aves formarão do tecto em volta;
para que nunca violados sejam,
santa hospitalidade, os teus direitos.

Da nossa aldeia ás proximas campinas
daremos de cultura uteis desvelos.
Vertumno, e Ceres, e Pomona, e Flora,
hão-de favonear trabalhos nossos,
e em sustento pagar nossas fadigas.

Ricas hortas, dulcissimos pomares,
doiradas messes, pampinosas vinhas,
o celleiro commum nos terão cheio.

Da ociosidade van não será filha
nossa innocente e sólida riqueza.
Algum de nós ao trato dos rebanhos
seus cuidados dará, ¿ que importa o mundo ?

¡Vida de nossos paes ! ¡vida dos campos !
¿ Quem te nomeia humilde e vergonhosa ?
Vive o pastor no seio da innocencia ;
no meio da pobreza é rico e folga ;
em quanto os grandes entre escravos gemem,
canta o pastor entre o rebanho, ou dorme,
fiado em seu amigo, em seu rafeiro ;
nem ao menos que ha leis sabe nos campos.
São seus dias cadeias de prazeres,
e seus prazeres innocencia todos.
Não cala seu amor, canta-o nos bosques
em alta voz, ou goza-lhe as delicias.
Ao transmontar do sol volta a seus lares ;
conta á porta o rebanho, e junto ao fogo
vai co'a ceia frugal entre os amigos
restaurar o vigor para o trabalho.
Repoisa em paz sobre o macio feno
em quanto alguma luz no ceo não raia ;
não ha cuidado, que lhe rompa o somno ;
se acaso sonha, os sonhos não lhe peçam,
pintam passados bens, ou bens futuros ;
e volta ao mesmo quando nasce a aurora.
¡Vergonhosa esta vida ! ó desgraçados,
corae no meio das grandezas vossas ;
se o pastor conhecesse o vosso estado,
nem de olhar-vos sequer nem se dignava.

IV

No regaço feliz da Natureza,
ao lado da ventura, os dias nossos
serão a imagem dos doirados dias.

Como os primeiros paes da especie humana,
viveremos frugaes entre a abundancia,
ricos sem pompa, sem vaidades sabios,
socegados, sem leis, sem armas fortes.
Hão-de mil vezes os campestres numes,

e o sacro Povo, morador do Olympo,
comprazer-se de olhar a nossa aldeia.

Ao romper da manhan, ser-lhes-ha doce
vêr-nos todos sahir dos proprios lares
co' o alegria na face : uns, diligentes,
c'os instrumentos rusticos nas dextas,
ou seguindo seus bois, tornar-se aos campos ;
outros, guiando para os ferteis pastos
longa tropa lanigera balante.

Ser-lhes-ha doce o vêr como trabalham
todos no bem commum, sem que se escutem
do *meu* e *teu* os nomes perigosos.

Quando o gallo domestico na aldeia
soltar ao meio-dia o canto agudo,
cerreremos á meza ; unidos todos
de um bosque á sombra nos calmosos tempos,
e junto ao fogo quando reine o frio,
não veremos diante a rica prata
com vivo resplendor cegando os olhos ;
nem doirados crystaes, nem porcelanas,
cuja louca ambição furiosa arrasta
tantos loucos mortaes, dignos de pranto,
d'entre os braços dos seus aos torvos mares,
e em fragil pinho, que rodeia a morte,
de longinquo paiz os leva aos portos.
De facil construcção vermelho barro
fará nossa baixellâ ; e cavos troncos
fundos, polidos, de jasmim coroados,
servir-nos-hão de rúbido falerno.

De nossas hortas vegetaes gostosos,
os teus dons, ó Pomona, e os teus, ó Ceres,
o mel puro e doirado, e o branco leite,
bastam assaz da Natureza aos filhos.

V

¿E que? ¿algun de nós contra o que vive
ousaria vibrar da morte a foice ?
O toiro soffredor, cuja fereza
para servir-nos se abateu ao jugo,

o toiro, o nosso amigo, o nosso escravo,
que sem ter parte alguma em nossos gostos
tomava parte nas fadigas nossas;
que armado pelas mãos da Natureza
podia, se quizesse, oppôr-se aos fracos,
que a paz, que a liberdade ousam roubar-lhe,
depois de longo, aviltador serviço
deve.. (¡oh pejol ¡oh furor! ¡oh sacrilegio!)
cahir ás mãos do barbaro assassino,
para quem só viveu, por quem mil vezes
coberto de suor, cheio de espuma,
co'a fronte baixa, sem mugir ao menos,
queimado pelo sol, até soffria
duro ferreo aguilhão, se fraquejava.

¿Qual ousaria ensanguentar a dextra
na mansa ovelha, da innocencia imagem,
que incapaz de offender, nunca rebelde
aos brados do pastor, seu proprio leite
entre seus filhos e elle repartia,
e até para cobril-o as lans lhe dava!

Lindos filhos do ar, ternos cantores,
que innocentes voais pelas florestas,
nos prazeres, no amor gastando a vida,
filhos do ceo, modelos, que adorâmos,
não temais habitar nos campos nossos.
Se o açor, se o falcão por estes sitios
passar alguma vez, vinde, eu vos peço,
vinde-vos esconder em nossos lares,
de vossa timidez sacra guarida.
Se nos virdes passar nos sitios, onde
entre os ramos, á sombra vos agrada
divertir gorgendo a terna esposa,
que muda, e carinhosa esconde, e aquece
entre as azas seus filhos pipilando,
se nos virdes passar... ¡oh! por piedade
nas fujais, prosegui vossas cantigas;
sois como nós da Natureza filhos;
a mãe commum vos deu a liberdade,
sustenta-vos, bem como nos sustenta;
sois fracos, tanto basta; e nós não somos
nem tirannos, nem perfidos, nem baixos,
para abusar da fôrça: é jus terrível.
Se para vos matar compete ao homem,

para o homem matar compete ao tigre.
Não: vivei entre nós, como entre amigos;
somos todos irmãos: arcos, e settas,
redes, e visco, passatemplos torpes,
não usa quem adora a Natureza;
seriam entre nós nefandos crimes.

Se um dia á caça algum de nós (os deuses
afastem para longe o agoiro horrendo),
se um dia á caça algum de nós corresse,
coberto de suor, de sede extinto,
praza aos ceos que discorra os duros campos;
curve-o das armas o terrível pezo;
não ache onde empregar da morte as furias;
seus proprios cães os membros lhe lacerem,
té que as entranhas vis ao sol descubram,
e rôto arqueje o coração perverso.
Semivivo, rugindo, ardendo em raiva,
entre penedos se revolva, e espume,
c'os olhos já sem luz, cheios da morte,
pallido o rosto, ensanguentada a coma;
té que, mugindo em subita voragem,
se rasgue a terra ao detestavel pezo,
e ao fundo o arroje dos sulfureos lagos.
E se o malvado consummar seu crime,
se as mãos tingir no sangue do innocente,
o rio onde correr para banhal-as
as ondas atropelle, e volte á fonte;
fique attonito o monstro, e o leito sêcco;
e quando sobre o fogo os miseraveis
membros pozer, que o sangue inda gotejam,
que inda têm no tremor de vida um resto,
cheias de horror e de piedade as chammas,
deixando intacto o funebre cadaver,
com medonho estampido abandonando
n'um momento seu lar, se ergam aos ares
para chover no algoz, tornal-o em cinzas.

V

!Mas vá longe de nós o quadro infame!
Somos frugaes, e simplicies; e basta
olhar-nos para ver nossa virtude.
Sim: que a lavrada seda, o oiro, as telas,

e dos insanos cortezãos a pompa
não nos hão-de cubrir. No inverno algente,
contra os rigores da estação nublota
usaremos da lan que nos revista,
sem que do artista a dextra insultadora
lhe desfigure a côr, lhe mude o aspecto.
Se no outono reinar do inverno ô frio
voltaremos á lan; na primavera
basta o candido linho; emfim no estio,
(deixe-me em paz, ou seus ouvidos cerre
quem no corrupto coração fomenta
de prejuizos vãos caterva impura)
no estio, amigos meus, comvosco falo,
seremos todos nós; riam-se embora
os perversos, que ao vicio costumados,
até na Natureza encontram vicio.
Sim, andaremos nus; nus se mostráram
os paes, e as mães do mundo em tempos d'oiro;
nus vagueiam da America nos bosques
da Natureza não corruptos filhos,
nem os tingem o rubor, a côr do pejo,
que o pejo nasce se a innocencia morre.
A Innocencia, a Verdade, as Graças bellas,
pintam-se nuas; nuas pelos bosques
erram as Nymphas; d'entre as ondas nua
Venus sahiu de encantos rodeada;
seu Filho, qual nasceu, se mostra ainda;
e todos nós, dizei, ¿como nascemos?
Quando, depois de trabalhosas dores,
nos cingem nossas mães aos ternos peitos,
¿tecidas vestes sobre nós encontram?
Não: se o tempo o exigir cubra-se o corpo;
se o tempo o não requer, ¿por que insensatos,
vãos, inuteis, incommodos buscâmos?

VI

Prazeres me pedis, dou-vos prazeres :
a musica suave, a dança, os versos,
dos bons ditos o sal, carreiras, lutas,
tecer grinaldas de campestres flores,
fresco, e murmúrio de favonios, e aguas,
os ternos sons de aligeros cantores,
da Natureza o estudo, as graças d'ella,

as formosas manhans, as bellas tardes.
Iremos navegar pelo ribeiro
n'este mesmo batel; a branca lua
diante nos irá para guiar-nos;
os ventos dormirão pelos oiteiros;
de um, d'outro lado as arvores ao longo
das socegadas margens, docemente
se ouvirão sussurrar de quando em quando;
o astro da noite ledo e scintillante
se verá na corrente em longa estrada;
eccos repetirão nossas cantigas;
d'entre um canavial a Philomela
se ouvirá gorgeando convidar-nos;
com mil olhos de luz o ceo da noite
de ver nossa alegria ha-de alegrar-se.

Algun campestre Fauno, que aturdindo
com voz immensa a silenciosa margem,
seus amores contar da fonte ás Nymphas,
o canto estrugidor alguns momentos
suspenderá, de assombro arrebatado.
Se tivermos calor volta-se a proa
sobre uma ilhota de vermelha areia,
e encalhando o batel salta-se ás ondas.
N'uma noite encalmada um banho fresco
nos consola, e refaz: ali se julga
acima estar da Natureza o homem;
vive em novo elemento, em cujo seio
vestido se crê de essencia nova.
Ao brando frio os membros pouco a pouco
se conformam, se aflazem, se contentam;
dissipa-se o tremor, e a voz anciada
um momento depois se resserena.
Todo o vivo prazer então começa.
Ora apraz o nadar contra a corrente,
ora girar nas aguas escondido,
ou c'os olhos na lua ir descansado
em parte occulto, em parte descoberto,
de costas, ao som d'agua, escorregando.
De quando em quando um toma pé no fundo,
assemelhando o busto de uma estatua
de marmore polido que se eleva
fronteira á lua, e solitaria brilha;
os companheiros de redor o cercam,
e com muito clamor sobre elle atiram

co'as plantas, e co'as mãos ondas sobre ondas.
Elle grita, elle ri, jura, e promette
de os punir, de vingar-se; então se arroja
ás ondas outra vez, e os segue, e os urge,
chove sobre elles desmedidas vagas
C'o festival combate o rio ferve,
perturba-se a corrente, os eccos bradam.

¡Oh! ¡como é doce um banho entre mancebos!
Um ri contando uma engraçada historia,
outro grita, outro canta, e todos folgam.
No fundo desigual talvez se encontre
dormindo alguma Nayade entre as conchas.
¿Sois mortaes? ¿e que importa? humano é Páris,
é Páris um pastor, goza entretanto
ternos abraços da immortal Enóne,
que deixa por gozal-o a propria fonte,
e vem sentar-se entre um rebanho humilde.
¡E ai de vós, se das Nymphas não moverdes
os puros corações para a ternura!
Mulheres não as ha nos campos nossos,
e vazia de amor a vida é nada.
Redobrae a attenção, pois devo agora
falar em baixa voz, porque receio
que as formosas Mondágides me escutem

VII

O mesmo coração, desejos, gostos,
que teem nossas mortaes no peito occultos,
teem as Nymphas tambem : ¡de exemplos quantos
se não pode cingir esta verdade!
Sobre as aras de Amor todas off'recem;
os ais do adorador nenhuma offendem;
comprazem-se de ouvir que as chamam bellas,
e a gloria prezam de enxugar o pranto,
o pranto que ellas sós nos arrancaram.
Se nos ouvem crueis, se esquivas fogem,
é porque insana lei de atroz costume
lhes ordena o fugir, lhes insinua
que é delicto em seu sexo a Natureza :
mas contra a Natureza em vão combatem
de cega educação fataes abusos.
A mãe universal ou cedo ou tarde

vence, triumphã, e no triumpho lèva
o sexo encantador já maniatado.
Todas oppõem sabida resistencia,
mas cumpre não ceder; por nós combatem
seu mesmo coração e a Natureza,
que auxilio inefficaz jamais nos foram.

E não sabeis que enquanto desdenhas
de nossos ais parecem offendidas,
quaes se as mordesse venenosa serpe,
tremem, receiam que ao temor cedamos,
e frouxa timidez nos furte as armas?
Inda que ostentem rispida esquivança,
agrada-lhes a guerra, e occultos votos
fazem a Amor para ficar vencidas.
Implorar-lhes perdão é ultrajal-as;
contra ellas ser audaz é ser-lhes caro,
é dar-lhes bens, poupando-lhe a vergonha.

Mas a regra primeira, a grande, o tudo
entre as regras de amor, é o artificio.
E' vasta a gradação de sentimentos
da innocencia á ternura Em cume altivo
de alta montanha, cujo aspecto assombra,
tem seu templo a Ternura, onde cercada
das Graças, dos Prazeres, dos Amores,
encanta os corações benigna Venus.
E' forçoso galgar toda a montanha,
subir de rocha em rocha, e p'riço em p'riço
para se entrar no deleitoso alcáçar.
Quem pretender poupar um passo ao menos,
quem saltar pretender, perde o já ganho,
para mais não surgir baqueia em terra.
Amor azas não tem, como se pinta;
a curtos passos, devagar, só anda.

VIII

Começaremos offertando ás Nymphas
sôbre altares campestres, levantados
das arvores á sombra, ao pé das fontes,
ou das grutas no fresco, ou sôbre oiteiros,
festões, grinaldas, passarinhos, frutos,
e capellas de búzios e de conchas,
mais brilhantes, mais bellas do que o Iris.

Formaremos cantigas, em que aos eccos
dos campos entre a lida repitamós
as perfeições, os méritos, os nomes
das Napéas, das Dryades formosas,
Hamadryades, Náyades, e quantas
filhas da Natureza a terra habitam,
para formar com dextra occulta e sábia
do rústico o prazer, do vate o encanto.

Isto, e a nossa virtude, e a vida nossa,
laboriosa, honrada, alegre, e quasi
egual á vida dos campestres deuses,
disporão para nós seu terno peito.

Talvez que pouco a pouco minorado
o casto susto de encontrar humanos,
não fujam de mostrar-se a seus cantores.
Se eu descançar junto de um cedro antigo,
ou de uma faia, ou reclinar a fronte
sôbre a raiz em parte descoberta
de uma oliveira, ou castanheiro antigo,
darei graças á Dryade, que habita
no tronco bemfeitor, que me faz sombra;
e d'elle a amavel Dryade sahindo
virá sentar-se ao lado meu na relva.

Depois que pouco e pouco transformado
se houver em confiança o pejo, o susto,
mudaremos de estylo: em nossos versos,
e só, e de continuo a formosura
em fogo nos porá do estro as azas.
Hão-de sorrir-se e comprazer-se, e muitas
suspenderão em seu caminho os passos.

E' lei sem excepção: domina em todas
a sêde, a gloria de chamar-se bellas.
Mas bellas tão somente heis-de chamal-as,
sem falar-lhes de amar. Depois de affeitas
a ouvir a narração de seus encantos,
dizei-lhes que por certo as rochas mesmas,
os troncos, e o crystal das frias aguas
ardem captivos de bellezas tantas;
que o sol com mais prazer detem seus olhos
nos campos d'ellas, só por ver seus rostos.

Se virdes que um sorriso gracioso
vos recompensa o canto, ¡audacia, amigos!
Avante um passo, e n'este passo cumpre .
o segredo buscar. Desde esse instante
não lhes faleis diante das mais nymphas;
buscae até que os socios vos não oiçam.

VIII

Suppõe tu, caro Antíono, encontrar-te
(esta supposição perdõe Alcippe)
n'um bosque solitario, onde vagueia
quem te faz delirar em novo incendio.
Se ella está pensativa, «¡Oh venturoso
o objecto, (lhe dirás,) em que se occupa
tua imaginação, formosa Nympha!
¡Se eu o fosse! .. ¡ai de mim! ¿por que revolvo
oucas esp'ranças, se chorar só devo?»

Se a vires sôbre o espelho da cascata
com brancas rosas concertando as tranças,
qual sôbre o teu ribeiro o faz Alcippe,
«¡Feliz rainha das mimosas flores,
feliz rosa, (dirás), inda que perdes
ao pé das graças d'ella as graças tuas!»

Se pozer sôbre o seio as melindrosas
roxas flores de amor, dirás: «Que inveja!
por ser vós um momento eu dera a vida.»
Mas isto em meia voz, para que julgue
que não é por te ouvir que assim falaste.

¿Não se irritou? prosegue, e de mais perto,
«Permitte-me, (dirás com ar ingenuo,
cheio de timidez) permite, ó Nympha,
que eu te torne mais bella, e te componha
essas flores, que um pouco se desmandam.»

Se ella o permite, a occasião não percas:
se ella hesita e se cala, não recusa;
compõe lhe o ornato no formoso seio,
e sorrindo, lhe diz: «¿Alguem no mundo
existe que não ame as proprias obras?
¡Esta obra que findei, me agrada tanto!...

N'isto beija-lhe o seio, e deixa as flores.
D'aqui avante o mar é já tranquillo,
propício o vento, e mui vizinho o porto:
já de piloto o lenho não carece;
quanto offerece amor tudo é já vosso.

IX

Já vejo sôbre os ceos dos nossos campos
todo o dia brincando em roseo coche
pela pombas tirada a amavel Cypria:
coroada de loiro, ei-la contente
entre palmas, que sombra lhe derramam;
eil-a por toda a parte sacudindo
do mysterioso cinto encantos, gostos,
delicias, tudo emfim que obriga a Jove
mudado em branco cisne, ou chuva d'oiro,
a trocar pela terra o sacro Olympo.
Desde então mais ditosa é nossa aldeia,
mais risonhos seus bellos arrabaldes;
ha mysterios de amor em qualquer gruta,
em qualquer solidão brincam prazeres.

¡Eis os frutos de amor, que desabrocham!
já os vejo das bellas entre os braços,
qual pequeno botão nascido apenas
da rosa já perfeita ao lado brilha.
Eil-às co'o proprio leite a sustental os,
taes como descreveu nos magos versos
Francilia, Musa de meu patrio rio,
a doce amiga sustentando o filho,
egual a Venus com Amor nos braços.
Eu as vejo, depois de afagos ternos,
soltar de si os cintos azulados,
em dois troncos prender as pontas ambas,
abril-os, deitar dentro entre mil flores,
depois de o ter beijado, o tenro infante,
para ser dos favonios embalado.

Eu as vejo nos troncos encostar-se
co'as mãos na face, e os olhos no innocente,
juntando aos sons das aves em seu ninho
ternos cantos, que os filhos adormeçam.

X

Já co'a turba infantil recresce a aldeia:
succedem ao silencio alegres brincos,
gostosos passatempos se preparam,
de nossos bens o numero se augmenta.

Vai crescendo em razão, crescendo em força,
esta prole feliz, que os Cyprios valles
como os amores, como as graças, honra.

Creados longe do tropél das côrtes,
puros no coração, que ninguém busca
semear de illusões, de prejuizos,
educados na paz, sem ver tirannos,
sem ouvir discorrer pedantes sabios,
té das sciencias ignorando os nomes,
terão destinos, que excedendo os nossos,
não hajam que invejar os puros dias,
que cegamente se nomeiam d'oiro.
¡D'oiro! ¡ai d'elles se o oiro então se visse!
Mais nocivo que o ferro, a bemfazeja
terra o sumiu nas maternaes entranhas,
sobre leitos de pallido veneno.

Quando o Genio do mal o trouxe ao dia,
cheias de assombro, de tropel correndo,
fugiram co'a Justiça almas Virtudes;
e pelas fundas miñas, que o guardavam,
surgiu do patrio inferno a perseguir-nos
chusma de vicios, e raivosas furias,
que os vicios inspirando, os vicios punem.

Se alguma vez os descendentes nossos,
quando a terra pacificos romperem,
encontrarem com oiro, um grito soltem;
a aldeia se reuna ardendo em raiva,
qual se dos bosques férvido sahisse,
igual ao raio o bruto d'Erimantho;
e o pallido fulgor da massa infesta
vão longe sepultar nos verdes mares.

«Monstro contrario a nós, sê devorado
pelo monstro do mar, que em furia vence»
dirão todos em chusma; e socegados
tornarão a lavrar seus ferteis campos.

XI

¡Que ideia pelo espirito me adeja
cheia de luz, de encantos rodeada !
Já vejo pelos ares scintillando
os fachos de Hymeneu. Já pelas ruas
vestidos de alvo linho, e coroados
de fresca mangerona os moços correm,
«¡Oh Hymeneu! Vem Hymeneu!» gritando.
«¡Oh Hymeneu! Vem Hymeneu!» respondem
os campos d'ecco em ecco; e pelas casas,
cheias de gosto, e de esperança as virgens
¡Vem Hymeneu, ó Hymeneu!» repetem.

As ruas de verdura estão juncadas,
listões de flores coroando as portas
enchem os ares de composto cheiro ;
e os meninos, que as causas não percebem
do confuso prazer, vão transportados
correndo em chusmas, e batendo as palmas,
gritando, «¡Oh Hymeneu!» Lá desce, e poisa
o Nume sobre o altar da Cypria deusa !

O venturoso par lá vai subindo
por entre a multidão, que attenta o mede.
Lá chega ao sitio destinado aos votos.
Sacerdotes não ha ; da aldeia os velhos
os cercam de redor. Lá se abraçaram ...
E' curto o voto seu. «Juro adorar-te
emquanto o doce amor tiver no peito.»
Unindo o seio ao seio, a face á face,
depois se beijarão por largo tempo;
e o Nume da alliança, o carinhoso
filho de Urania os cingirá dos mirtos,
que de Venus e Amor as fronte ornem.
E depois algum de nós se erga coroadado,
para falar d'esta maneira ao povo:

«Nasceu Amor para encantar os homens,
não para ser dos corações tiranno.
Menino ama o brincar, e quer ser livre.
Cura o tempo as feridas que elle fórma.
Depois de alto clarão, que cega os olhos,
seu facho, pouco e pouco enfraquecendo,
vem por fim a apagar-se; a Natureza,
nada produz que não succumba á morte.
Os animaes, as flores, os arbustos,
teem curta duração; vai manso, e manso
o tempo destruindo altas montanhas;
gasta-se o escolho c'o bater das ondas;
succede a lua ao sol, á noite o dia;
uma estação perece, outra renasce;
tudo é mortal na terra, e mais que tudo
as humanas paixões insulta a morte;
succede ao riso o pranto; á dôr prazeres;
ao odio amor; ao terno amor a raiva.
Eu vi moraes affectos n'um só dia
nascer e terminar, qual nasce e murcha
n'um só dia de Abril a rubra rosa.
;Ditoso par! amae-vos extremosos
emquanto a Natureza vos consinta;
;e oxalá que o consinta em largos annos!
;E oxalá que de vós o que entre os mortos
primeiro descansar, sinta regadas
pelos olhos do socio as mudas cinzas.
;Feliz quem n'um só fogo arde constante!
;feliz, mas raro como os negros cysnes!
;E ha loucos, e ha perversos, que ante as aras
jurem guardar uma constancia eterna?
Cegos, que a Natureza desconhecem,
cu zombam d'ella escarnecendo os votos.
Juram-se amar sem fim, e ou tarde ou cedo,
sem fim, e sem remorso se detestam.
;Juram-se amar sem fim! Mal que resoa
debaixo das abobadas o voto,
calcando o arco aos pés com ar maligno
o pobre Amor retira-se chorando
d'esta affronta cruel; pois sua gloria,
seu prazer, e seu timbre, é ser voluvel.
Crepitando em faíscas derradeiras
se apaga o facho, que debalde agita,
e emtórno espalha venenoso fumo,
fumo, que obriga a lagrimas eternas.

Entre pios e agoiros desgraçados,
ao leito nupcial os acompanha
entre alegre e assustada a meiga Venus.
Co'as serpes do cabello desgrenhadas,
mas inda sem silvar, detraz os segue
impaciente a rabida Discordia.
De flôres se corôa a lauta meza;
vôam-lhe em roda as graças, e o falerno,
e riso, e confusão, de encantos cheia.
¡Mas ah! cedo os pezares, e os suspiros,
a desesperação, e as vans querellas,
e a desordem, e as lagrimas rodeiam
os lares do prazer; a scena infausta
não rara vez negro punhal termina;
a viuvez, o luto envolve o leito.
Mas vós, ditoso par, vós, cujos labios
não proferiram temerario voto,
folgae, vivei nos braços da ternura,
melindrosa ternura, que não morre
se lhe não lançam vergonhoso jugo.
Para amar-vos fieis por largo tempo,
sede amaveis, ou sede virtuosos,
porque a doce virtude é sempre amavel.
Se o fogo se acabar, voltae ao templo,
a prender novo objecto em novos laços.»

Ouvindo este discurso o povo inteiro
o applaude em baixa voz, e á mãe das Graças
se canta o hymno, que remata a festa.
O resto d'este dia é dado aos jogos;
gasta-se a noite á roda das fogueiras
em musicas e em danças variadas.

XII

¡Engano-me, ou queixosa a Natureza
escuto suspirar? Não, não me engano.
Ella suspira, e pede-nos vingança
de outra injustiça, que lhe faz o mundo.
Ouvi e concordae:

Sabeis que muito
em número nos vence o amavel sexo.
Se a mãe universal não gera um ente,

que não consagre a amor, e a lei sagrada,
que obriga a propagar a propria especie,
é lei universal, que abrange a todos,
¿com que jus, por que horrenda tirannia
privadas d'Hymeneu suspiram tantas?
Não: cada esposo esposas enumere,
té que uma só sem thálamo não fique;
todas d'est'arte viverão contentes;
a honra de ser mãe pertence a todas.
Cresce a aldeia, não brada a Natureza;
infamadas não são as que procuram
os prazeres de amar, de ser amadas;
não se ouvirá que um barbaro veneno
dera a mãe a seu filho inda no ventre;
ou que um férreo punhal, ou laço infame
logo ao nascer lhe terminára os dias;
nem Venus corará vendo offertar-se
de ternura venal corruptos mimos.

¡Quão bellos correrão nossos momentos,
longe, e tão longe dos polidos povos!
Quasi Numes na vida encantadora,
até na duração quasi seremos
rivaes do povo habitador do Elysio.
O fio d'oiro da existencia nossa
inteiro volverão no fuso as Parcas.
Com pé tardío a inevitavel deusa,
que o mundo despovoa, e bebe o pranto,
e acompanha a saudade entre os ciprestes,
sem terror, e sem foice, e até sorrindo,
sem que a precedam seus fataes ministros,
nos levará de manso e a curtos passos,
coroados de cans para o sepulcro.

Mas, amigos, ¡quem sabe! as Cyprias nymphas,
se o fado o não tolher, talvez nos mostrem
a verde planta, que ao cerúleo reino
deu mais um nume, transformando a Glauço.
Semideuses então nos tornaremos
de nossa aldeia os sacros protectores.
Mas não: a lei da morte é lei terrivel,
que rara vez os numes quebrantáram.

¡E' forçoso morrer!.. ¡Longe os temores!
E' forçoso morrer, morra-se embora.

Não faltarão dulcíssimos transportes,
prazeres e ternura ao lance extremo.
Sôbre o funéreo leito o moribundo,
já sem côr, já sem fôrça, e quasi extincta
em seus olhos a luz, e a voz nos lábios,
erguendo a fraca dextra acena, e chama
cada um junto a si; vai despedir-se
para o somno sem fim. Sôbre as heranças
que ha-de recommendar se não tem nada?
Nada excepto a virtude, e os instrumentos
com que a terra lavrou. Sua cabana
vai ter outro senhor; as flores suas
imploram no jardim desde este instante
de outro cultor a próvida tutela:
de outro, sim, cuja mão todos os dias
irá de madrugada aos sacros manes,
pendurar sôbre o tumulto orvalhado
uma grinalda de orvalhadas flores.

Elle abre inda uma vez seus frouxos olhos,
onde começa a derramar-se a noite,
e de seus lábios tremulós por onde
já põe a occulta morte a mão gelada,
sólta cheio de affecto a vóz, que expira,
e seus amigos, e seus filhos chama.
Os seus amigos mudamente o cercam,
e não mostrar-lhe as lágrimas procuram.
A' luz da tibia alampada contemplam
quanto a hora fatal já se aproxima.

E seus pobres filhinhos entretanto
n'um canto da cabana estão sentados ;
dos amigos no gesto, e nas maneiras
ler seu destino impacientes buscam,
e attonitos, e tristes, nem se atrevem
a falar, a fazer qualquer pergunta,
por que os não lancem d'este sitio fóra;
mas olham-se entre si co'um ar tão meigo,
lastimoso, innocente, que podéra
desfazer de piedade a propria morte,
se o fado não contasse os nossos dias.

Seu pae, que os adorou, quer inda vêl-os,
lançar-lhes a sagrada ultima benção,
ver seu pranto, gozar dos seus afagos;

quer chamal-os. A voz faltou de todo.
E deixando cahir de lado o rôsto,
soltou da vida o derradeiro arranco.

Ao profundo silencio altos clamores
succedem n'um momento; e o pranto, e os gritos
por toda a parte na cabana sôam.
Os meninos confusos se levantam,
ouvem a nova, attentam no cadaver;
ouriçado o cabello, o sangue frio,
pallido o rosto, e vacillante o passo,
fogem para o jardim, por onde os segue
a imagem de seu Pae, no susto envôlta.
Qual o viram ha pouco, o teem comsigo.
Dos parreiraes as sombras os perturbam;
vêm nos troncos das árvores phantasmas.
Vão buscar o luar do rio á borda;
mas lembram-se que ali todas as noites
passeavam com elle; esta lembrança
os torna a perseguir; e em tudo encontram
de um Pae tão caro o aspecto, que os assusta.

Pela aldeia se espalha a infausta nova;
e parece que a morte em cada casa
arvorára um trophéo. Domina em todos
a dor, que se desfaz em pranto e gritos.
Dir-se-hia que furioso, insuperavel,
ia de tecto em tecto um vasto incendio.
Depois que um pouco em lúgubres transportes
a dôr se evaporou, por toda a parte
sôam louvores do chorado amigo.
Cada um lhe encarece uma virtude,
e de cada virtude exemplos contam.

O Justo dorme em paz: mas entretanto
ninguem dorme na aldeia. Ouviu-se o gallo
cantar, quando expirou da noite em meio;
torna o gallo a cantar na madrugada;
e em contínua vigilia discorreram
as longas horas, que á manhan precedem.
Torna o gallo a cantar na madrugada,
a aurora quer nascer; enchem-se os ares
de uma luz, que ao luar excede um pouco.
Do ninho suspendido em nossos tectos
a andorinha já sai; vôa cantando

defronte agora das janellas nossas
para nos saudar, pois entra o dia.
Já dos céos pelos flúidos espaços
circula a cotovia, que não cança
no longo canto, ou desmedido vôo ;
já o rumor das arvores e fontes,
que da noite na paz costuma ouvir-se,
vai fugindo com as trémulas estrellas;
torna a alegria ao mundo, e ao campo as côres ;
mas a alegria d'entre nós é longe,
os campos todos para nós teem luto.
Já se ouvem resoar da aldeia as portas;
já sai, já se reúne o povo inteiro.
O ar de meditação domina em todos,
todos trazem de pranto rociadas
as recentes grinaldas que teceram.

Em plantas aromaticas envôlto,
do alvergue, ha pouco seu, lá vem sahindo
o deplorado amigo ; ao caro pezo
submettem quatro os hombros vigorosos.
;Bençãos, bençãos ao Justo, em cujo aspecto
por entre a pallidez inda ressumbram
mansa innocencia, affectos generosos !

A lenta marcha á turba consternada
rompem com baixo tom sonoras flautas,
que de triste alvoroço o peito agitam.
Apoz ellas, o funebre cadaver.
Dos Anciãos vai precedendo á chusma.
Estes, fronte inclinada, olhos em terra,
vão suspirando, e a vista lacrimosa
lançam de quando em quando ao doce amigo,
que os precedeu na região da morte.
Em seguida, modestos se confundem
os mancebos de teixo coroados,
co'as bellas raparigas, que parecem
mais formosas co'a languida tristeza :
elles cantam em côro aos longos eccos
o como a quanto existe abrange a morte;
ellas em tom mais doce a voz levantam,
para mostrar como a existencia curta
de prazeres doirar-se ao menos dêve.

Vão depois os meninos innocentes,
de ambos os sexos em confuso bando :
levam em suas mãos para o sepulcro
pequenas oblações: pomos, e flores,
taças de leite e mel, de vinho e d'agua
tomada em fonte viva antes da aurora,
e de barro thuribulos não grandes.

Já se chega ao logar sagrado á morte .
E' um valle sombrio, onde se abraçam
mil arvores diversas, onde habitam
meigas filhas do céo, canoras aves.
Reveste fresca relva a terra fria,
pallido musgo os carcomidos troncos.
Aqui frescos favonios adejando
pelas folhudas grimpas, docemente
só se ouvem suspirar ; aqui mais terna
derrama a aurora o pranto matutino;
mais terna geme a rôla; e mais delirios
na alma gera o luar por estes campos.
É fechado o logar de mil rochedos,
por onde algumas fontes se derivam
com tacito rumor, que inspira os somnos
Pelas profundas, tenebrosas grutas,
e sobre os agudissimos rochedos
crê-se ver e escutar sagrados manes,
em frouxa voz, que as auras assemelha,
cantando os gostos da passada vida.
Lá não geme a coruja, ou pia o mocho :
reina em vez do terror branda saudade,
terna melancolia, encanto, enlêvo
dos corações, das almas bem nascidas.

¿Que estrondo é este pelo chão da morte?
São as férreas enchadas, que se alternam
para formar do eterno somno o leito.
Agora cresce a dor na despedida.
Lá chega, lá se arroja, lá se esconde
da Mãe universal no seio um filho !

«Paz ao homem de bem !» dizem de roda
os velhos, e retiram-se chorando.

«Leve te seja a terra !» os moços gritam,
e partem derramando-lhe folhagem.

Chega a turba infantil, seus dons off'rece,
e vai juntar-se á multidão, que torna
aos trabalhos de novo á sua aldeia.

¡Mas ah ! ¿qual d'entre nós terá primeiro,
caros amigos, de fechar seus dias ?
¿Quaes chorarão no tumulto silvestre ?
Talvez eu vos preceda, e vá saudoso
ver na Tenária porta o Cão trifuace,
na Estyge nebulosa a barca horrenda,
e do Elysio paiz os gratos campos,
lá onde os vates do universo inteiro,
já numes, em republica se uniram.

XIII

Mas não pensemos n'isto : é Maio agora
que devemos cantar; nós o jurámos.

Recomponde na fronte as vossas c'roas;
ergâmo-nos, enchei de vinho as taças;
e ante o céu, ante a lua, que nos ouve,
entre os favonios, e as formosas nymphas,
que escondidas nas ondas nos rodeiam,
saudemnos novamente o alegre Maio,
jurando que desde hoje em nossas lyras
ha-de escutar cada anno os seus louvores.

O' Maio, eu falo; escuta-me: «Por este
licor de Bassareu, que me arrebatá,
pelos filhos gentis da branca Leda,
que pela mão a nós te conduziram,
por tuas flores, com que estou soberbo,
por tuas fontes, zéfiros e bosques,
por teu ceo gracioso, e por ti mesmo,
e pela tua amiga, a minha Musa,
juro de consagrar emquanto viva,
todo o teu mez ao teu louvor, e ás festas.»

NOTAS

A

FESTA DE MAIO

CANTO I

Pag. 37, verso 4.º

Das Filhas de Nereu a mais formosa
foi Galatéa candida e rosada.

Como das bagatelas que forçadamente tenho semeado por alguns d'esses jornaes, que é o mesmo que escrever em folhas e atiralas ao ar, algumas haja que não mereçam de todo perder-se, estas me pareceu il-as recolhendo a meus livros, por qualquer modo que fossem achando cabida, para não ser como a Sibylla de Cumas, que em uma vez se lhe desmandando com os ventos as folhas que tinha escritas, já para sempre tirava d'ellas o sentido: *nec ponere in ordine curat*. Por isso traslado do Num. 3 do *Jornal dos Amigos das Lettras*, todo o seguinte Artigo. *

* Por esta occasião me importa fazer um annuncio ao Publico. Ei-lo: declaro que se esse Jornal inesperadamente acabou, não foi minha a culpa, assim como de nenhum dos sócios, mas somente dos acontecimentos, assim publicos como privados da Socie-

Antonii Feliciani de Castilho

GALATEA: CARMEN

ADVERTENCIA PRELIMINAR

O fragmento latino que se vos offerece, sob o titulo de Galatéa, é uma tentativa e nada mais: e quem m'ò quizesse haver a ostentação, não só mostrára quam pouco me conhece, mas ainda com atrocissima injúria me aggravaria.

Discorridos são hoje mais de dez annos, depois que, desejoso de refrescar lembranças de conhecido com as Romanas Musas, companheiras e alegria de minha infancia, me dei ao passatempo de metrificar em Latim, já os pensamentos que primeiros me occorriam, já algum episodio de minhas proprias obrinhas; sendo assim, que esta fabula de Galatéa a trasladei do Poema da *Festa de Maio*, no meu livro da *Primavera*.

Sei bem que não ha hoje, e especialmente por cá, leitores para o Latim, sendo a final chegado o prazo de, com razão e sem o mínimo escrupulo, se poder chamar tal Lingua morta e enterrada. Sei mais que, inda mal, não respondem estes meus versos ao que eu anciára que elles fossem, e nem va-

dade: com elle nunca tive outras algumas relações senão as onerosas e de trabalho, que eu tomava com tudo com muito gôsto. Todos os sócios o sabem, mas interessa-me que o saiba toda a gente, para me salvar de quaesquer desasizadas reclamações.

lem mais que uma boa parte dos ahi impressos na custosa Collecção de Poetas do nosso Padre Reis; e comtudo, a despeito d'estas duas tão fortes razões, e tão valentes para me deverem dissuadir, convim em que tão pobre coisa se dêsse á estampa. ¿Será, segundo muitas vezes se escreve em prologos, para incitar engenhos a fazerem melhor? não. ¿Pois será, como tambem em prologos se usa de escrever, para que os Aristarchos me ensinem o que, o como, e o por onde devo corrigir e melhorar? menos; que não sei eu de um só, que se hoje occupe com semelhantes vaidades.

¿Como por tanto me livrarei da desmerecida taxa de presumpçoso? confessando, como tambem em prologos se costuma, mas d'esta vez com verdade, que o faço por obedecer a desejos de pessoa, com quem muito me importa estar em tudo bem.

GALATÊA

Carmen, ex Lusitano Latine redditum.

Assiduis, juvenes, proscindite flumina remis,
dum vacat, et picto lætos juvat ire phaselo;
intereaquæ meo vestrum fallente laborem
carmine, Romanas percurrant pollice chordas.

Nereidas inter quondam pulcherrima Nymphas
Nympha fuit Galatêa maris: cui lilia mixtis
ore rosis, flavæque comæ, roseique labelli,
cæruleoque oculi placido fulgore micantes,
et sinus albenti in scopulis albescentior unda,
qualem nec Paphiis habuit quæ regnat in arvis.

Tertia post decimam vernantia tempora brumam
 floruerant, postquam vitali vescitur aura
 Nympha; nec in terris, aut cœlo, aut æquore toto
 est quæ formosis ausit contendere formis.
 Multi illam juvenes, multi petiere deorum,
 undique blanditiis et laudibus insidiantes.
 Nulli illi juvenes, nulli placuere deorum.

Hanc pater undisono sub gurgite in antra vocavit,
 amplexumque dedit, tremulisque sedere coegit
 in genibus, tales fundens post oscula voces:
 «Filia, tempus adest pueriles linquere ludos.
 «Non te pulchra latet, qua subjicis omnia, forma;
 «tene latet quantis fugiendi viribus, instant
 «qui toties, laudesque ferunt, gressusque sequuntur?
 «Crede patris canis et amoris crede paterno;
 «quo plus obsequiis, quo plus sermone placebunt
 «(parce seni juvenem patri non grata monenti)
 «hoc magis incautæ protendent retia formæ;
 «filia, tempus adest pueriles linquere ludos.
 «Sit tibi cura meos posthac delphinæ in undis
 «pascere, perque salum deformes ducere phocas;
 «non bene pigra tuis ignavia convenit annis.»

Dixit: et e patrio discerpta coralia ponto,
 cuspide inaurata, pastoria munera, virgam
 tradidit, atque pecus natæ commisit habendum.
 Est virides inter, Nereus quibus imperat, undas
 valle locus tuta, nec divo pervius ulli;
 «Hic maneat, dixit, te sæpe deinde revisam.»
 Arrisit, natamque pater sine teste reliquit.

Haud semel ignifero radiarant lumine currus,
 Phæbe, tui, dum læta pecus Galatea marinum,
 gurgitis inter opes, viridanti paverat alga.
 Interdum æquoreis linquens armenta molossis
 ibat, et in calathos modo tinctas murice conchas,
 et modo lucentes bacccas contenta legebat.
 Ver erat, et pictos zephyris mulcentibus agros,
 mense renidebat tellus lætissima Majo;
 aureus in liquidæ Sol brachia Thetidos ibat.
 Deserere ima maris, solum conscendere littus
 ausa fuit virgo, non sic reditura sub undas.
 Summa petens scopuli viridi bub rupe recessit,
 unde fretum, terrasque lubens circumspectat omnes.

Hic sedet, et pascens animos novitate locorum,
miratur, facilesque oculos fert omnia circum.
Ut mediis vidit formosum fluctibus Acin
æquora jactatis tranantem cana lacertis,
versibus abstinuit, versus nam forte canebat;
erubuit, turbata silet, suspiria ducit;
nunc subeunt jussus, subeunt hortamina patris;
jam cupiat tutis fugiendo immergier undis,
nec potis est cupiens et littore perdita inhæret;
nunc libet et tacito cautæ latuisse sub æntro,
donec arenoso mutarit littore fluctus
discedensque puer securam liquerit oram;
pænitet inde fugæ, sistit, mavultque videri.
Corpora, cæruleas inter candentia lymphas,
quam numeris perfecta suis! quam fortia puls
devectantur aquis! quam multa est gratia nanti!
Quam bene suffuso sua membra liquore teguntur,
quam bene disperso nudantur eburnea ponto!
Cuncta tenent oculos, in cunctis Nympha moratur.
Interdum propius sensim vestigia ponit,
nec propiora tamen fieri vestigia sentit.
Queisque prius sparsis volitaverat aura capillis,
nescia cur fingat, vel collo dividat apte,
dividit illa tamen, studioque indulget inani.
Hinc littus petit, ac vultus speculatur in unda,
et quanquam ipsa sibi pulcherruma tota videtur,
pulchrior exoptat fieri, frustra que laborat.

Interea juvenis, jam fessus nasse, redibat,
et prope jam fulvas manibus tangebatur arenas:
illa fugit, trepidatque, et rupe reconditur ima.
Hic latet, et votis contraria vota rependens,
nunc patris hortatus, et nunc reminiscitur Acin.
Et rubet, et pallet, nec vultibus hæret in isdem.

Haud mora: nudus adest, antrumque Simethius intrat
Acis, ut abjectas repetat sub tegmine vestes.

Quid remi cecidere, quid ó cessatis, amici?
Nonne retro refugisse ratem, dumque ora tenetis,
aversam in portus sentitis abire relictos?
Instaurate opus ac totis incumbite remis:
quó pænas detis, dictis nihil amplius addam.

CANTO II

Pag. 64 versos 34 e seguintes.

E que? algum de nós contra o que vive

A questão, se sim ou não se ha-de o homem alimentar de substancias animaes, tem sido muitas vezes, e com oppostas sentenças, debatida por philosophos, poetas, naturalistas, e medicos. A affirmação e a negação acharam para argumentos, já uso e consenso de povos em todos os tempos, já razões intrinsecas tiradas de nossa propria conveniencia.

E' assumpto que requeria larga escritura, e em que a qualquer seria facil dissertar eruditamente. Voar-lhe-hei pelas summidades.

Aquella vaga tradição, que em toda a parte permanece, de uma primitiva idade do mundo innocente e felicissimo, entre as coisas de que reza, aponta sempre o não se comer de animal algum, senão só de frutas, hervas, leite, e mel. De outro modo se não podiam sustentar, conforme parece pelo ancianissimo Genesis, os moradores do Paraizo, não só homens, porém todos os viventes.

Quadrava o preceito e toava o uso, pelo menos á humana natureza, que ainda agora, se a bem espreitarmos na infancia, ou antes de alterada por contrarios habitos, se afflige e revolve com o aspecto do sangue e morte.

Verdade é, que, depois da queda de nossos primeiros paes, nem o Testamento velho nem o novo, tornam a prohibir as car-

nes; mas toques da mesma nativa compaixão para com os animaes não lhes faltam, dos quaes pelo menos se deduz, por bom discurso, que, se os tivermos de comer, ainda ahi nos devemos haver com a possível mansidão, poupando cruezas excusadas, como são, e se costuma, atormental-os na agonia por lhes refinar o sabor, caçar, montar e pescar por passatempo, e pelo mero gosto de malfazer.

Lê-se nos Proverbios, segundo a versão dos Setenta: *Justus miseretur animas jumentorum suorum; viscera autem impiorum crudelia.* — O que justo fôr ha-de-se apiedar da condição dos seus brutos; mas as entranhas dos impios não se apiedam de nenhuma cousa.

No Exodo: *Non coques hædum in lacte matris suæ.* — Não cozas o cabrito no leite de sua mãe. — E' dito para ser ruminado, pelo mimoso do affecto que rescende.

No Deuteronomio: *Si ambulans per viam, in arbore vel in terra nidum avis inveneris, et matrem pullis vel ovis desuper incubantem, non tenebis eam cum filiis, sed abire patieris, ut bene sit tibi, et longo vivas tempore.* Se o acaso te deparar no caminho, quer em arvore quer no chão, um ninho de ave, e a mãe estiver a agazalhar os filhos ou os ovos, não a tomes com os filhos, senão que em boa hora a deixes ir, para que boa estreia te venha, e vivas largos annos.

*

Entre os Santos Padres, que são os depositarios e dispenseiros do espirito christão,

alguma coisa se podéra citar que autorizasse este genero de piedade.

Sabida é a de que usou Santo Anselmo, uma vez para com uma lebre, outra para com um passarinho.

Tertulliano se maravilha de que, entre christãos, os haja que se accomodem a ser carneiros: *nescio an dolendum an erubescendum sit*; — não sei, diz elle, se mais é para se haver lástima, se vergonha.

S. João Chrisostomo escrevia, que se não podia ser Santo sem uma extremada suavidade de affectos, e muita vehemencia de bem querer, não só aos nossos, mas ainda aos extranhos, em tanta maneira que até aos brutos animaes abranja essa mansidão. (*Homil. 29. na Epist. ad Rom.*) E dizia bem, que nas vidas de não poucos Santos resplandecem as provas.

S. Francisco de Assis resgatava os cordeiros que iam para o córte, pagava e soltava as redadas dos peixes e os viveiros das aves.

Mas não apontemos mais, por não enjoar philosophos, digo philosophos de nossa terra, dos que nos assoalham philosophia de torna-viagem, porque os lá de fóra já deixaram muito para traz a impiedade.

*

Não é porém necessario ser christão, se não que basta ser homem, para repartir com os brutos do thesoiro da caridade, de que muitos d'elles usam a seu modo, não só para com os seus, mas para comnosco; sendo as-

sim que onde os não maltratam, são elles de indole muito mais benigna.

Em Inglaterra, segundo se diz, nem ha cão que ladre, nem besta que escoicinha.

Em não sei que ilha deserta, acharam os primeiros descobridores, em aportando, (segundo encontrei na Escolha de Viagens por John Adams) serem tão cortezes as aves de que toda era cheia, que não fugiam dos novos hospedes, antes os festejavam e se deixavam pôr a mão; semelhantemente ao que da ilha das Garças aponta João de Barros *Dec. 1 Liv. 1 Cap. 7*, aonde «como não eram traquejadas de gente (as garças e outras aves), ás mãos tomaram (os marinheiros de Nuno Tristão) tanta quantidade d'ellas, que ficou por refrêsko ao navio.»

Dos leões é corrente entre os naturalistas não perseguirem, mas esquivarem-se dos perseguidores, embrenhando-se cada vez mais pelos seus sertões adentro, sendo aliás mui leves de domesticar, e folgando de acompanhar, como rafeiros innocentes, a trôco de qualquer esmola de pão, por largo espaço de leguas.

Muitas são em toda a parte, mormente em Africa, as serpentes, que, namoradas do bom gazalhado, trocam seus mattos pelas poissadas humanas, e n'ellas se hão como boas comadres da familia.

O cavallo do Arabe é o contubernal e primeiro amigo de seu dono: um bom Arabe na morte do seu cavallo deveria de se expressar pouco mais ou menos como Millevoye o suppõe na Elegia.

Muitos prezos teem logrado domesticar ara-

nhas e ratos, até o ponto de, no meio das asperezas de um segredo, se poderem esquecer por muitas horas do seu desamparo, crueldade e injustiças humanas.

No páteo da residencia parochial de S. Mamede da Castanheira do Vouga, todos os dias a horas certas viamos acudir ao almoço e ceia que ás nossas pombas disparziamos, todos os passarinhos da vizinhança, que já traziamos tão correntes, que nos vinham comer aos pés, por saberem (porque os bratinhos sabem muito mais do que nós outros cuidâmos) que n'aquella casinha da solidão moravam amigos seus, e nunca terem ouvido tiro, nem enxergado rede no pequeno arredor do templo e passaes solitarios. *

Se a tudo isto, e a muitos outros exemplos, se lançar conta, alguma verdade se achará no affirmarem poetas, que no descahir da idade de oiro, ao mesmo tempo que se os homens corromperam degenerando em cruéis, se foram as fêras tornando bravias e desbridadas.

*

Em todos os tempos, e até por fóra e mui longe d'esta Religião caridosa, houve quem bem entendesse como entes nossos conterraneos n'este orbe, irmãos nossos em viver, sentir, padecer e acabar, com sangue e coração como nós, com amor, prazeres e

* Em podendo ser, publicarei um volume de poesias, que lá compuz acerca d'aquella bemaventurada solidão, onde annos vivi ignorado e contente, na residencia de meu Irmão Augusto Frederico.

filhos como nós, bebendo como nós no immenso vaso do Pae commum o mesmo ar, a mesma luz, as mesmas aguas, e comendo connosco á mesma meza do universal banquete, poderiam, quando muito, servir-nos de pasto; mas fóra d'ahi qualquer injúria que se lhes accrescentasse, seria horrorosa profanação e violação da Natureza.

Plutarcho e Quintiliano referem, que os Athenienses castigaram severamente algumas sevicias commettidas contra animaes.

O Alcorão espalhou por todos os povos, que largamente senhoreia, muita d'esta benignidade: raro Mahometano deixará de matar a fome ao cão de seu inimigo.

Na China passa esta beneficencia muito adiante. Que nol-o diga em seu estylo chão o nosso Fernão Mendes, ou talvez o Jesuita que em seu nome, e por um n'odo tão riço de crer, compilou tantas e tão preciosas noticias do Oriente, mui desacreditadas em tempo, já hoje em parte mui abonadas de verdadeiras. Padre ou marinheiro, diz assim; (fala de uma feira que no rio de Batampina, em caminho de Nanquim para Pequim, se faz com mais de duas mil ruas de barcas, nas quaes ha para vender tudo a que no mundo se pode pôr nome):

«Ha tambem outras embarcações em que os homens trazem grande somma de gaiolas com passarinhos vivos; e tangendo com instrumentos musicos dizem em voz alta á gente que os ouve, que libertem aquelles captivos, que são creaturas de Deus; a que muita gente acode a lhes dar esmola, com que resgata d'aquelles captivos os que cada

um quer, e os lança logo a avoar, e toda a gente dando um grande grito lhes diz: *pichau pitanel catão vocaxi*, que quer dizer, *dize lá a Deus como cá o servimos*. Ha outros homens que n'outras embarcações trazem grandes panellas cheias de agua, em que trazem muitos peixinhos vivos, que tomam nos rios n'umas redes de malha muito miudas; tambem pela mesma maneira veem bradando que libertem aquelles captivos por serviço de Deus, que são innocentes, que nunca peccaram; a que tambem a gente, dando sua esmola, compram d'aquelles peixinhos os que querem, e os tornam logo a lançar no rio, dizendo: *vae-te embora, e lá dize de mim este bem que te fiz por serviço de Deus*. E estas embarcações, em que estas coisas se trazem a vender, não se hão-de contar por menos somma que de cento e duzentas para cima.»

Na India são n'esta virtude extremosissimos.

Alguns viajantes tanto encarecem a coisa, que chegam a affirmar haver por lá, ainda no seculo passado, hospitaes para as mais asquerosas sevandijas, como piolhos, pulgas e persovejos.

*

Pôsto que tudo quanto até aqui tenho trazido, possa parecer uma diversão do principal proposito, não o é, por quanto d'estes misericordiosos affectos é que se tem em parte derivado a abstinencia de carnes, observada por muitas pessoas, communidades,

seitas, e povos: em parte digo, porque em outros diversos fundamentos tem tambem estribado, como veremos.

E pois que a ultima que tocámos foi a India, a ella tornemos, levando por explorador e lingua, não algum estrangeiro, de que outros se contentam mais, mas um patricio nosso, dos varios que para tal officio se poderam tomar: é Duarte Barbosa; e diz:

«Há neste regno (de Guzarate) outra sorte de Gentios, que chamam Bramanes; estes não comem carne, nem pescado, nem nenhuma coisa que morra, nem matam, nem menos querem ver matar, por asi lh'o defender sua idolatria; e guardam isto em tamanho extremo que é coisa espantosa, porque muitas vezes acontece levarem-lhe os Moiros bichos, e passarinhos vivos, e fazerem que os querem matar perante elles, e estes Bramanes lh'os comprem e resgatam, dando-lhes por elles muito mais do que valem, por lhes salvarem as vidas, e solta-los. Se tambem El-Rei, ou o governador da terra, tem algum homem, por culpas que comettesse, julgado á morte, ajuntam-se elles, e comprem-n o á Justiça, se lh'o quer vender, para que não morra; e tambem alguns Moiros pedintes, quando querem haver esmola d'estes, tomam mui grandes pedras, e dão com ellas em cima dos hombros e barrigas, como que se querem matar perante elles; e por que o não façam, lhes dão muitas esmolos, e que se vão em paz; outros trazem facas, e dão-se com ellas cutiladas pelos braços e pernas,

e para se não matarem lhes dão muitas esmolas; outros lhes veem ás portas a querer-lhes degolar ratos e cobras, aos quaes elles dão muito dinheiro por o não fazerem, e d'esta maneira são dos Moiros mui apreciados. Estes Bramanes, se acham no caminho algum golpe de formigas, arredam-se buscando por onde passem sem as pisarem. E em suas casas de dia ceiam; de dia nem de noite acendem candeia, per caso de alguns mosquitos não irem morrer no lume da candeia; e se todavia teem grande necessidade de acenderem de noite, teem uma alenterna de papel ou de pano agomado, para coisa nenhuma viva poder ir morrer dentro no fogo; se estes criam muitos piolhos, não os matam; e quando os muito aqueixam mandam chamar uns homens que entre elles vivem, que tambem são gentios, e elles os hão por de santa vida, e são como irmãos, vivendo em muita abstinencia por reverencia dos seus deuses; estes os catam, e quantos piolhos lhes tiram põem n-os em suas cabeças, e os criam com suas carnes, em que dizem fazerem mui grande serviço a seu Idolo, e assim guardam uns e outros com muita temperança á lei de não matarem. Estes Gentios são mui delicados e temperados em seu comer; seus manjares são leites, manteigas, açúcar, e arroz, e muitas conservas de diversas maneiras; servem-se muito de coisas de fruta e hortalica, e de hervas de campo para seus manjares; onde quer que vivem teem muitas hortas e pomares»

Na *Historia de Mysore*, lê-se que em Bengala, quando a violencia da fome a de-

vastou em 1774, consumindo-lhe obra de tres milhões d'almas, foram em muito grande numero os Indios que antes quizeram deixar-se morrer á mingoa, do que acabar consigo comer carne de animaes.

Frequente e antigo é na India este antojo; e tão notorio, que não ha por que afogar o discurso com mais exemplos. Bem podia proceder isso, em parte, da vegetavel abundancia e espantosa cultura d'aquellas terras, e de alguma especial compleição do clima, ou natureza ou costumes dos moradores, ou algumas outras circumstancias, segundo as quaes os corpos se dêssem melhor com os pastos leves e frugaes. Viria depois a Religião consagrar por dogmas seus os conselhos da hygiene, como com vinho, toucinho e abluções aconteceu em muito Oriente á conta da lepra. Para melhor incutir o preceito, cercal-o-hia de fabulas amigas da imaginação do vulgo, como a encarnação dos deuses em corpos de brutos, e a transmigração das almas humanas por differentes sortes de viventes, até parar na vacca; materias estas de que as historias e peregrinações fazem larga menção.

Dos Indios podéram tomar por mão a crença os Egypcios, os quaes, sendo moradores de solo não menos liberal, deviam tambem perdoar grandemente aos animaes, em quem reverenciavam suas divindades, ou santuarios ambulantes que d'ellas foram; e confirma-me na suspeita a conveniencia, que já de alguém deverá ter sido notada, do boi Apis do Egypto com a vacca ainda hoje sagrada dos Indios.

Do Egypto provavelmente trouxe Pythágoras para a Italia, em tempos de Numa ou Servio Tullio, a sua metempsicose com a defensão do uso das carnes. Não pegou a invenção, se não foi em alguns escolares fanaticos de tamanho mestre; e nem philosophos pelo tempo adiante a sustentaram, nem poetas se valeram d'ella, afóra Ovidio nas *Metamorphoses*, e só como narrador; e mas não deixava de ser fecunda e bem assombrada crença para poesias. Não pegou, porque não vinha propria á indole do solo ou ao temperamento dos Italos, ou, o que é mais certo, porque encontrava os antiquissimos usos de umas gentes, que primeiro tinham sido pastoras e depois guerreiras.

Na ilha da Palma, acharam os nossos, quando descobriam, e conquistavam, e amañçavam aquelle archipelago, (senhorio traspasado depois em Castella, mas padrão glorioso do nosso Infante D. Henrique) serem mantimentos dos moradores hervas, leite, e mel. Com este particular exemplo me acóde a memoria; mas alguns outros semelhantes de outras ilhas me parece ter achado pelas historias, de que me não ficou nem fiz a lembrança precisa.

*

Com a propagação da Fé christan renasceu religiosa a abstinencia na Europa, por motivo não de brandura, mas de mortificação. Apareceram Ordens numerosas de religiosos, primeiro só de homens, logo tambem de mulheres, que, renunciando todos os car-

naes deleites para melhor apurarem os do espirito, tomando o exemplo dos primitivos eremitas que se abastavam com as hervas, raizes, frutas silvestres, e aguas dos montes, não só cortaram pelas demazias na quantidade do sustento, não só o estreitaram com regras de jejuns, mas em varios de seus institutos o expurgaram de todo animal terrestre ou volátil, não consentindo, quando muito, senão em algum marisco secco e fraco, para regalo das festas.

E é para notar como ainda os mais rigidos observantes logravam saude inteira e robusta, e chegavam ao ultimo fio da velhice: *mens sana in corpore sano*.

*

Annos ha, que me recordo de ter achado em uma *Gazeta de Lisboa*, estar-se creando em Manchester uma seita, que por philosophica defendia tomar qualquer sustento animal. Era noticia de *Gazeta*; não affirmarei que tivesse pé; e se o teve, não sei em que parou.

Já que estamos com Inglezes, falemos de Franklin. Este homem, a quem a probidade e juizo fizeram philosopho e liberal, e não a devassidão e o estouvamento, tendo lido, dil-o elle, o livro em que Tryon recommenda a dieta vegetal, determinou-se em a observar. Pôl-o por obra, e, limitando-se em arroz e batatas, e ás vezes ainda em menos, como passas, bolaxa, ou pão, com uma gotta de agua, não só forrou do seu salario (era ainda então compositor de imprensa) com que poder comprar livros, mas do seu tempo ac-

crescentou para estudos o que as refeições e digestões lhe poderam consumir; fez progressos proporcionados á clareza de ideias e fortaleza de percepção, que são o fruto da temperança no comer e beber.

Seguiu constante por algum tempo, não pouco, até que chega á ilha de Block, assiste a uma pesca, revolvem-se-lhe nas entranhas as máximas do seu Tryon, dá por genero de assassinio aquelle matar viventes, que nem tinham feito nem eram capazes de fazer, o mínimo mal. Põem-se os mortos ao lume, rescende o guizado; o philosopho no seu tempo gostára apaixonadamente de peixe; entra pelo nariz a tentação, estremece a philosophia, e em boa hora lhe acode com uma bulla de composição, lembrando-lhe como ao abrir e limpar d'aquelles peixes, lhes vira dentro do buxo outros peixinhos mais pequenos.

«Pois que é isto (diz elle entre si)! se vós uns a outros vos comeis, ¿por que não hei-de eu tambem comer vos a vós?»

N'essa hora e com esta palavra se lhe quebrou o fadario; o que muito bem prova, accrescenta o bom homem, sermos nós *animas racionais*, sabendo, como sabemos, achar pretextos plausiveis para quanto nos póde dar gosto.

*

Outro autor muito afamado de nossos dias, Raynal, era igualmente sobrio. A senhora Marqueza d'Alorna, que muitas vezes o teve a jantar, me contou, que nunca o vira comer mais que algumas poucas her-

vas e fruta, nem beber senão agua. Era, observava ella, como um conviva das Nymphas, custando a crer como com aquellas refeições de idyllio se podessem sustentar tantos nervos d'alma e de pensamento.

Se depois de autores de livros se póde citar quem não sabe ler, em Grada, logarejo da Bairrada, vivia um moço que eu conheci, o qual nunca provára vacca. Perguntado a causa, não era religião, nem philosophia, nem tédio natural, mas effeito de um vehementissimo e entranhado amor que tinha aos bois, com quem se creára, com quem vivia, lavrava, e dormia paredes meias. Rústico era, e sem o cuidar discorria e falava como o Sabio de Cheronêa, quando dizia, que, por tudo quanto o mundo tinha, não venderia nunca o boi que em seu serviço envelhecêra.

A fóra os monges, philosophos e amigos dos bois, ha ainda uma grande quantia de homens, puro comedores de vegetaes em quasi todo o anno são os moradores das serras e aldeias pobres, a quem a estreiteza de sua fortuna mal dá licença para chegarem á carne por entrudo e paschoa, e poucas mais vezes, e só escassissimamente, ao pescado, visita mui rara em terras mesquinhas do sertão. De choupanas sei eu, e quasi de inteiros logares, pelas abas da serra do Caramulo, onde oito annos vivi, que de pouco mais se sustentam que do pão de centeio e milho, batatas, e alguns legumes; e estes asperissimos banquetes, em que até pelo

de mais fallece o agro vinho verde de seus montes, trazem-nos comtudo mais rijos e são no trabalho, do que as grandes ucharias aos mimosos das cidades.

*

Acabarei estes exemplos com o que melhor conheço, que é o meu.

Quando eu compuz estes versos da *Festa de Maio*, era como já no Ante-Prologo disse, todo Gessnérico: trazia a alma toda a nadar no coração, empapado com os mais brandos affectos do mundo, como rosa a boiar em vaso de leite; amava as plantas e tratava com ellas como com entes sensitivos; todos os entes sensitivos amava-os como amigos e companheiros; tinha phantasia prompta, que muito ajuda em todo o genero de bem querer; esta me revelava de continuo, e me ataviava de suas fabulas e côres, a particular vida e cheissimo mundo de cada insecto; e porque esse seu mundo e vida dizia tanto com o meu, e o commum de seus substanciaes interesses com o commum dos substanciaes interesses dos homens, acontecia que, imaginando-me ora grillo, ora passaro, ora borboleta, tinha aprendido uma perfeita, e, se dizel-o posso, egoista, caridade para com todos elles

Ouvi debater a questão do uso das carnes. As rasões affirmativas podiam ter mais força; mas as negativas diziam com o meu gosto; é meia persuasão; cahiram-me tão bem, que logo me dei, se não por convencido, por per-

suadido; e como persuadido e convencido escrevi os versos, que por isso aos indifferentes e de contraria sentença, devem parecer, como em verdade são, sobejos, exagerados, e declamatorios.

Era o escrito fruto de minha opinião; mas esta, como acontece, se roborou por elle, e até tal ponto se confirmou, que do que até ali não passára de poetica theoria, institui fazer pratica minha em toda a vida, renunciando qualquer genero de alimento animal.

Por duas vias se fazia de mal o tental-o: já porque em coisa tão exceptuada do geral não deixariam de cahir extranhesas e zombarias, já porque tanta sobriedade entre quem a não usava, era genero de martyrio continuamente renovado.

Mas contra estes dois contrastes prevaleciam outros dois argumentos: primeiro, minha consciencia, que repugnava banquetes de sangue; segundo, o pressupposto em que estava, de que as faculdades da alma se haviam de adelgaçar e crescer onde o corpo fosse favorecido da parcimonia.

Metti-me Pythagorico aos 23 de Agosto do anno de 1822, tendo sido gastos os mezes, que desde a feitura do poema decorreram até esse, em acabar de me resolver e aparelhar para tão grande façanha; e permaneci na observancia do voto até 23 de Agosto do seguinte anno. Acabei o noviciado, e em lugar de professar, despedi-me.

Tive minhas rasões, e, ainda que pouco se me havia de dar agora do que se podesse dizer ácerca de um individuo, que n'esse

tempo tinha o nome que eu hoje tenho, e do qual, segundo as theorias dos medicos, não conservo hoje uma só particula, sendo eu um, vivo e junto, elle outro, morto e disperso por todo esse mundo; todavia, porque ainda temos commum um leve som, que é o nome, quero lançar pontualmente na balança do juizo dos meus leitores os seus porquês; e, bons ou maus, foram estes :

Primeiro: que a abstinencia de uma só pessoa não poupava uma unica existencia de animal.

Segundo: que era presumpção ridicula o desquitar-se um sujeito, por alguns argumentos, de uma opinião e uso quasi universal; sendo assim, que todos os homens, guerreando-se entre si por crenças religiosas, por systemas philosophicos, por principios de politica e sciencia, por modas e gostos, todos se conformavam no comer das carnes.

Terceiro: que realmente era obstinação o desconhecer como a Natureza nos não aparelhára só para comer e digerir vegetaes.

Quarto: estar-nos ella dando nos proprios animaes, que uns de outros se sustentam, uma prova de ser menos esculpulosa do que Pythagoras e a poesia.

Quinto: que ella propria os multiplica á proporção do que uns a outros devem tragar.

Sexto: que, se ella faz com que cada passada, cada pedra que movemos, cada gotta de agua que engolimos, cada fruto ou folha que aproveitamos, cada sôpro que inspiramos ou expiramos, cada movimento emfim que fazemos, ainda dos mais indispensaveis para a vida, a destrua a milhões e milhões de en-

tes conhecidos, e a numero talvez ainda maior de desconhecidos, não ha por que nos tenha a grande peccado, o augmentarmos por nosso bem a lista com mais algumas unidades.

Setimo: que o adelgaçamento e crescimento de minhas faculdades intellectuaes, que eu esperára d'aquelle mais leve nutrição, não só se não tinha verificado, mas antes o contrario succedêra, posto que de diversas causas podêsse pender o successo; e por muito tempo me ficou o costume de, quando via versos fracos e desengraçados, dizer: Deviam estes de ser compostos por quem não comia senão hervas.

Oitavo, ultimo, e não leve motivo: que ainda que pouco dado ás delicias da gula, o cheiro e presença de melhores iguarias do que as minhas, de dia em dia me tentava mais; e quando succedia achar-me entre gente alegre, e em meza de festa, as ondas de tentação, que eu forcejava dissimular o melhor que podia, cresciam e redobravam com os motejos dos circumstantes, que bem poderiam ter sal, mas não que adubasse as minhas insôssas hervas.

*

De todos os varios antecedentes deduzo, que, sem embargo das objecções, autoridades, e exemplos, o uso das carnes se ha-de ter por licito, e por dythirambico o que lá fica no texto; mas que, fóra do caso de necessidade ou clara utilidade, e além do ponto em que essa necessidade ou utilidade pararem,

toda a sevicia contra viventes é immoral e injusta, insensata, e digna de muito grande castigo.

E tanto isto assim é, que, porque todo o carnicheiro de officio contrai na alma e nos modos alguma coisa de cruento e de tigre, em muitas partes se tem por infame. Em Portugal nenhum mechanico honrado e de conta acceitaria um tal para sogro ou genro, ainda com grosso cabedal de renda; nem de boca plebeia pode sahir mais afrontosa injuria, que o nome de magarefe. Em Inglaterra não os admittem jurados em causa crime. Na principal ilha das Canarias encontraram seus descobridores, que os naturaes, com viverem á lei de sua rudeza silvestre, «haviam por coisa mui torpe esfolar alguem gado, e n'este mister de magarefes lhes serviam os captivos que tomavam; e quando lhes estes falleciam, buscavam homens dos mais baixos do povo para este officio, os quaes vivia n'apartados da outra gente, e não os communicavam em aquelle mister» (*Barr. Dec. 1. L. 1. C. 12.*)

¡ Bem hajam os Inglezes, que formam sociedades para proteger animaes! e ¡abençoado seja o Inglez Deputado Martin, que para lhes fazer bem, se arrosta com os escarneos dos praguentos!

¡ Bem hajam os Allemães, que em seus campos não perdoam multa municipal aos que, no levar rezes pelos caminhos, as atravessam diante de si na albardadura, ou tolhidamente as apinhoam dentro em carros!

¡ E bem haja a nossa Camara, quando conseguir desterrar o escandalo do affrontoso

trato que nossos carreiros dão a seus bois, como já desterrou a atroz e immoral matança dos porcos perante os olhos do povo!

*

Quero rematar com uma reflexão, que já acima podéra ter cabido, mas que, por desejar dál-a por conselho, e pôl-a onde melhor se recommendasse, muito de industria deixei, para o fecho. Vai o dito a paes educadores, a quem toca. Nada importa mais, do que affazer cedo os meninos a uma grande suavidade de costumes; assim foi creado o bom Montaigne.

Se os eu tivesse, parece-me que tambem assim os crearia, e bem bons frutos lhes havia de colher na minha velhice.

Primeiro que tudo, parece-me que me conformaria com Rousseau em os não alimentar desde o leite senão com vegetaes, por entender, como elle, serem estes mais accommodados a suas naturezas, e mais proprios para physicamente os suavizar e humanar.

Mas não quero agora averiguar isto, que pertence a medicos; outro é o meu alvo.

Não consentira jámais que presenciassem espectaculos de atrocidades ou injustiça; e quando a minha má estrella lh'os apresentasse, procuraria afeál-os com boas razões, mais de affectos e lagrimas que de raciocinios.

As urbanas corridas de toiros, e as aldeanas festas de alanceamento de pombos, e frangos, e patos, como coisas antiquissimas e

nacional feição, as respeito; mas não leváralá os meus tenrinhos, que são mui branda cera para qualquer bom ou mau cunho.

Se de alguém lhes fosse insinuada a correnteissima abusão de nossos provincianos, de que em casa que devasta ou maltrata os ninhos do seu beirado tudo vai para traz, e de fôrça se ha-de aguardar por enterramento, calára-me, porque acho razão a Fontenelle em dizer, que, se na mão tivessese fechadas todas as verdades do mundo, Deus o defendesse de a abrir.

*Magnanima menzogna, or quando é il vero
Sì bello, che si possa a te preporre?*

Dar-lhes-hia, da Historia natural poetisada, tanta luz, quanta bastasse para levarem grande interesse nos fados de cada individuoinho que respira. Um raio de tal luz pôde bastar para pôr fim a muita dureza que provenha de cegueira.

Conheci e tratei com um Parocho de fóra da terra, que, desgostoso de que uma sua freguezia, rapariga nova, não povesse reparo em maltratar animaes, a chamou brandamente, explicou-lhe como tudo que era nascido devia ter algum entendimento, capacidade para dores e prazeres, parentes, amigos e affeições.

Com isto, só, a fez outra; e tão outra d'essa hora, que onde depois se lhe fazia de mister dar morte a uma pomba ou gallinha, ainda que em seu páteo não foram creadas, já o coração se lhe confrangia, tremi-

am-lhe os pulsos, e chegada á execução, não corria mais sangue da ferida, que mal acertava, do que lagrimas de seus olhos.

De mim mesmo me parece agora, que, se escrevi os versos a que me refiro, e em comental-os me alongo tanto, e uma e outra coisa de tão boa mente, de tudo deve ter sido raiz a criação, em tudo excellente, e n'esta parte bem empregada, que meu Pae se esmerou em dar a todos seus filhos.

*

Outra coisa fizera eu principalmente: era commetter-lhes o trato e tutela de alguns animaes caseiros, a quem podessem chamar seus. N'este exercicio aprenderiam a ser observadores, vigilantes, serviçaes; tomariam com o gosto da propriedade o amor do trabalho, havendo-se já por algum modo como paes de familias; costumar-se hiam a acautelar, prevenir, e amar; tomariam para toda a vida o geito de amparar fracos e desvalidos, e de não ver um qualquer individuo, sem logo compôr na imaginação a historia completa do seu viver, do seu padecer, do seu precisar.

*

Da efficacia de tal methodo, e tão simples, e tão formoso, tenho eu uma muito amavel prova de minhas portas a dentro.

Uma mulher, toda boa, toda extremosa, tomou unicamente a peito o vingar-me da

Natureza; cerca-me de continuo, como um Anjo, de amor e de luz; empresta-me olhos para eu ver o mundo e as obras dos seculos; tira diante dos meus passos todos os espinhos no caminho da vida; inventa-me um encantamento novo para cada minuto; diz-me, e faz me entender, como a verdadeira felicidade se não compõe de grandes pedaços, mas sim de atomosinhos que de longe se não podem perceber; repete-me e persuade-me que nasci para as Musas e para o amor, e não para a politica, nem para os odios; serve-me, vela me, e defende-me como a filho; ama-me como a esposo; zela o meu nome como o de irmão; lançou a sua vida na minha vida; o seu pensamento no meu pensamento; existe pelo meu amor; morreria se lhe elle faltasse.

¿Quem lhe ensinou tão generosa, tão nova benevolencia? ¿quem lhe deu tantos segredos de fazer feliz? as suas aves e pombas, a sua amiga, e alguns livros, unica sociedade da cella, onde desde seus annos verdes a Providencia m'a estava guardando e aperfeiçoando.*

(*) | Tudo isto, que eu julgava para sempre ir eu, passou! | Aprove a Deus mostrar-me só de relance a felicidade! Pouco mais de dois annos a illustre e digna sobrinha de Nicolau Tolentino de Almeida, a senhora D. Maria Isabel de Baêna Coimbra Portugal, se sacrificou toda a felicitar-me. O Pae de todo o amor e de toda a virtude a chamou logo para o seu seio: era aquelle um anjo que faltava no Ceo. Esta nota ao poema vai como se achava feita quando ella já me não escrevia, senão a espaços, mas ainda se comprazia de me ouvir dictar. Quando o seu fim era já inevitavel, todos o sabiam, e talvez ella mesma; e eu

Pag. 69, verso 25 e seguintes

O mesmo coração, desejos, gostos,
que teem nossos mortaes no peito occultos,
teem as Nymphas tambem, etc.

Por estes versos começa uma torrente caudal de coisas vans e doidas ácerca das mulheres, e relações dos dois sexos, que ora mais, ora menos turva, se vai alongando até pag. 78.

Apezar de se devolver por leito de quasi proza, e por entre margens para meu gôsto mal assombradas, bom seria que por ellas nos poderamos ir detendo, a pescar, e a examinar algumas das coisas mais graudas que vão na cheia. Seriam questões apraziveis de ociosa philosophia, mas prometti no prologo desprezal-as; perdoar-lhes-hemos; deixal-as ir seu caminho. Passem a seu salvo as regras de namorar á antiga; a arte não de amar, mas de enredar e colher, como o são quantas com titulo de *amar* se teem escrito; a polygamia, menos de Mahometano do que de Tupinamba; o divorcio e ulteriores nupcias dos divorciados e divor-

contava ainda com largos annos de fortuna. O mesmo advirto quanto ás mais notas e accrescentamentos d'este livro, que tudo estava prompto (faltando só algumas poucas notas, que não fiz nem já farei) antes do fatal dia 1.º de Fevereiro passado; 2 se imprimiu erradamente no Post Scriptum do Prologo. Se outrem não tivesse conservado essa data, e me não advertisse da inexactidão em que mal informado cabi, ainda agora a podera eu ignorar. Esse dia, as vespervas e os seguintes, não tiveram para mim nenhuma ráia nem de luz, nem de somno, nem de alguma outra das coisas que extremam os dias — 12 de Maio de 1837

ciadas ; a botocuda nudez dos sexos etc. Lá se avenham como poderem todas essas puerilidades com seus inimigos, que, se de minha Musa nasceram, muito ha que eu e ella as desherdámos.

O meu ponto agora é assentar boas pazes para sempre com as damas. Todas minhas obras, não só esta, *Cartas de Ecco, Amor e Melancolia, Noite do Castello, Ciumes do Bardo*, me devem ter perante ellas representado cavalleiro descortez de desleal poesia. Tempo é de mudar de côres, abjurar o erro, e, para merecer o perdão, que ellas de puro boas concedem antes de pedido, romper lanças em favor de sua fama, não só contra inimigos (se os podem ter) mas contra mim proprio, pelas ter aggravado.

E' uma nota estreita arena para tão singular duello : mas embora, que para outro dia e campo desafiado fica o *eu* mancebo desatinado e altivo d'outro tempo, por mim grave, reflexivo, e respeitoso ; o *eu* ver-sejador por mim pensador ; o *eu* academico e solteiro por mim casado e recolhido ; emfim por mim conhecedor do terreno do combate ; o *eu* ignorante d'elle, a cuja face já n'esta hora arreméssô a luva, e lhe digo: «Mentiste, e mercê de Deus e de minha Dama, provar-t'o-hei.» Mas, pois que é forçado ficar para outro dia a pendencia, aqui não farei mais do que um pouco ensaiar me para ella, campeando soltamente e esgrimindo nos ares.

*

Nenhuma coisa tem sido mais experimentada no mundo, e mais vezes definida,

que o amor; nenhuma ha tão mal e imperfeitamente comprehendida, como o amor. Falo do amor dos homens, unico de que os homens podem falar: o das mulheres é ainda mais incomprehensivel, e certamente muito mais espantoso, quando verdadeiro.

O que pretende dar regras de amar, como alguns outros fizeram antes de mim, e como eu proprio supponho que pretendi, assemelha-se ao astrónomo, que, tendo endoidecido á força de ter velado as noites a observar os astros, presumisse, riscando orbitas com o lapis, constrangêl os a seguil as. As espheras e os affectos sahem do nada ao sôpro de Deus, resplandecem com a sua luz propria e mysteriosa, vão-se ora afastando ora approximando de seus centros pelo caminho que sua natureza lhes ordena, eclipsam-se na hora prescripta, desapparecerão quando Deus fôr servido; sem que em tudo isso haja querer, escolha, presciencia, ou conhecimento de nossa parte.

Amamos uma mulher, e certa mulher, porque temos de a amar; porque é necessidade sua e nossa que a amemos; amâmo-la pelo modo que a Natureza quer, e não outro; não é uma acção, mas uma paixão. Se a premiã, é o premio gratuito; se a punem, é injusto o castigo, porque não recãem sobre um effeito de eleição. Ama-se uma mulher, repito, sem o procurar, sem o cuidar, sem arbitrio, a despeito da razão, da vontade, e dos votos, como á rosa, como á lua, como á harmonia, como aos sabores dos frutos deliciosos.

Para ellas se vai, como os rios dos montes

para os valles, como a chamma para o ceo, como a pedra do ar para a terra, como o menino para os peitos da ama, como o coração para o prazer. N'estas occasiões tudo em nós é extraordinario, e, se o posso dizer, sobre-natural: sentimo-nos forças que não possuíamos para querer, seguir, abraçar e reter; o pensamento se torna infinito, porque o objecto que procuramos, como uma metade nossa, que nos foge, nos apparece infinito.

Por dentro d'aquellas graças phyzicas, de que os sentidos se namoram, imagina-se um mundo extranho e illimitado de perfeições, de que se namora a alma; ahí se deseja tudo quanto é capaz de embellezar a vida; o desejo é logo esperança, a esperança certeza, a certeza delirio, e novamente desejos; e quem porá limites a desejos, a delirios, a esperanças? O abrangimento do infinito da Divindade em um corpo humano não é mysterio que o amor não saiba muito bem entender. E' aqui o logar de confessar, que a este sobre-humano conceito, que da mulher amada se faz, mil vezes corresponde plenissima realidade.

*

Por mais que a Natureza se aprimore em modelar, torneiar, corar, amaciar, brunir, bafejar e endeusar o physico da mulher, as suas graças, o seu merito, o seu ser de mulher não são esses dotes, sujeitos ao tempo e dependentes de um ar, assim como nas flôres não são mel as pétalas vistosas e coradas, o cheiro suave e attractivo, que o sol e o vento attenuam e desbaratam.

Diz-se que as feiticeiras teem o seu encantamento em um novêllo; o novêllo do feitiço das mulheres está no seu coração e no seu espirito, que n'ellas é também coração.

O coração da mulher não mora descansadamente reclinado no peito como o nosso; por toda sua alma esvoaça perdido de amor, gemendo de amor, como uma ave mãe e feliz por todos os ramos de um bosque de primavera; sente-se-lhe o frémito das azas, ouve-se-lhe a harmonia em tudo quanto diz, em tudo quanto cala, no que faz como no que deixa de fazer; no que pensa, recorda ou espera; nas lágrimas e no riso, no enfado e no contentamento, na vigilia e no somno.

O coração lhe está á porta interior de cada sentido, recebendo as impressões; para elle e por elle vêem, para elle e por elle ouvem, para elle e por elle presenciam a Natureza, communicam com ella e comnosco.

Um sôpro-divino formou a alma do homem; a da mulher de um beijo delicioso deveu ser formada.

Este affecto, esta doçura, esta, quero eu dizêl-o, feminidade da mulher, são de tão alta natureza, tão estremos de liga, tão independentes do fim mesmo para que a Providencia a destinou, que, me parece, ainda despojada de sentidos, poderia amar vehementemente como os espiritos angelicos.

¿ Que será quando os sentidos confluem, para atear com sua materia inflammavel este fogo celeste? ¿ quando a Vestal, afrontando todo o futuro, deixa apagar no altar da deusa de sua infancia a luz virginal que velou por tantos dias e noites? ¿ quando na tur-

bação insólita d'estas trevas desconhecidas, se entregou toda e com todo seu futuro ao ente que a implorou como divindade, e que ella sabe e sente em si tornará feliz por cima de todas as felicidades? ; quando uma vez encetou prazeres, cujo maior encanto para ella é dal os recebendo-os, e não os receber sem ao mesmo tempo consummar mais de um doloroso sacrificio?

;Oh! ;então é o amar do amar! o affecto, que já em profundeza não podia crescer, cresce em superficie, e trasborda todo e para toda a parte, como um perfume abundante; então é que sem voz pronunciou o *sempre*; que sentiu apertar-se-lhe nas entranhas a indissolubilidade do consorcio, porque o amor de phantasia se fez realidade, de desejo destino, de suspiro occulto gloria. A tudo tem já direito porque já deu tudo, não pôde de-sejar ser de outrem, porque a outrem não teria tanto que dar.

E é esta a grande differença da mulher ao homem, e do amor ao amor: o d'ella tem um abono e côr de eternidade; o nosso um elemento e uma côr de tempo.

Podéra ser emblema do nosso, uma náu alterosa e possante, surta em uma bahia aprazivel, mercadejando e folgando com a terra, empavezando ufanias de flammulas e galhardetes. aferrada ao fundo do mar com uma unha de ferro, mas podendo de uma hora para outra arrancal-a ou picar a amarra, desfraldar as vellas que sempre estão prestes, e vogar atravez de todas as ondas, por cima de todos os abysmos, a mercadejar e folgar no extremo opposto do mundo; em-

quanto a feminil afeição, cōmo barquinha contente e desambiciosa, feita para os ocios de sua enseada, coroada a pôpa ora de flôres abertas, ora de esperançosos verdes, sem deitar nenhuma ancora, não foge nunca d'entre aquellas margens conhecidas; por entre ellas vai e vem avoejando de contínuo, levando e trazendo sempre commodos e alegrias, sem curar que de sua barra em fóra haja outros mares, n'esses mares outras bahias; delicia-se na sua, onde tudo a festeja e saúda por seu nome, onde se entende com todos os ventos; todos os refugios conhece para o dia da tempestade.

O amor do homem, com os sentidos satisfeitos muita vez se satisfaz e adormece; como o frizão dos jogos Olympicos, que, chegado apoz violenta carreira a tocar na meta, surdo até ás vozes da gloria que o esporeou, se estirava para repouisar ou para morrer.

O amor da mulher, satisfeitos os sentidos, se restaura, resurge mais puro e extremoso, mais vivaz e promettedor; semelhante ás plantas, quando desfallecidas nos afrontamentos do verão se dessedentam com a chuva de uma nuvem que passou, e viçosas reverdecem para embalsamar os ares de seu valle.

Uma de muitas razões que para esta differença pôdem concorrer, é que n'essa hora adquiriu a mulher direitos, o homem contrahiui obrigações; as obrigações pezam, os direitos agradam; as obrigações limitam e apoucam; os direitos accrescentam e engrandecem.

Trocaram se os papeis na scena: o seguidor esquivava-se, a perseguida segue. O amor

do homem é só amor; o amor da mulher é amor e amizade: elle, porque pertence ao mundo, á gloria, e a tantas outras paixões, só tem meio coração, meia vontade, meio tempo para dar á sua companheira; esta, separada do mundo pelo mesmo mundo e pela Natureza, por isso mesmo mais raramente accessivel a outras paixões, dá ao seu amigo todo o coração, toda a vontade, e toda a vida; dar-lhe-hia, se podesse, mais vida, e mais coração, mas não mais vontade; com elle, por elle, e para elle, existe; na propria ausencia o tem presente; e quando cessa de abraçal-o, é para se gozar de o ter abraçado, e cuidar como logo o abraçará de novo, e volverá a ser d'elle amada, fazendo-o feliz.

*

Tal é o teor da Natureza: tem excepções e numerosas.

Corações ha de homens, que, sem ser effeminados, não desdiriam n'um peito feminino; e corações de mulheres, que, talvez bem nascidos e bem fadados, mas torcidos depois pela educação, quebrados pela sociedade, corruptos pelos exemplos, merecem as satyras, demasiadamente geraes, com que os autores de sua degeneração todos os dias lhes põem ferrete; mas essas, mais infelizes do que culpadas, os desgraçados que as pintem e condemnem. Eu pinto a mulher amante, a mulher perfeita, a mulher mulher, a mulher como a concebi, como a conheço, como a adoro.

Foi esta a que Deus fez e temperou de

poesia e harmonia lá na origem do mundo quando viu que não era bom que o homem vivesse só. Esta é a que depois de nos dar a vida, nol-a suaviza e apura; nol-a multiplica em entes novos; nol-a adoça nos momentos derradeiros; nos ama ainda, quando já não somos; dá seus beijos amorosos a uma pedra, porque do nosso nome lhe conserva uma lettra; e consummando o seu destino de amar, felicitar, sacrificar-se, ajoelhada na terra, nos vizita no mundo das sombras; estreitando o seu commercio com os Ceos que a esperam, para nós só os invoca, e depois de nol-os ter dado em amos- tra no tempo á força de amor, á força de amor nol-os grangêa na eternidade.

*

Custa a crer como um ente, que é metade da nossa especie, que das duas é a mais amavel metade, a mais carinhosa, em tantas coisas nosso egual para nos attrahir, mas com tantas differenças de nós para se nos unir ainda mais, que, se tem defeitos de nós os recebe, e nos dá em troca, sem o cuidar, tantas das virtudes que possuímos, custa, digo, a crer como um tal ente, a quem sua propria fraqueza devêra tornar inviolavel, poudes ver se em todos os tempos, e provavelmente continuará a ser até ao fim dos seculos, alvo e emprego das criticas mais desabridas, e mais grosseiras calúmnias.

Divindade extraordinaria, a quem seus proprios ministros e sacrificadores insultam adorando-a, e que de cima de seu altar, fra-

gil mas eterno, inalteravel em sua mansidão derrama sobre bons e máus a felicidade! Que a philosophia as injuriasse, não espantára. La Bruyére foi cruel para com ellas, Laroche foucault furioso, nenhum d'elles justo, nem sequer Francez: a philosophia não anda sem os philosophos; e todos sabem como os dados a esse triste officio, são, pelo demais, almas seccas e incapazes de avaliar branduras, entendimentos sem olhos de imaginação, unicos proprios para julgar da verdadeira belleza; homens emfim eremiticos, rusticos e ignorantes no meio da sociedade; e, para remate de suspeição, já alongados pelo inverno da vida: dá-se á philosophia o que as mulheres já não querem.

*

A poesia não tem sido menos descommedida; a poesia, que d'ellas e para ellas nasceu, cujas divindades foram com razão pelos antigos fabuladas em fôrma feminil, como as Graças, como os Genios de tudo quanto ha amavel na Natureza, a poesia, a seu máu grado, lhes tem sido rebelde todas quantas vezes os poetas, por de sobejo amantes e zelosos, precisaram desabafar desgraças verdadeiras ou phantasticas: a lyra acostumada a lhes entoar seraphicamente não louvores senão hymnos, resoou execrações, ás quaes responderam numerosos eccos; porque onde o numero dos ingratos e indignos era grande, não podia o dos maltratados e queixosos ser pequeno: e d'ahi nasceram essas civis guerras da litteratura a favor e contra o

sexo, guerras batalhadas nas salas e saraus, nos passeios e romagens, nas merendas das comadres, e nas academias, desde o Japão até Portugal, desde os serões da arca diluviana até os nossos dias, em que o amor cedeu á politica, e as questões das mulheres ás questões dos ministerios: *Factus est repente de coelo sonus, tamquam advenientis spiritus vehementer*. . Ah! vinha já querendo se intrometer o meu demonio meridiano: ápage!

*

Para as grandes pelepas de que falava, se despejaram todos os arsenaes da mystica theologia, da metaphysica, da historia sagrada e profana, das fabulas e anedotas, da physiologia e novellas.

Ficou largamente juncado o campo de cadaveres em folio, em quarto, em oitavo, em doze, em dezasseis, em trinta e dois, em sessenta e quatro; de pergaminho, de marroquim, de seda, de taboa, de papelão, de carneira, de papel; defuntos quasi todos sem amenta, e cujos nomes, se os houvesse de compillar, encheriam maior livro do que este.

Depois do derramamento de tantos rios de tinta, ainda pende a mesma questão; ainda até ao fim do mundo se tem de trazer para ella coisas que pareçam novas; e as cinzas de Lucrecia, Dido, Phryne, Sapho, Aspasia, Arria, Cornelia, Osmia, Heloisa, Christina, Catherina, Maria Theresa; as cinzas das que habitaram casaes, harens, palacios, mosteiros; as cinzas de Ninivitas, Gomorritas, Babilonicas, Espartanas, Atticas,

Romanas, Africanas, Botocudas, Amazonas bellicosas, Indicas bailadeiras, Viuvas Indostanicas, continuarão a ser revolvidas, pizadas e adoradas por modos sempre diferentes, e quasi sempre cegamente, até á consummação dos seculos.

A mulher physica principia a ser reconhecida; a mulher intellectual sel-o-ha; a mulher moral é o infinito.

*

A mocidade, quadra da vida em que reinam os mais encontrados ventos, em obras a maior vassalla e tributária do sexo, é, falando, escrevendo, e talvez pensando, a sua maior detractora.

Uma conversação de mancebos, embora amantes, não se detem senão em rebaixar o merito das mulheres: nascidos os disséreis das pedras de Deucalião e creados ás tetas das lobas.

¿Qual póde ser a causa d'esta mais que montezinha ferocidade? ¿Será inveja á superioridade modesta? ¿será despeito de vencidos? não; essas victorias, e ainda essas superioridades em virtudes, que não são as distinctivas do nosso sexo, facilmente se perdoam. E' a causa o mesmo natural instincto, que faz que os soldados em tempo de guerra, seroando entre as armas á fogueira ociosa do seu rancho, encareçam as derrotas do inimigo, e lhe assaquem fraquezas que não tem, para a si proprios accrescentarem animos e determinação para as futuras pelepas.

*

Facil é carecer das loucuras da idade que já não temos, ou que ainda não temos; blazona-se d'isso, mas não é virtude. Carecerporem dos vícios proprios dos nossos annos seria virtude; mas tão rara é, que o desposuila deve merecer vénia dos sizudos.

Era eu em toda a força de minha adolescencia, quando entre coetâneos, e a seu contento, cantava em meus versos desatinados os fracos e imperfeições de algumas mulheres, como fracos e imperfeições de todas, ou da maior parte. Da falsidade que n'isso havia me corro, mas muito do mais pouco delicado tom do meu cantar, porque se me figura agora delicto ainda muito mais grave, do que attribuir-lhes defeitos, o pintar-lh'os inamavelmente. A graça é o seu primeiro mérito; injurial-as graciosamente ainda não é de todo injurial-as.

De muita nuvem se desaffronta, e de mui grande carga respira um coração confessando suas culpas, mormente quando pelas confessar se torna a entrar absolto e regenerado na estima e benevolencia das dominadoras do mundo: quasi se folga, como me está succedendo, de ter tido a culpa, para merecer a vénia e saborear a reconciliação.

*

Transfuga dos arraiaes dos levantados, ás trincheiras d'ellas me recolho, não só com as armas com que as guerreei, para as defender, mas com uma bandeira para chamamento e reunião de outros.

Ressuscitaria, se podesse, para o meu novo campo todos os bem nascidos espiritos das edades cavalleiras e cortezes, para procurarmos salvar da ultima ruina o feminil imperio, que de dia para dia vai sendo entrado, talado e engolido da politica; fero monstro, em que tão mal assenta nome feminino!

E se o conseguissemos, se os moços que deixáram os affectos pelos debates, as sociedades pelos *clubs*, os versos e cartas apaixonadas pelos jornaes frios e praguentos, quizessem volver a seu natural officio de amar, de agradar e divertir-se, ; como se não amaciaria esta bruteza quasi cynica de nosso tempo illuminado, em que se não sabe ler!

A propria Liberdade lucraria, porque os seus nervos e verdadeiros espiritos vitaes não são outros senão as virtudes e as bondades: ; e quem como as mulheres, nos poderia ainda attrahir da praça onde se briga, odeia e persegue, para a casa onde se quer bem e se folga, para a casa onde até á ultima velhice nos educâmos, para a casa onde de bondades e virtudes nos dão ellas a todos os momentos exemplos vivos e formosíssimos? *Tellus, et domus, et placens uxor.*

;Oh! ;se eu podesse mostrar este meu pensamento, como me está florescendo na alma! ;dizer com palavras a mulher como a sei no meu coração! . . Mas feminina é a mão com que escrevo; ; como desenharia ella o seu retrato?

Pag. 83

FIM DA FESTA DE MAIO

Se o fim de qualquer obra é a sua corôa, custará a achar obra tão mal coroada como esta *Primavera*.

Dos quatro Poemas é a *Festa de Maio* o infimo, não contribuindo pouco para isso o seu estirado comprimento; e da *Festa de Maio* a infima parte é sem nenhuma dúvida a segunda e última.

Boa e mui fertil era a ideia primitiva, na qual, mas só na qual, mui casualmente me encontrára com o Allemão Gerstenberg no dithirambo que traz titulo *Chypre*. Desenvolveu elle a sua, pôsto que em prosa, como poeta mui valente: derramei eu, e enfraqueci a minha em pobrissimos versos (era tempo que na maior parte dos dias compunha trezentos e mais), que bem podéram, sem detrimento de pensamentos, ser reduzidos ao terço do seu numero.

Já poderei parecer importuno com tanto repetir confissão das minhas faltas; mas antes isso, do que se diga que eu as córo ou tapo, ou com tantos annos ainda não cahi em as conhecer cabalmente.

Quem a este meu cortar pelas proprias roupas chamasse affectação, muito se enganára comigo: censuro-me, não para atalhar alheias censuras; menos para provocar defensas aos que sempre folgam, quer em bem quer em mal, de encontrar as opiniões dos que escrevem; mas censuro-me, e em todas minhas coisas marco seu preço, para que os

agora principiantes lá ao diante se não queixem de mim, como eu podéra agora queixar-me de outros, com cujos livros me criei.

Consciencia e Verdade, ainda em mesquinhas letras, devem de ser escrupulosamente servidas: tem uma e outra alguma coisa de tão divinas, que por mais dolorosos sacrificios que de nós lhes façâmos, nol-os pagam com intima satisfação.

Certo é que, fazendo o que eu faço, se corre perigo de vir a um grande dissabor, como é, depois de sinceramente confessados os defeitos, sahirem os nescios na arte de criticar, e que nunca uma só linha escreveram, aproveitarem-se cobardemente de taes revelações, vozeal as como descobrimentos seus, e, vingando-se de sua propria esterilidade, triumphar miseravelmente dos descuidos, sem nenhuma menção das boas partes. Já isso por mim passou depois que dissertei ácerca da invenção da *Noite do Castello*.

Onde tal se escreveu, quem o escreveu, e como o escreveu, não o direi, que não quero em livros meus andar carreando dementes para a posteridade, se é que meus livros teem de lá chegar, como cá chegaram alguns bem ruins dos tempos atraz.

E a final, ¿que valem semelhantes pregões e taes pregoeiros, comparados com as suas duas maiores inimigas, que são a verdade e a consciencia? podera accrescentar a vergonha. Em meu conceito nada.

Por tanto sigam elles por seu caminho, onde se afogam em lodo, e todos lhes cospem na face; e eu, que nem sequer os tenho em assaz de conta para os odiar, centi-

nue a dar documentos do unico merito de que me prézo, que é a candura.

Para dar culto á Verdade e á Consciencia, não sacrificarei alheias famas, que me não pertencem, mas pela minha rasgarei afoito: far-lhes-hei de meu sujeito intellectual, o que de seus corpos diz Fernão Mendes que faziam lá em Tinagoogoo certos penitentes, que em procissões públicas se iam espedaçando ante os carros triumphaes dos seus idolos, e por fim se arremessavam por diante das rodas, para serem talhados e esmagados: *a que toda a gente, como refere o bom peregrino, com uma grande grita dizia: pachiloo a furão; que quer dizer: a minha alma com a tua. E descendo logo de cima do carro um sacerdote ... se chegava áquelles bemaventurados ou malaventurados ... e ajuntando os pedaços e as cabeças ... os mostravam ao povo de cima do mais alto sobrado do carro onde hia o idolo, dizendo n'um tom muito sentido: «Rogae peccadores todos a Deus, que vos faça dignos de serdes sanctos como este que agora morreu em sacrificio de cheiro suave.»*

MAIS PRIMAVERA

ADVERTENCIA

Os tres seguintes artigos veem, *mutatis mutandis*, trasladados da *Guarda Avançada*, jornal campeão da Carta e da Rainha, como todos os d'esse tempo, sem exceptuar um unico; jornal exagerado, e muitas vezes injusto sem querer, como o serão sempre os redigidos por almas novas e ardentes, sinceras e poeticas, inexpertas e temerarias, que presumem que uma revolução póde realizar os philanthrópicos sonhos de um solitario; jornal emfim de que eu fui collaborador, quando vivia para a Política, ainda que não da Política, e do qual perante minha consciencia me recordo com pezar, mas sem pejo, porque talvez fez males e grandes males, não aspirando senão ao bem. ; Tanto é verdade, que só a moderação é capaz de dar frutos abençoados!

Releia-se o meu prologo do *Tributo Portuguez*.

Aqui não quero accrescentar mais nada sobre materias, sim importantissimas, mas que eu já dou todas por um malmequerzinho dos campos.

Sáem pois os artigos substancialmente os mesmos. Pena será, se passado agora tanto tempo depois de escritos, os que por lá estão

espectadores das coisas publicas os acharem muito mais applicaveis aos presentes dias; e ainda maior lástima, se para o diante não vierem a perder boa parte de sua verdade.

Remato com o louvor, que no prologo deixei promettido, de meu mestre e amigo o Snr. Antonio Ribeiro dos Santos: fragmento copiado do Num. 2 do *Jornal dos Amigos das Letras*. Se a alguém parecer que não cai este sob o titulo de *Primavera*, paciencia; recebam-n-o como Nota, agazalhem-n-o como filho de gratidão. Para mim rescende elle muita primavera de puericia, e de um jardim das Musas.

MARÇO

(PRINCÍPIO DA PRIMAVERA)

Eis aqui os primeiros dias da graciosa estação.

Das flores lhe chamáram os poetas; melhor podéram chamar-lhe flor do anno.

A terra, como viuva ainda verde que se enfeita para novas bodas, a terra pelo sol repassada de amorosa quentura, vendo-o volver a afagal-a, depois de lhe haver por tanto tempo fugido arreia-se de todas suas galas, esperançosa sorri por entre a sua grinalda florída, embebe-se em perfumes, acerca-se de musicas voluptuosas, e suspira brandamente dentro nos arvoredos recémvestidos, nos valles alcatifados, pelas margens dos rios outra vez serenos.

Com razão foi a Primavera consagrada dos Antigos ás Musas e Graças; com razão se escolhiam as suas vésperas para o Pontífice Maximo accender o novo fogo, que devia durar todo o anno; com razão os paes de nossa língua deram a esta parte do anno um nome feminino, e os pintores apparencias de formosa moça; enquanto Estio, Outono e Inverno, pela aspereza, pela fôrça, pela gravidade, pertenciam a outro sexo.

Cada fonte se aliza em um espelho; cada pedra se veste em assento aveludado; cada haste nua se desaperta n'um ramalhete: tornam-se os bosques outras tantas republicas populosas, cujos cidadãos, livres como as virações,

voam, cantam, brincam, acariciam-se, desposam-se, educam a sua prole bafejada do ceo, e parecem não respirar senão o prazer da independencia, da ternura, e da melodia.

A Natureza revoca á vida innumeraveis especies de animaes, de que o Inverno só continha o germen; ás outras infunde, como aos passaros, um contentamento, uma ligeireza, uma attracção, que o Inverno lhes havia roubado ou amortecido.

Do ceo chove fecundidade sôbre tudo que é vivo; e tudo que é vivo sai trajado de festa, e por toda a parte encontra meza que Deus lhe assoalha, carregada de sua abundancia com luxo, magnificencia e formosura.

*

A humana especie não podia em tão geral favor ser esquecida, antes foi o seu quinhão de todos o mais largo.

O amor, que para nós não tem uma estação exclusiva, n'esta entretanto se nos desenvolve com recrescida actividade: é porque o proprio ar, impregnado de elementos vi-taes, nos está coando aos peitos uma extraordinaria energia; é porque tudo em de redor exemplos são que nos captivam: é porque o alvoroço e festa do universo convidam o coração a gozar; é porque ao florir da rosa dos jardins, muita e muita rosa esmorecida se reanima nas faces da belleza; é porque a voz da mulher então sai, não sei como, ainda mais doce; e tanto ellas mesmas sem o saber o sentem, que em toda a parte em que as horas e circumstancias do seu can-

to não andam assentadas nas tarifas da moda; insensivelmente se acham a cantar, e este novo attractivo parece n'ellas uma necessidade, como é nas aves da Primavera. Dir-se-hia que a Natureza nos manda às flores nos dias em que o amor nos instiga a offerecê-las.

*

Mas os feitiços da Primavera não se limitam nos da recreação e amor.

Um medico vos dirá que é ella a estação da saude; um sabio, a do vigor mental; um navegante, a do principio de confiança nos seus mares; o artifice a saúda como a que abre a porta a longos dias; o pastor, como a mãe da abundancia; o agricola vê as esperanças do anno desparzidas por suas terras, por suas vinhas, por seus pomares.

¡Ah! ;só os homens das cidades, tristemente condemnados á fadiga e ao luxo, quasi não encontram a primavera no seu anno! Para esses reduz-se a mais algumas horas de luz, e a uma pouca mais serenidade em um ceo sem horizontes.

¡Se ao menos se podesse esta serenidade reflectir nas nossas almas!... mas os redemoinhos das novidades, os raios das intrigas ambiciosas, o frio do desalento e carregadas nuvens ao longe esterilizam tudo; e se uma ou outra flôr de esperança nos desabrocha a medo, lá está logo a reflexão, filha do conhecimento dos homens, que a faz com um sôpro desaparecer.

O anno dos nossos destinos teve um inverno bem longo e rigoroso: n'elle sulcámos

a terra para semear liberdade e ventura; adubámol-a com o nosso sangue e corpos de nossos irmãos; regámol-a com o nosso suor e lagrimas; e agora que nós e nossos filhos esperavamos ao menos a florescencia que nos augurasse frutos para o futuro, a Deus approuve de outro modo; e uma torrente de iniquidades, que não quer parar, continua a assolar a terra de nossos avós.

ABRIL

Este mez, assim chamado por *abrir* o seio da terra á fecundidade; consagrado desde a infancia de Roma á deusa da formosura, á mãe das Graças, Amores e Jogos, é o primeiro que ousa, por debaixo ainda das ultimas nuvens chuvosas do inverno, sahir e folgar com seu manto verde, e bordado de flôres.

O dia da sua entrada era para os nossos antepassados uma festa popular, menos estrepitosa que o Carnaval, de que parecia imitação, mas tambem mais innocente e serena.

Ignoro se esse costume o herdaram elles de nações mais antigas, com quanto dos Romanos o não houvessem, de quem tantos outros lhes vieram.

Tão pouco me recordo de haver lido alguma origem historica aos brinquedos rituaes do primeiro de Abril; mas sabido é que elles existiram em nossa terra, e ainda hoje se lhes conservam os restos, mormente pelas Provincias.

O dinheiro pregado nas ruas, as cartas e presentes de lôgro, a pedra que chamavam das agulhas, a fôrca de Judas, e outras quejandas bagatelas para rir, estão entretendo n'esta hora bastantes dos nossos aldeões do norte.

*

As lembranças velhas teem para mim muito grande saudade, e doçura; doe-me o cora-

ção quando vejo ir-se perdendo estas seculares tradições, que a ninguém faziam mal, ainda que nascidas em berço de superstição, e que de bom tinham o transportar-nos a tempos sabidos, e remotos, ou a tempos mais remotos ainda, e ignorados.

¿E que é o que as apaga, e fica em seu lugar? odios, pobreza, e desgraças.

¿Oh! ¿aonde estará um poeta amigo dos serões e da innocencia, que se apresse em nos escrever os *Fastos* do nosso bom Portugal? No meio da confusão desconsolada do presente, nós beijariamos essa obra como santa reliquia em terra de infiéis; veriamos um iris vão mas brilhante, entre nuvens de tormenta.

Para excitar algum bom engenho a nol o dar, é que eu começo, e continuarei sempre, a recordar nos seus dias proprios as nossas antigualhas: o que farei com muita avidez, porque, d'aqui a alguns annos, o investigalas será já tarde.

Assim os pintores italianos se deleitam copiando os restos amortecidos das pinturas a fresco que sobre-vivem ao grande Imperio, e os antiquarios trasladam avidamente os enrolados livros das cidades soterradas, antes que de todo se desfaçam em pó.

MAIO

E' a apparição d'este mez uma festa da Natureza, em que sempre os homens se alegraram; quizeramos poder tributar-lhe algumas flores pelas tantas que nos elle concede.

Não teçamos o seu encomio d'aquillo que sendo sensivel a todos não carece de ser descripto. Zéphyros e rosas, rolas e rouxinoes, abelhas e borboletas, a terra toda verde, o ceo todo azul, as noites começando a fugir, como envergonhadas de esconder as alegrias da Natureza, objectos são que, ainda que desde a origem do mundo se apresentem sempre novos, já se tornáram logares communs nas descripções da poesia.

Voltemo-nos para as recordações; embalemos e adormeçamos com ellas por um pouco o espirito martyrisado dos absurdos e crueldades d'estes máus tempos, em que já se não criam fabulas risonhas e innocentes, coloridas pela imaginação, animadas pelo amor.

*

Foram os homens antigos os que, idolatras da concordia, para melhor a insinuarem á terra, collocaram nos astros a sua imagem brilhante, e ao signo de Maio chamaram o signo dos Gémeos.

Elles foram os que, sensiveis aos encantos das Artes, consagraram este mez a um deus, que, vivificando a Natureza pela luz e ca-

lor, presidia com a Lyra na mão aos prestigiosos artificios que a embellezam.

Almas petrificadas ha ahi, para quem estas saudades do mundo antigo são frivolas, comparadas com um artigo de gazeta; para nós é delicioso andar mergulhando pelo oceano dos seculos, e não voltar a assentar-nos na nossa Ilhota escabrosa e esteril, senão carregados dos coraes, das pérolas, das riquezas formosissimas, que se cá não produzem.

O fundador de Roma dedicou aos mancebos (*Juvenes*) o mez de Junho; era essa a idade que lhe fazia ganhar victorias, mas já primeiro havia consagrado o Maio aos velhos (*Majores*), porque, feroz como era, Romulo experimentava o affecto que nos attrái para com o antigo.

Passemos por alto festas misteriosas da deuzza Bona, celebradas pelas Romanas no primeiro de Maio, em todo o segredo dos Penates, e sem testemunha de verão; visitas das Vestaes ao Pontifice Maximo e principaes Magistrados da Republica; contemplemos a expiação dos Lémures, pois que usos nossos me parecem ter d'ahi recebido origem.

*

A' meia noite levantava-se o pae de familias, ia-se descalço, calado, e cheio de terror santo, á fonte, dando por todo o caminho amiudados estalos com os dedos para afugentar os genios máus. Lavava tres vezes as mãos, e tornando-se para casa, vinha atirando uma a uma, por cima da cabeça e para traz de si, favas negras, de que trazia cheia

a bocca, e articulando taes palavras: *Com estas favas me resgato a mim e aos meus*; — o que por nove vezes repetia, sem olhar para traz, para não espantar o espectro que vinha apanhando as favas negras. Tomava agua por uma ou duas vezes, batia n'um vaso de bronze, e para conjurar a sombra a lhe largar a casa, por nove vezes repetia: *Sahi, ó manes paternos*.

Eis provavelmente d'onde provieram estes sustos vagos, que ainda se dão a sentir aos homens rusticos no principio de Maio; este uso de se repartirem e comerem castanhas seccas para evitar que o Maio se apodere de nós.

A imaginação do bom Povo perdeu de vista essas larvas; mas o medo que ellas produziram lhe ficou: é uma especie de moeda, que, safada como está, de passar de mãos em mãos, ainda conserva a sua valia.

*

Outros costumes de Maio tem o nosso Portugal, a que folgáramos que alguém excavasse e descobrisse a raiz, sendo certo que na Historia a devem ter.

O Maio pequenino, que, seguido de todas as creanças do bairro, corre enfeitado de flôres as ruas da cidade, ao som de um cantar antigo e uniforme; aquellas mimosas Maias tão arraiadas e donosas, que á orla dos caminhos se encontram comprimentando os passageiros; aquell'outro estylo, já talvez hoje passado, de se deitarem n'um mesmo leito um casal de creanças innocentes,

para se lhes cantar em roda um como epithalamio, ou trova de suas bodas; os descantes amorosos dados com a viola n'esta occasião pelos aldeões ás suas escolhidas; não provirá tudo isto de alguma já perdida lembrança de culto da deusa Maia?

E a usança de ornar com flôres Maias as portas e interior das casas, não será reflexo distante dos festejos Romanos á deusa Bona?

*

A Religião, que para si tomou ornato de tantas joias ao Paganismo, não se desdenhou tambem de perfilhar este mez.

Em muitas freguezias, pelas nossas provincias do norte, o bom Parocho vai benzer no principio de Maio a bandeja de rosas que entre os devotos se distribuem e se commungam, porque esta flôr abençoada traz felicidade.

Veem depois aquellas tão esperançosas, tão cantadas e tão sabidas, Ladainhas de Maio.

Hoje os camponезes de França vão plantar o seu Maio á porta das pessoas honradas da sua freguezia; os Inglezes renovam de certo modo as antigas *Vigilias de Venus*; os Gregos, como se os seus poetas de outro tempo os inspirassem ainda, e a era das Elegias tornasse á reviver, vão descantar amores e pendurar grinaldas aos hombraes das suas inclinações; e os moradores de Roma, segundo nos foi dito por quem lá foi a essa terra de saudades, ainda agora se reu-nem na fonte de Egeria a respirar as delicias da Natureza, debaixo d'aquelle ceo de

tanto amor, que não a pensar em Numa e na grandeza antiga dos Romanos, de que a elles só veio em herança a terra coberta de muitas ruínas.

*

¿ Para que servem todas estas memorias? nos estão perguntando os insaciaveis de Politica. E nós não lhes sabemos responder senão que a nós estes pensamentos nos fazem muito bem, e que aos amigos de passatempos innocentes se não ha-de prohibir o que a ninguem faz mal.

Deixae-nos ser algum dia do anno semi-pagãos. São as superstições da Politica ambiciosa as que empecem á felicidade; mas estes graciosos prejuizos de nossos paes a nenhuma coisa do mundo damnam.

E de mais, se havemos de dizer toda a verdade, a fé, que a estes pobres erros acompanha, costuma trazer consigo muita piedade religiosa, e n'ella alguma doçura moral, que nem sempre vai por onde vai a desenganada Philosophia.

¿Ditoso d'aquelle engenho, que podesse trazer outra vez ao mundo a innocencia que nos lá ficou no paiz das fabulas! Mas interromper um sonho de poesia quando se julga que a felicidade vem apóz os nossos passos, voltarmo-nos, como Orpheu, para a abraçar, e vermol-a fugir e desapparecer n'um ai, e um mundo de realidades dolorosas estender-se immenso diante de nós, ¡oh! isto é muito triste!

A'cerca da pessoa
do senhor Antonio Ribeiro dos Santos

Posto que o escrever de varão tão conhecido dentro e fóra d'este Reino, qual foi o snr. Antonio Ribeiro dos Santos, já possa a muitos parecer excusado, o deixar de o fazer, mas que seja por alto, nem a oportunidade da occasião m'o consente, nem menos m'o consentiria o gosto, que sempre do refrescar essas memorias me resulta; por quanto na primavera de minha vida, e primeira manhan de minha poesia, foi que a boa de minha fortuna me deu conhecer este Nestor de nossa Litteratura, que já então, ao cabo de sua longa e proveitosa carreira, ornado de muitos meritos de sciencias e virtudes, respeitado e apontado de longe, poisava sereno e majestoso, aguardando pela sua hora, á beira da Eternidade.

*

Que fosse nascido nas terras do Douro, d'onde lhe prouve tomar nome de Elpírio Duriense; que fizesse com bons mestres seus estudos; que se tornasse, lendo na Universidade de Coimbra, um de seus mais lustruos luminares; que na Igreja e no Estado occupasse mui subidos empregos; que fosse o amigo e centro de quantos bons engenhos em seu tempo floresceram, não faltará quem o escreva entre seus outros muitos louvores.

Tão pouco me deterei dispartindo entre a Jurisprudencia, a Historia, as Antiguidades,

a Litteratura, e a Poesia, o opulentissimo catalogo de suas Obras, cuja maxima, e por ventura optima parte, ainda até agora não viu a luz.

Não hão-de ser mãos tão debeis como as minhas as que revolvam tamanhos tropheos, nem em tão pequeno espaço como este coubera retratar completo Homem que abrangeu duas edades, bemfazendo-lhes mutuamente a uma pela outra; antecipando em meio do seculo passado o gôsto, o apuro, a philosophia d'este nosso; transplantando para o presente o estudo, a boa fé, o saber do passado; e legando ao futuro thesoiros que andou desencantando das antiguidades remotissimas. Menos arremessados são meus desejos, e mais seguros, que só quero levar meus leitores a com este bom velho encetarem conhecimento.

*

Corre a primavera do anno de 1814 ou 15, que eu certo o não sei.

A morada de Elpino, que em um dos mais desafrontados altos de Lisboa está formosamente situada, longe do bulicio, como bem cabia á sua indole pacifica e genio estudioso, é um templo de Musas, religiosamente vedado aos olhos e vozes de profanos, isto é dos máus e ignorantes, unicos de todos os entes para quem sua porta e animo não eram hospedeiros.

Por aquellas salas, gravemente ataviadas á laia dos nossos antigos, de sedas e arrazes, alcatifas, tremós, espaldares, e soberbos quadros dos mais peregrinos pintores, reina

o silencio, e uma lembrança dos antigos e abundosos tempos de nossos avós, que tanto conforma com os nobres e portuguezes pensamentos de suas poesias, as quaes, se raras vezes voam sublimes, nunca, nem por sombras, desmentem da boa moral e san philosophia.

Aqui o bom Elpino nos recebe cordealmente, a meus irmãos e a mim; os filhos do seu amigo são seus amigos; os estudiosos das Musas portuguezas e romanas são os seus amores.

O ancião, que ainda entre sabios podéra ser ouvido como oraculo, remoja-se conversando com meninos, apouca-se para que o melhor comprehendam, orna-lhes a moral e o estudo com quantas flôres sabe; do centro da gloria lhes ensina por onde se abre o caminho que para lá conduz; e pelo grande espirito e persuasão com que fala, talvez consegue crear algumas vehementes vocações litterarias.

Outras vezes nos convida para a bibliotheca, suas delicias, e nos acompanha com a alegria na bocca.

Os seus olhos, como que ao fim de tanto lêr já quizessem descansar para sempre, não lhe alumiam o caminho; e semelhante áquelle grande Bardo Ossian, a quem, velho e cego, piedosa conduzia a moça Malvina para os logares usados de sua inspiração, no hombro de uma menina, sua afilhada e leitora, segurava o bom de Elpino uma das mãos, enquanto com a outra arrimada a um bordão, palpava o caminho, e se ajudava em seu quebrado andar.

*

Era a bibliotheca o intimo retiro d'este ermitão do Parnaso, fugida para longe das casas, pôsto que tão quietas, e frescamente asentada em meio de muitas sombras, verduras e aromas de seu jardim, hortas e pomares.

Grandissima cópia de livros, longamente procurados e custosamente juntos, e entre os quaes se estremavam no numero e riqueza os Gregos, os Romanos, e os antigos Portuguezes, ali estavam juntos, entre o sussurro estudioso das ramas, e os cantares descuidados dos passaros.

Um Apollo de marmore com a sua lyra em punho, parecia estar-se mui bem cabido e contente no meio d'aquelle seu alcaçar, cercado de tantos seus cultores, servido por tão venerando Sacerdote.

Lembranças são estas, que trago colhidas de minha infancia, e que transplanto para aqui, por não querer que se percam.

*

A'quelle Homem, n'aquellas tardes, e de baixo d'aquelle tecto, devo a grande veneração que ainda hoje consagro aos meus livros latinos, não poucos dos quaes m'os deu elle proprio; e, tocados de suas mãos poeticas, me inspiram ainda agora poesia e virtude, até cerrados; e n'elles confio que me hajam de servir de pranchas, com que, n'este pélaço de freneticas e descompostas innovações,

me não deixe, como tantos que mais valiam do que eu, totalmente sossobrar.

Nos seus ouvidos indulgentes lançava não só as primicias dos meus versos, mas ainda as traças e esperanças de obras que borbullhavam de uma seiba virgem de quatorze annos.

Escutava elle tudo com desvelada benevolencia, umas vezes apontando-me melhores caminhos, ou mais faceis, outras desviando-me de commettimentos maiores que meus annos e forças; agora revelando-me regras, logo insinuando-me as com exemplos, com que sempre fiel e muito a ponto lhe acudia a memoria.

¿Não é verdade que ha em tudo isto um não sei quê, por onde o que o pratica não póde menos ser de um grande homem?

¿Oxalá meus exforços melhor houvessem respondido a suas diligencias, ou me não houvesse elle desamparado no começo da carreira, para a qual apenas me apparelhrou!

Sim, porque embora me hajam a vaidade, a gratidão péde que eu publique, foi este Pontifice das Musas que me iniciou no seu culto, e no seu paternal enthusiasmo me disse: Tu serás poeta.

¿Scena digna de um pincel eloquente! um ancião coroadado de loiros, e cego como Homero, sagrando ao culto da mais bella das Artes, um menino cego como elle!

NOTAS

NOTAS DOS EDITORES

Pag. 25

As senhoras que em 1822 possuíam e habitavam junto a Coimbra a quinta das Cannas, á qual pertence a *Lapa dos Poetas*, eram tres irmans: a primogenita, senhora do vinculo, falleceu solteira; a immediata, D. Maria José de Mello Freire de Bulhões, casou com Henrique da Silva da Fonseca de Cerveira Leite, 1.º Barão e 1.º Visconde de Alcobaça, Tenente General, etc.; a mais nova, D. Maria Isabel de Mello Freire de Bulhões, casou com seu primo D. José Maria de Vasconcellos de Azevedo e Silva de Carvajal, depois 1.º Visconde e 1.º Conde da quinta das Cannas. Todas estas senhoras foram de antigo trato e intimidade da familia dos Castilhos; filhas de José Feliciano de Mello Godinho de Bulhões, e de sua mulher D. Theresa Rita Freire de Vasconcellos Castello Branco.

Pag. 27, lin. 13

Antiono era Antonio Ribeiro Saraiva, que tão respeitavel e celebre veio a tornar-se pelas suas constantes e desinteressadas adhesões á causa do senhor D. Miguel. Os proprios constitucionaes admirámol-o sempre.

Pag. 27, lin. ultima

Allusão ao poemeto de Salomão Gessner: *O primeiro navegante*.

Pag. 39, lin. 9

Castilho projectou um drama ao assumpto Ignez de Castro. Não consta o levasse a effeito; pelo menos, não appareceu entre os seus papeis.

Pag. 55, e seguintes

A insistencia com que o Poeta pede aos amigos lhe encham a taça, e as mil saudes que faz, são reminiscencias dos Antigos. Ninguem era mais sobrio do que elle no beber. Não distinguia Collares de Madeira, nem Xerez de Champanhe. Era uma costumeira velha isso de se fingirem os vates entendedores e cultores de Bacho; seguiu-a Castilho; não ha n'essa ficção perigo de entontecer, e ella a ninguem prejudica.

Pag. 72, lin. 9

Alcippe era a celebre Marqueza de Alorna, poetisa que então gosava de elevada reputação litteraria. Não se percebe o por que ella tem de perdoar a supposição do Poeta. Allusão perdida.

Pag. 75, lin. 27

Francilia era a poetisa D. Francisca de Paula Possollo, cujo nome andava por esse tempo nas auras da fama.

Pag. 114, lin. 19

A sua amiga, companheira, e confidente foi a Freira professa D. Anna Lucinda Monteiro, natural de Lordello do Oiro (Porto) fallecida depois de 1854 no mosteiro de Vairão.

INDICE

INDICE

VOLUME I

	Pag.
ADVERTENCIA DO EDITOR.....	5
ANTE PROLOGO.....	9
PROLOGO.....	31
POST-SCRIPTUM	54
EPISTOLA Á PRIMAVERA.....	57
Dedicatoria a minha irman.....	59
Duas palavras de introdução.....	61
Epistola á Primavera.....	65
O DIA DA PRIMAVERA (POEMETO).....	81
Dedicatoria a minha mãe.	83
Historia da festa da Primavera.....	85
O dia da Primavera—Canto I <i>A Manhã</i> ...	101
O dia da Primavera—Canto II <i>A Tarde</i>	115
Notas ao poemeto antecedente.....	131
Nota 1. ^a (<i>Elmano e Filinto — versificação es-</i> <i>druxula e aguda, etc.</i>).....	131
Nota 2. ^a de Augusto Frederico de Castilho.	164

VOLUME II

OS CANTOS DE ABRIL (IDYLLIO).....	5
Dedicatoria a meu pae.....	7
Advertencia.....	9
Os cantos de Abril (Idyllio).....	11
Nota ao Idyllio (<i>Excerpto de alguns versos</i> <i>da primeira edição do idyllio, rejeitados</i> <i>n'esta segunda</i>).....	20

	Pag.
A FESTA DE MAIO (POEMETO).....	23
Dedicatoria ás senhoras da Lapa dos Esteios	25
Historia da festa de Maio.....	27
A festa de Maio, Canto I.....	33
» » » » Canto II.....	55
Notas á festa de Maio.....	85
Nota 1. ^a (<i>com a traducção para latim dos amores de Galatea no Canto I da festa de Maio</i>).....	85
Nota 2. ^a (<i>Piedade para com os animaes — — alimento animal, etc.</i>).....	90
Nota 3. ^a (<i>em desaggravo das mulheres</i>)....	113
Nota 4. ^a (<i>sobre o 2.^o canto da festa de Maio</i>). MAIS PRIMAVERA.....	127
Advertencia	131
Março (<i>principio da primavera</i>)	133
Abril.	135
Maio.	139
A'cerca da pessoa do sr. Antonio Ribeiro dos Santos.....	141
NOTAS DOS EDITORES.....	146
	153

ERRATA

ao 1.º volume da *Primavera*

Pag. 110, antepenultimo verso: Onde se lê *correi* deve ler-se *correrei*.

Pag. 111, 1.º verso da divisão X: Deve supprimir-se a palavra *sem*.

Na nota 1.^a, pag. 131, cita se erradamente o verso 3.º da pagina 118, quando devia ser o verso 6.º da pag. 113.

